



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA - PPGLL**



JANYELLEN MARTINS SANTOS

**A REFERENCIAÇÃO NO DEBATE POLÍTICO:
PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO**

Maceió

2018

JANYELLEN MARTINS SANTOS

**A REFERENCIAÇÃO NO DEBATE POLÍTICO:
PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, na área de concentração Estudos textuais: oralidade, leitura e escritura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos

Maceió

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

S237r Santos, Janyellen Martins.
A referenciação no debate político : processos referenciais na construção do sentido
/ Janyellen Martins Santos. - 2019.
147 f.

Orientadora: Maria Francisca Oliveira Santos.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística. Maceió, 2018.

Bibliografia: f. 124-126.
Apêndices: f. 127-147.

1. Análise do discurso. 2. Processo cognitivo. 3. Discussões e debates. 4.
Argumentação. 5. Construção de sentido. I. Título.

CDU: 81'42



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



TERMO DE APROVAÇÃO

JANYELLEN MARTINS SANTOS

Título do trabalho: "A REFERENCIAÇÃO NO DEBATE POLÍTICO: Processos referenciais na construção do sentido"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Prof.ª Dra. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dr. Cristiano Lessa de Oliveira (Ufal)

Prof.ª Dra. Fabiana Pincho de Oliveira (Ufal)

Maceió, 10 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de esperança nos momentos difíceis.

A minha mãe, Salete, pelo seu apoio e incentivo incondicional.

A minha orientadora, Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos, pela orientação durante essa jornada.

Ao meu noivo Romildo Barros, por todo o seu companheirismo na vida e no mestrado.

À Janieide, pelo grande auxílio na superação de dificuldades e barreiras nos últimos tempos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa durante todo o período do mestrado.

Aos professores do Curso.

Aos que contribuíram direta e indiretamente nesse processo.

Se a vida humana pode ser vista como um texto, ela está naturalmente no limite entre o *mas* e o *ainda*, entre o *porém* e o *quando*.

Iran­dé Antunes

RESUMO

Este trabalho analisa como os processos referenciais no gênero debate político atuam para a constituição da textualidade e da argumentação nesse gênero, no que concerne aos processos sociocognitivos envolvidos na referenciação. Para isso, buscou-se observar quais processos são mais evidentes no gênero debate; avaliar como os fenômenos referenciais desse gênero instauram os três fundamentos da referenciação; analisar de que maneira a recategorização metafórica atua na constituição da tessitura textual e do processo argumentativo no debate político. Abordou-se, ainda, sobre os gêneros textuais, sua definição e classificação, bem como a caracterização do gênero debate político, o qual é tido como público e regrado e de base argumentativa, uma vez que nele os debatedores buscam convencer eleitores indecisos de que são os candidatos mais aptos para presidente. O referencial teórico conta com as contribuições de Antunes (2005), Bentes (2012), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Costa (2009), Custódio Filho (2011), Fávero e Koch (2012), Koch (2004), (2011), (2012), (2013), (2014) e (2015), Koch e Elias (2009), (2015), (2016a) e (2016b), Köche, Boff e Marinello (2010), Marcuschi (2003), (2008), (2010), (2012), Moreira (2002), Preti (2000), Xavier (2014), entre outros. O estudo segue uma abordagem qualitativa, segundo a qual foram analisados os dados da pesquisa de modo interpretativo, evidenciando a relevância dos processos referenciais observados, sem focalizar em sua quantificação. O *corpus* é constituído de fragmentos do debate da rede Band de televisão do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, em 2014. O referido debate foi selecionado aleatoriamente entre nove debates políticos do primeiro e segundo turnos, os quais compõem o universo da pesquisa. Para a análise dos dados orais, fez-se a transcrição com base nas normas de Marcuschi (2003) e Preti (2000). As análises mostraram como diferentes processos referenciais atuaram na constituição da textualidade e da argumentação no debate político, os quais evidenciaram como a linguagem reconstrói a realidade de forma negociada e sob uma perspectiva sociocognitiva. Viu-se, ainda, como a recategorização metafórica promoveu o sentido, por meio de processo complexo de inferenciação, e a argumentação no debate pela construção de objetos de discurso a partir dos pontos de vista dos enunciadores.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Debate político oral. Referenciação. Sentido.

ABSTRACT

This paper analyzes how the referential processes in the political debate genre act for the constitution of textuality and argumentation in this genre, as far as the sociocognitive processes involved in referencing are concerned. For this, it was sought to observe which processes are more evident in the debate genre; to evaluate how the referential phenomena of this kind establish the three foundations of reference; to analyze in what way the metaphorical recategorization acts in the constitution of textual tessitura and the argumentative process in the political debate. It was also discussed on the textual genres, their definition and classification, as well as the characterization of the genre political debate, which is considered public and regulated and argumentative basis, since in the debate the voters try to convince undecided voters that are the most suitable candidates for president. The theoretical reference has the contributions of Antunes (2005), Bentes (2012), Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), Costa (2009), Custódio Filho (2011), Fávero and Koch (2012), Koch Koch and Elias (2009), (2015), (2016a) and (2016b), Köche, Boff and Marinello (2010), Marcuschi (2011), (2012), (2013), (2014) and (2015) (2003), (2008), (2010), (2012), Moreira (2002), Preti (2000), Xavier (2014), among others. The study follows a qualitative approach, according to which the research data were analyzed in an interpretive way, evidencing the relevance of the referential processes observed, without focusing on their quantification. The corpus consists of fragments of the debate of the television network Band of the second round of presidential elections in Brazil in 2014. The political debate was randomly selected among nine political debates of the first and second shifts, which make up the universe of the research. For the analysis of oral data, the transcription was done based on the norms of Marcuschi (2003) and Preti (2000). The analyzes showed how different referential processes acted in the constitution of textuality and argumentation in the political debate, which showed how language reconstructs reality in a negotiated way and from a sociocognitive perspective. It was also seen how metaphorical recategorization promoted meaning through a complex process of inference, and the argumentation in the debate by the construction of discourse objects from the points of view of the enunciators.

KEYWORDS: Argumentation. Oral political debate. Reference. Sense.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UM BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	13
2.1 As fases da Linguística Textual	15
2.2 Origens da Linguística Textual: os precursores	19
2.3 Categorias textuais: a coesão textual - breves conceituações e classificações	23
2.3.1 A coesão textual: um panorama comparativo	26
3 REFERENCIAÇÃO: CONCEITUAÇÕES E REFLEXÕES	34
3.1 A progressão textual pela referenciação: processos, recursos e estratégias	41
3.1.1 A introdução referencial e anáfora direta	43
3.1.2 Recursos referenciais	46
3.1.3 A anáfora indireta e a anáfora associativa	53
3.1.4 A dêixis	56
3.2 Estratégias referenciais: as funções das expressões nominais	61
3.2.1 A recategorização	61
3.2.2 O encapsulamento	63
3.2.3 A categorização metaenunciativa	65
3.2.4 Organização micro e macrotextual	66
3.3 Argumentação e referenciação	67
3.4 A recategorização metafórica: um novo processo de reconstrução de referentes	71
4 ASPECTOS TEXTUAIS: TEXTO, ORALIDADE E GÊNEROS TEXTUAIS	77
4.1 Texto: considerações e definições	77
4.2 Oralidade: características e especificidades	82
4.3 Gêneros textuais: aspectos gerais	84
4.3.1 Os gêneros primários e secundários	87
4.4 Definição do gênero debate	88
4.4.1 O debate político televisionado: características	90
4.4.2 As regras do debate da rede Band	92
4.4.3 O debate político televisionado como um gênero argumentativo	92
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS	94
5.1 Análises de dados	96
Análise 1	97
Análise 2	100
Análise 3	102
Análise 4	103
Análise 5	105
Análise 6	106
Análise 7.....	108
Análise 8.....	110
Análise 9	112
Análise 10	114
6 CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICES	127

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as pesquisas na área da Linguística Textual, doravante LT, têm evoluído, sobretudo, no estudo da referenciação, a qual não é mais considerada como um fenômeno de representação da realidade, mas sim como um meio de reelaboração do real por meio da linguagem, sob um viés de negociação de sentidos e de processo sociocognitivo. Assim, a referenciação se constitui como uma atividade sociodiscursiva. Nessa perspectiva, os estudos em referenciação não se limitam mais à investigação da anáfora, num âmbito mais cotextual, portanto voltado ao texto escrito, mas passam a vincular cotexto e contexto no processamento textual. Logo, passam a focalizar os processos referenciais sob um foco sociocognitivo. Isso permite a abertura de novas possibilidades de análises e em diferentes gêneros textuais.

É nesse sentido que este trabalho tem como objetivo geral analisar os processos referenciais presentes no gênero debate político, sobretudo os que se alinham às novas perspectivas de estudo da referenciação, atentando-se à forma como tais processos contribuem para a construção da textualidade e da argumentação. Dessa forma, esse estudo não somente tem ênfase em categorias como a anáfora direta e indireta, na dêixis, no encapsulamento e na recategorização, mas, principalmente, em um novo processo de (re)construção de referentes em um texto, que é a recategorização metafórica. Assim, o foco não é promover apontamentos dos elementos que retomam um determinado referente em um segmento textual, mas sim avaliar a funcionalidade desses processos no processamento textual e argumentativo no debate político.

Nessa perspectiva, o trabalho se localiza nos estudos da referenciação, um dos segmentos da coesão textual, a qual é uma das propriedades da textualidade estudadas pela Linguística de Texto. Dessa forma, o trabalho se mostra inovador por propor uma análise de processos, às vezes, incompreensíveis em um gênero oral que já traz em si, também, a especificidade de ser construído no ato de sua execução.

A motivação para estudar categorias da Linguística Textual apareceu a partir do projeto PIBID-Português “GÊNERO E TEXTO: encontros metodológicos e fruições”, entre 2012 e 2014 (coordenado pela Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira

Santos, orientadora deste estudo). Nele, foi possível efetuar estudos voltados aos gêneros textuais, com o foco em gêneros argumentativos, à LT e suas categorias da textualidade, com ênfase na coesão textual.

O interesse em analisar gêneros orais surgiu, por sua vez, a partir de leituras da obra *Análise da conversação: princípios e métodos* de Catherine Kerbrat-Orecchioni. A possibilidade de relacionar os estudos de categorias textuais da LT em um gênero oral surgiu a partir atuação no projeto PIBIC-Português “Análise do debate político numa visão retórico-textual”, em 2015, também sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos. Além disso, por se tratar de um gênero atual, muito difundido no período eleitoral, porém pouco estudado, viu-se a viabilidade de se fazer uma pesquisa sobre aspectos textuais no debate político televisivo.

Dessa forma, o estudo desenvolvido no projeto foi basilar para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Um olhar sobre os articuladores textuais na argumentação do debate político televisionado”, no qual se analisou a atuação dos articuladores lógicos e argumentativos na argumentação do debate político. Posteriormente, a pesquisa realizada no PIBIC foi importante para a constuição do projeto de mestrado, a partir do qual foi produzido o presente trabalho, pois todo o processo de coleta dos debates políticos televisivos, a seleção e a transcrição do debate escolhido para a constituição do *corpus*, foi realizado pelo Grupo Linguagem e Retórica (GLARE) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), por meio do projeto PIBIC-Português.

A partir dessas considerações, alguns questionamentos foram levantados: a) Quais processos da referenciação são mais evidentes no gênero debate político? b) De que maneira os diferentes processos referenciais contribuem para a constituição da tessitura textual e da argumentação nesse gênero? c) Como os fenômenos referenciais presentes no debate político evidenciam os três paradigmas da referenciação: a negociação de sentidos, a perspectiva sociocognitiva e a reelaboração do real? d) Como a recategorização metafórica atua na formação do sentido e da argumentação nesse gênero? As respostas a essas indagações procuraram ser desenvolvidas ao longo deste trabalho.

Em relação às seções que compõem o estudo, em um primeiro momento, são abordados os aspectos gerais do trabalho, objetivo e questões norteadoras. Na

segunda parte, são feitas considerações acerca das origens da Linguística Textual, seus diferentes períodos, contribuições diretas e indiretas recebidas por diferentes áreas do saber e teóricos da linguagem, que auxiliaram na sua constituição e consolidação como campo de estudo, desde seu início até os dias atuais, contando com as contribuições de Weedwood (2002), Fávero e Koch (2012), Marcuschi (2012), Bentes (2012), Koch (2004), Reboul (2004), Bechara (2009) e Fiorin (2007).

Além de se fazer um panorama sobre a coesão textual, tratando dos estudos iniciais, sua definição e caracterização, tendo as contribuições de Antunes (2005), Koch (2004), (2011), (2012), (2014), Marcuschi (2008), fez-se ainda uma comparação entre os estudos iniciais com base em seus precursores, Halliday e Hasan, e a sua evolução a partir de obras sobre a coesão textual, com base em Koch (2004) e (2014).

Em um terceiro momento, o trabalho aborda a referenciação, no que se refere a sua perspectiva mais atual, na qual esse fenômeno é considerado uma atividade discursiva, baseada em três fundamentos: referenciação como **processo de reconstrução da realidade, resultado de uma negociação de sentidos** e de **natureza sociocognitiva**. Além do mais, são abordados os principais processos e recursos referenciais, bem como a relação entre a referenciação e argumentação e um destaque para um novo processo referencial, a recategorização metafórica. Essa abordagem teve como referência as pesquisas na área da Linguística de Texto, sobretudo da referenciação, Custódio Filho (2011), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Koch (2004), (2011), Koch e Elias (2009) e (2015), Antunes (2005).

Além disso, em um quarto momento, tratou-se do texto, oralidade, gêneros textuais, a definição, a caracterização e a classificação do gênero debate político, cuja principal base teórica foram os estudos de Costa (2009), Köche, Boff e Marinello (2010) e Marcuschi (2008), que trouxeram contribuições sobre a definição de texto, as ideias sobre texto ao longo do desenvolvimento da LT e a perspectiva de texto estudada atualmente; assim como a discussão sobre a modalidade oral da língua, seu espaço na sociedade e a desmistificação da dicotomia oralidade versus escrita, além da definição de gênero, sua caracterização, classificação e sua importância nas interações verbais e, principalmente, sobre as características textuais do gênero em estudo neste trabalho.

Na quinta parte deste trabalho, tratou-se da metodologia de pesquisa, focalizando a abordagem qualitativa, a qual é usada neste estudo, com base nas considerações de Cajueiro (2013) e Moreira (2002). Além do mais, foi feita a análise do *corpus*, o qual é constituído de recortes de um debate político televisivo do segundo turno das eleições presidenciais de 2014, selecionado dentre nove debates, ocorridos no mesmo período eleitoral, tanto no primeiro quanto no segundo turno. Para o processo de análise, foi realizada a transcrição desse debate com base em uma tabela com adaptações das regras de transcrição de Marcuschi (2003) e Preti (2000), desenvolvida pelo Grupo Linguagem e Retórica da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), a partir do projeto PIBIC-Português “Análise do debate político numa visão retórico-textual”, em 2015.

Nas análises, observaram-se quais processos referenciais foram utilizados pelos enunciadores (são assim denominados os candidatos participantes) em diferentes momentos do debate, buscando observar as implicações desses processos na constituição e manutenção dos sentidos no gênero debate, como também se eles auxiliam na perspectiva argumentativa desse gênero e, principalmente, se os processos evidenciados promoveram não somente reiteraões, mas a reelaboração do real por meio da linguagem. Na sexta e última parte deste estudo, tem-se a conclusão do trabalho em que se apresenta uma síntese dos resultados e as respostas às perguntas norteadoras apresentadas nesta primeira seção.

Diante disso, o estudo se mostra relevante por analisar a atuação de diferentes processos referenciais em um gênero oral, cuja constituição demonstra o nível de complexidade na constituição de processos e estratégias referenciais, as quais ocorrem não somente na fala isolada de cada debatedor, mas na interação entre ambos. Isso ocorre porque os candidatos efetuam reiteração de objetos de discurso de suas próprias falas ou as de seu oponente, como também promovem a reconstrução da realidade, a partir de uma negociação de sentidos entre os debatedores e o público e da inter-relação dos aspectos sociais e cognitivos presentes nas interações.

2 UM BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

No interior da Linguística, na ciência da língua(gem), observa-se a existência de duas grandes ramificações em suas abordagens: a microlinguística, também chamada de “núcleo duro”, e a macrolinguística. A primeira é voltada para os fenômenos da língua em si mesma, tendo como foco os estudos da fonética e da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica e da lexicologia. Dessa forma, no âmbito do núcleo duro, a língua é estudada por si mesma, numa perspectiva mais estrutural, sem levar em consideração o seu aspecto social, conforme Weedwood (2002).

A macrolinguística, por seu turno, é mais abrangente quanto aos fenômenos linguísticos estudados, pois considera a língua para além da sua estrutura, portanto, “a sua função social, à maneira como [as línguas] são adquiridas pelas crianças, aos mecanismos psicológicos que subjazem à produção e recepção da fala, à função literária ou estética ou comunicativa da língua [...]” (WEEDWOOD, 2002, p.12). Nela, têm-se disciplinas como a Pragmática, a Análise do Discurso, a Psicolinguística, a Análise da Conversação, a Sociolinguística, a Neurolinguística e a Linguística de Texto, a Estilística, a Linguística Histórica, a Computacional, entre outras.

A Linguística de Texto está incluída na macrolinguística, o que implica que suas abordagens vão além do nível estrutural. Essa área de estudo da Linguística surgiu em meados da década de 60, na Alemanha, com uma proposta de investigação que toma o texto como seu objeto de análise e não mais categorias menores, como palavras e frases. Fávero e Koch (2012) afirmam ainda que a expressão “Linguística Textual” fora utilizada pela primeira vez por Weinrich (1966-1967), na perspectiva em que é vista hoje. Por outro lado, esse termo também pode ter sido visto antes em Cosériu (1955).

Antes de seu surgimento, as pesquisas se limitavam às unidades menores e isoladas da língua, como os fonemas, os morfemas, as palavras e as frases. Desse modo, segundo Marcuschi (2012, p.11), os estudos eram restritos apenas aos processos de produção e aos textos escritos, “desconsiderando a diversidade de usos

e situações comunicativas e, conseqüentemente, não dando conta das características do texto.”.

No entanto, havia fenômenos linguísticos que só poderiam ser compreendidos para além do nível da frase, cujas teorias até então não davam conta como, por exemplo, as relações entre frases não ligadas por conectivos, a definitivização, entre outros. Além do mais, como a interação verbal não acontece por meio dessas unidades mencionadas, mas sim por textos, era preciso tomar o texto como objeto dos estudos da linguagem e tomá-lo, ainda, segundo Marcuschi (2008), como uma unidade de sentido e não como uma mera extensão da frase ou um agrupamento desta. O exemplo 1 mostra um dos processos mencionados (relações entre frases não ligadas por conectivos, facilmente subentendidos).

Exemplo 1¹

E2 - /.../ os brasileiros estão aqui pra saber o que nós vamos fazer para o nosso futuro... eu terminei o meu mandato sem qualquer denúncia... não respondo a nenhum processo... candidata... ao contrário do seu governo...

Nesse exemplo, vê-se como E2 não faz uso de conectivos entre os enunciados nesse recorte, porém apresenta sentido completo devido ao contexto interativo e às nuances desse gênero oral que é o debate. Essas observações só puderam ser notadas ao se considerar esse fragmento em nível de texto e não como segmentos isolados, meras frases. Diante disso, a Linguística Textual se desenvolveu para sanar as lacunas das gramáticas da frase no tratamento desses e de outros fenômenos, como a ordem das palavras no enunciado, a entoação, a concordância dos tempos verbais, os quais só poderiam ser explicados em termos de texto ou em referência a um contexto situacional.

Nesse sentido, a Linguística de Texto surge com o propósito de explicar fenômenos em nível do texto e de reintroduzir o sujeito e a situação de comunicação, “[...] excluídos das pesquisas sobre a linguagem pelos postulados dessa mesma

¹ Este e os demais exemplos apresentados no trabalho foram retirados do debate político estudado neste trabalho, do qual também se obtém o *corpus*. As denominações E1 e E2 se referem aos candidatos, e E3 ao mediador do debate e designam Enunciador 1, 2 e 3.

Linguística Estrutural – que compreendia a língua como sistema e como código, com função puramente informativa.” (BENTES, 2012, p.261).

Com base na definição de Linguística de Texto por Marcuschi (2012, p.33), denominada por ele como “provisória”, tem-se uma expansão dos próprios objetivos de estudo dessa área: “Proponho que se veja a LT [...] como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais.”. A partir de tal conceito, a Linguística Textual não mais se limitaria aos propósitos iniciais. Desse modo, de acordo com Koch (2014), a LT estuda os aspectos que estabelecem a textualidade, o que faz de um texto um texto, fatores representados pela coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, intertextualidade, situacionalidade e aceitabilidade.

Em relação a sua trajetória, sua constituição não foi homogênea, tendo, pois, a influência de diferentes perspectivas teóricas e metodologias variadas (BENTES, 2012). Além disso, seu desenvolvimento se deu em diversos países da Europa e fora dela também (MARCUSCHI, 1998a apud BENTES, 2012).

2.1 As fases da Linguística Textual

Qualquer área de estudo ou disciplina passa por períodos de mudanças e ajustes até alcançar seu estágio de consolidação. Com a Linguística Textual não foi diferente. Dessa forma, tendo em vista o enquadramento deste trabalho na área da Linguística de Texto, é importante mostrar as etapas pelas quais essa disciplina passou até seu momento mais atual, evidenciando, assim, sua evolução e as contribuições que obteve em cada fase para que se tornasse o que é hoje.

Nesse sentido, até chegar ao seu momento presente, a Linguística Textual passou por três momentos distintos: a *análise transfrástica*, as *gramáticas textuais* e as *teorias do texto*. Fávero e Koch (2012, p.17) ressaltam que essa divisão é de ordem tipológica e não cronológica, pois da passagem de um período para outro não há “uma sucessão temporal, constituindo-se cada um deles em um tipo diferente de desenvolvimento teórico.”. De acordo com Bentes (2012, p.262-3), a LT foi, de fato,

amplificando gradativamente o seu objeto de estudo, como também foi se distanciando, gradualmente, “da influência teórico-metodológica da Linguística Estrutural saussuriana”.

Na fase da *análise transfrástica*, os estudos se voltavam às relações que poderiam ser estabelecidas entre os enunciados ou as suas sequências, que seriam constituintes de uma sequência significativa, o texto, como afirmam Fávero e Koch (2012). Procurava-se, assim, ir além das pesquisas limitadas às frases, portanto, a ideia era seguir do nível da frase para o texto, (BENTES, 2012). Essa mudança foi impulsionada justamente pela percepção dos pesquisadores de que havia fenômenos que não poderiam ser explicados por tais teorias, como a relação de correferência, a qual só poderia ser entendida dentro do texto. Tal fenômeno era tido como um dos principais fatores de coesão e, portanto, era o que mais recebia atenção dos estudiosos desse período.

Sobre este fenômeno, havia uma problemática: o fato de haver “apenas a presença do mecanismo de correferenciação, ao longo de uma sequência, não garante que esta se constitua em um texto” (BENTES, 2012, p.264). Assim, a simples relação entre um pronome e um nome, por exemplo, não veicularia uma sequência significativa.

Nessa perspectiva de estudo, têm destaque os trabalhos de Harweg (1968), que considerava “o texto como uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta.” (FÁVERO; KOCH, 2012, p.18). Assim, para ele, o que tornava um texto um texto eram os pronomes. Esse conceito de texto era um dos principais da época, de acordo com Bentes (2012). Outra noção de texto importante era a de Isenberg, que o definia como uma sequência coerente de enunciados.

Assim, observa-se que as definições de texto ainda estavam longe das designações atuais, visto que as pesquisas ainda estavam voltadas à perspectiva estruturalista, por isso o texto ainda era considerado uma frase complexa ou mesmo uma sequência significativa de vários enunciados (KOCH, 2004).

Em relação ao desenvolvimento dessa etapa da Linguística de Texto, vê-se que os estudos dos processos correferenciais, conjuntamente com a expansão das

“classificações já existentes dos tipos de relações passíveis de serem estabelecidas, entre as orações, por meio de determinados conectivos, que fizeram com que se desenvolvesse a linha de pesquisa denominada ‘análise transfrástica’.” (BENTES, 2012, p.264, grifo da autora).

Fávero e Koch (2012) salientam que, nessa primeira fase, houve uma ascensão dos estudos textuais, pois eles já não se limitavam ao mero estudo da frase, porém ainda não havia uma perspectiva mais autônoma para tratar do texto e nem um modelo teórico que tratasse dos fenômenos estudados de forma mais homogênea, já que as pesquisas “seguiam orientações bastante heterogêneas, de cunho ora estruturalista ou gerativista, ora funcionalista.” (KOCH, 2004, p.3).

No segundo momento, tem-se o desenvolvimento das *gramáticas textuais*, que surgiram com o intuito de explicar fenômenos da língua que não podiam ser explicados por uma gramática do enunciado (FÁVERO; KOCH, 2012). O foco era propor regras para a construção de textos adequados em uma determinada língua (KOCH, 2014). Nessa nova fase, um texto não é mais considerado uma simples sequência de enunciados, mas sim uma “unidade linguística hierarquicamente mais elevada, [...] cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual.” (KOCH, 2004, p.6). O texto ainda era visto como uma unidade formal, a qual as primeiras gramáticas de texto procuraram reconstruí-la como uma unidade abstrata, estável e uniforme (BENTES, 2012).

De acordo com Koch (2004) e Marcuschi (2012), alguns gramáticos postulam que todo falante de uma língua materna possui uma competência textual, baseada na competência linguística de Chomsky, que é a capacidade de produzir e identificar textos coerentes, de diferenciar um texto de um não texto, ou seja,

de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados [...]. Qualquer falante é capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título ou, ainda, de produzir um texto a partir de um título dado. (FÁVERO; KOCH, p.19, 2012).

A partir dessa competência é que se esclarece a criação das gramáticas textuais, que tinham por objetivo, conforme Koch (2004): investigar o que faz um texto

ser um texto, procurando observar os fatores que constituem a sua textualidade; delimitar as características de um texto; estabelecer a diferença entre os textos.

Em relação à elaboração das gramáticas de texto houve, de início, uma grande influência do gerativismo. Assim, de acordo com Bentes (2012, p.267), essas gramáticas seriam espelhadas na

gramática de frases proposta por Chomsky, um sistema finito de regras, comum a todos os usuários da língua, que lhes permitiria dizer, de forma coincidente, se uma sequência linguística é ou não um texto, é ou não um texto bem formado. Este conjunto de regras internalizadas pelo falante constitui, então, a sua competência textual.

Apesar de se observar certa evolução em relação à fase anterior, a construção de gramáticas textuais se mostrou inviável, pois não seria possível formar um grupo de normas para construir bons textos, visto que, segundo Marcuschi (2008, p.73), um “texto não é uma unidade formal que pode ser definida e determinada por um conjunto de propriedades puramente componenciais e intrínsecas.”. De fato, seria muito difícil criar regras para a formação de todos os textos existentes. Assim, dada essa impossibilidade, os teóricos abandonaram essa linha de estudo.

A terceira fase é marcada pelas *teorias de texto*. Fala-se em “teorias” devido ao surgimento de várias vertentes de estudos do texto que, de acordo com Koch (2014), “embora fundamentadas em pressupostos básicos comuns, chegam a diferir bastante umas das outras, conforme o enfoque predominante.”. Nesse período, de acordo com Bentes (2012, p.267), passou-se, então, “a investigar a comunicação, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso.”.

Por isso, é possível afirmar que a Linguística de Texto propriamente dita toma a sua forma nessa etapa. Nessa perspectiva, o texto é considerado como um processo e não mais um produto (BENTES, 2012). Assim, ele passa a ser estudado num âmbito pragmático, considerando-se o contexto, ou seja, as condições externas importantes para a sua formação, recepção e interpretação (FÁVERO; KOCH, 2012).

A partir dessas mudanças quanto ao foco de análise e da ideia de texto, aliada a uma nova concepção de língua (tida como um sistema não autônomo e sócio-historicamente situado), Bentes (2012, p.268) afirma que a LT passa a ser vista sob

um caráter interdisciplinar, em função das diferentes perspectivas adotadas e dos interesses que a moveram.

Numa reflexão a respeito do momento atual da Linguística de Texto, ela pode ser considerada como uma área de estudo concebida num âmbito multidisciplinar, processual, funcional e dinâmico (MARCUSCHI, 1998a apud BENTES, 2012), sob um foco mais substancial e amplo (FÁVERO; KOCH, 2012), com base numa visão de língua como um sistema situado historicamente e como prática social, cognitiva e interativa, que contempla o próprio funcionamento da língua e da interação humana, segundo Marcuschi (2008), além da diversidade de contribuições teóricas que vem surgindo ao longo de sua breve trajetória.

Por todas as considerações feitas neste item, este trabalho está inserido na Linguística Textual. Nessa perspectiva, seguindo os preceitos da LT, este estudo não promove análises de frases isoladas dos candidatos no debate, mas sim a construção do sentido entre interlocutores no espaço televisivo, os quais são orientados por um mediador, todos contribuindo para que, nesse circuito interativo, surja o texto, construído interativamente. Assim, a ideia de língua também tem uma concepção sociodiscursiva, segundo a qual, há práticas sociais, cognitivas e históricas.

2.2 Origens da Linguística Textual: os precursores

No desenvolvimento de uma nova área de estudo, vê-se que diferentes teóricos, outras disciplinas e teorias afins podem exercer influências e contribuições diretas ou indiretas em tal processo. Com a constituição da Linguística Textual, ocorrera exatamente isso. Dessa forma, como este trabalho se localiza na área da LT, viu-se a necessidade de serem evidenciadas as principais influências que essa disciplina recebeu ao longo de seu processo de constituição e consolidação. Nessa perspectiva, Fávero e Koch (2012) apontam duas linhas precursoras que trouxeram contribuições para a LT: a *lato sensu* e a *stricto sensu*. Na primeira, há três áreas que colaboraram indiretamente para sua constituição: a Retórica, a Estilística e o Formalismo russo.

A Retórica, de acordo com Reboul (2004, p.24), é tida como “a arte de achar os meios de persuasão que cada caso comporta”. Surgiu em meados do século V a.C. em júris populares em Siracusa, na Itália, os quais serviram para a expulsão de tiranos que geravam conflitos a partir da partilha e da desapropriação de terras de forma errônea, problema para o qual houve a instituição de júris. Diante disso, aquele que defendesse a causa de forma mais eloquente seria o vencedor, consoante Fávero e Koch (2012). Por isso, segundo Todorov (1971 apud FÁVERO; KOCH, 2012, p.36), na antiguidade, a Retórica era considerada “uma técnica que deve permitir, a quem a possua, atingir, dentro de uma situação discursiva, o objetivo desejado; ela tem, portanto, um caráter pragmático: convencer o interlocutor da justeza de sua causa.”.

A Retórica Antiga era constituída de cinco partes: a **invenção** (ter o que dizer, busca pelo melhor argumento), a **disposição** (organização das ideias no discurso, dos argumentos), a **elocução** (discurso escrito), a **ação** (explanação oral do discurso aliada aos gestos, à mímica, à entonação, à dicção, etc.) e a **memória** (memorização do discurso), segundo Reboul (2004). Todas essas partes necessitam ser realizadas pelo orador a fim de se ter um discurso coerente, claro, articulado e bem proferido.

Entre essas cinco partes, há duas que contribuíram parcialmente para a constituição da Linguística Textual atualmente: a **disposição** e a **elocução**, uma vez que elas se voltam à constituição do texto escrito, no que refere à procura de ter o que dizer perante um tema, aos objetivos a serem alcançados de acordo com o gênero e o tema, à organização das ideias e com a escrita propriamente dita do texto. Nesse âmbito, a Retórica contribuiu para a Linguística de Texto de duas formas: “na definição precisa de operações linguísticas subjetivas à produção do texto (microestrutura); na localização do texto no processo global de comunicação (macroestrutura).” (FÁVERO; KOCH, 2012, p.37).

A Estilística, por sua vez, também trouxe contribuições à LT. Surgida no início do século XX, por intermédio dos teóricos Charles Bally e Leo Spitzer, a Estilística é um campo da Linguística que visa estudar o estilo, tomando-o, portanto, como seu objeto de pesquisa, segundo Martins (2008). O estilo pode ser definido como “o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.” (BECHARA, 2009, p.615). Assim, essa área de estudo pesquisa os aspectos que geram expressividade, emoção na língua. Dessa forma, o autor afirma:

Para a estilística, interessa tanto a apreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare. (BECHARA, 2009, p.616).

Dessa maneira, a Estilística estuda diversos fenômenos linguísticos à procura de traços estilísticos que exteriorizem sentimentos, emoções, enfim, o subjetivo, em textos literários e não literários. Diante disso, a LT teve por influência desse campo de estudo a análise de texto, ou seja, o estudo do texto como um todo e não somente uma análise limitada ao nível da frase, perspectiva esta que era desenvolvida pela Linguística Textual inicialmente, conforme Fávero e Koch (2012). Atualmente, afirmam as autoras, a linguística fornece fundamentos teóricos para a Estilística, seja no âmbito do texto ou da frase, a fim de investigar se o uso de um dado elemento ocorre por uma licença poética ou por determinação da gramática textual.

Desse modo, a Linguística de Texto teve por influência da Estilística a perspectiva da análise de texto, com a ressalva de não limitar o estudo de textos de determinados domínios discursivos, assim como ocorria na Retórica, já que aquela desenvolve a caracterização de aspectos imanentes a todos os textos em geral, segundo Fávero e Koch (2012).

O Formalismo Russo (assim era conhecido o Círculo Linguístico de Moscou) fora uma grande escola de crítica literária da Rússia que tinha por objetivo fazer estudos formais da linguagem poética. Assim, o importante era analisar o texto poético por si mesmo, no que se refere à estrutura, à métrica, às rimas, à sonoridade, por exemplo. Por isso, exerceu grande influência no estruturalismo. Nesse sentido, tendo em vista a fase mais estruturalista da LT em seu percurso, pode-se dizer que a influência exercida pelo formalismo russo sob a Linguística Textual foi o estudo dos aspectos inerentes ao texto, no que concerne à perspectiva estrutural de análise de texto (FÁVERO; KOCH, 2012). Pesquisadores como R. Jakobson, V. Sklovsky e V. Propp se destacaram no grupo.

A segunda linha precursora, denominada *stricto sensu*, conta com teóricos que exerceram uma influência mais direta sobre a Linguística Textual. Destacam-se

Jakobson, Benveniste, Hjelmslev, Harris, Pike e Pêcheux como precursores, segundo Fávero e Koch (2012). **Hjelmslev** é tido como o primeiro linguista a dar uma definição de texto. Para ele, este seria “toda e qualquer manifestação da língua” (FÁVERO; KOCH, 2012, p.39), independentemente da modalidade. Ao defini-lo, o teórico procurou fazer uma descrição do sistema da língua e assim desenvolver uma teoria da *langue*, já que “a todo processo (texto) subjaz um sistema que por meio dele se manifesta.” (FÁVERO; KOCH, 2012, p.39).

Jakobson, como já foi mencionado anteriormente, deu grandes contribuições à LT ao ampliar e redefinir as pesquisas a respeito das funções de linguagem. Assim, das três funções já conhecidas (referencial, conativa e expressiva), ele acrescentou mais três funções: a metalinguística, a fática e a poética que completam o processo comunicativo. A respeito de seu estudo, Jakobson (1969 apud FÁVERO; KOCH, 2012, p.40) faz as seguintes considerações:

A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções [...]. Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de algumas dessas funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante. [...]

Desse modo, o linguista ressalta a importância de se levar em consideração as várias funções que podem estar presentes em um enunciado, atentando-se para a que predomine, mas sem descartar as demais, já que todas elas contribuem, a seu modo, para a constituição de uma mensagem.

Outro teórico de grande destaque nos estudos da linguagem é **Émile Benveniste**. De acordo com Koch (2012), a teoria da Enunciação teve impulso a partir de seus postulados. Para o referido teórico, a enunciação é a instância que permite a discursivização da língua, já que promove a passagem de estruturas virtuais àquelas que se realizam no discurso (GREIMAS; COURTÉS, 1979 apud FIORIN, 2007). Ela é ainda pressuposta pelo enunciado, o qual apresenta traços de sua realização, pois “a par daquilo que efetivamente é dito, há o *modo como* o que se diz é *dito*: a enunciação deixa no enunciado marcas que indicam [...] a que título o enunciado é proferido.” (KOCH, 2012, p.12, grifo da autora).

Pêcheux, por sua vez, também traz contribuições para as pesquisas sobre o discurso. Diferentemente de Benveniste, esse pesquisador considera que a apropriação da linguagem ocorre de forma social, ou seja, afirma que o discurso sofre uma influência ideológica, histórica e social. Dessa maneira, Pêcheux (1971 apud FÁVERO; KOCH, p.43) considera que “as palavras mudam de sentido segundo as posições assumidas por aqueles que as empregam”.

Harris foi o primeiro a promover uma análise sistemática de textos, além de refletir sobre o discurso como sendo o objeto da linguística, segundo Fávero e Koch (2012). Para o linguista, deveria haver uma extensão dos estudos linguísticos para além do enunciado, já que a “linguagem não ocorre por palavras ou frases isoladas, mas em ‘alocuções conectadas’ – desde um enunciado de uma só palavra até uma obra de dez volumes, desde um monólogo a uma peroração na Union Square”, conforme Harris (1952 apud FÁVERO; KOCH, 2012, p.44, grifo do autor). Apesar de suas considerações importantes sobre linguagem e discurso, Fávero e Koch (2012) afirmam que o teórico não chegou a desenvolver uma teoria sobre o discurso, mas sim uma espécie de modelo de análise do discurso, tido por Harris como um modelo de estudo que poderia caracterizar o discurso como um todo ou pelo menos grande parte dele.

A partir desse breve panorama das contribuições diretas e indiretas dadas à LT por meio de diferentes áreas de estudo e de pesquisadores com as mais diversas abordagens, viu-se como a Linguística de Texto obteve influências diversas que contribuíram para a sua consolidação e reconhecimento como campo do saber dentro dos estudos da linguagem. Notou-se ainda como um campo de estudo não se consolida sozinho, mas sim a partir da junção de perspectivas de estudo que se alinham aos seus aspectos abordados.

2.3 Categorias textuais: a coesão textual - breves conceituações e classificações

Antes, discutiu-se sobre o processo de constituição da LT, os seus diferentes períodos até a sua mais atual conjuntura, as contribuições dessa área de estudo para

as pesquisas dos fenômenos da linguagem, bem como as contribuições diretas e indiretas recebidas por áreas afins e, também, por teóricos dos estudos da linguagem. Nesta seção, por seu turno, tratar-se-á dos aspectos referentes à coesão textual, uma das categorias da textualidade, portanto da referenciação, estudadas pela LT, observando suas implicações na constituição de um texto e, sobretudo, dos sentidos. Nesse âmbito, fez-se necessária uma abordagem dos aspectos gerais da coesão, como base para discussões posteriores sobre a referenciação neste trabalho.

Como já fora discutido no início do capítulo, no que se refere à interação verbal, sabe-se que os indivíduos em geral se comunicam entre si não por meio de formas isoladas da língua, mas sim por meio de textos, uma vez que essas unidades não refletem o próprio funcionamento da língua e, portanto, a própria interação verbal, pois esta última não se realiza de forma desorganizada, aleatória e isolada. “É que ninguém fala assim: trazendo aos pedaços desarticulados, soltos, as coisas que se quer dizer.” (ANTUNES, 2005, p.46). Afinal, de acordo com a autora, os indivíduos organizam seus enunciados a partir daquilo que querem dizer/escrever e não o contrário.

Pode-se dizer o mesmo sobre os textos: eles não são um emaranhado de frases e palavras. Na verdade, em um texto tudo se encontra interligado, inter-relacionado. Cada uma de suas partes se encontra relacionada com outras por meio de elos, nós, de tal modo, que o sentido vai se estabelecendo no universo textual. Isso ocorre porque, na realidade, é um “*texto com sequência, em que se reconhece um tipo qualquer de continuidade, de articulação, é que constitui a normalidade dos textos com que interagimos.*” (ANTUNES, 2005, p.46, grifo da autora). Nesse sentido, a interação verbal acontece por meio de textos que tenham continuidade, segundo Antunes (2005), ou seja, através de textos que tenham textura, o que só é possível se suas partes estiverem todas *costuradas*, “de maneira que nada fica solto e um segmento dá continuidade a outro.” (ANTUNES, 2005, p.46).

A esse fenômeno de amarração textual dá-se o nome de *coesão textual*. É “*essa propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática.*” (ANTUNES, 2005, p.47, grifo da autora). Assim, a coesão tem a função de formar, promover e sinalizar encadeamentos que liguem cada uma das partes de um texto (enunciados,

sequências textuais, períodos, parágrafos) a fim de se estabelecer a sua textualidade, conforme a autora.

Nessa perspectiva, nenhum segmento textual faz realmente sentido por si só. Pelo contrário: cada um se constitui textualmente a partir de sua relação com outra porção textual, seja ela antecedente ou subsequente, demonstrando que tudo está em cadeia em um texto. Para que isso aconteça, é necessário que determinados itens linguísticos entrem em ação a fim de que haja o encadeamento dos segmentos de um texto e, assim, se estabeleça a tessitura textual. É nesse sentido que a coesão é também definida como um “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido.” (KOCH, 2013, p.45).

No que diz respeito aos processos de continuidade de sentido, existem dois grandes processos de coesão que permeiam a formação de um texto: a referenciação e a sequenciação. É o que Koch (2011) denomina como movimentos de retroação e prospecção. “[...] esses movimentos de avanço e recuo – tal como acontece, por exemplo, na ação de tricotar – presidem à criação da tessitura textual.” (KOCH, 2011, p.121). Para Marcuschi (2008), esses dois tipos de coesão não são meros fenômenos sintáticos. Ele os considera como meio de transmissão de sentidos e conhecimentos. Logo, não se limitam ao nível superficial do texto. Antunes (2005, p.48), por seu turno, considera que a coesão assinala “ligações conceituais que estão subjacentes a essa superfície. [...] se há ligações na superfície é porque elas existem no âmbito do sentido e das intenções pretendidas.”

Desse modo, pode-se dizer que as relações de sentido realizadas na superfície textual são um reflexo das relações semânticas existentes no âmbito mais subjacente a ela. Portanto, tomando como base a metáfora do *Iceberg*, proposta por Dascal, pode-se entender que o que está no topo, a superfície do texto, apresenta apenas uma pequena amostra dos processos que ocorrem na parte submersa, onde se encontram os sentidos almejados e as intenções do locutor/falante.

Para alguns estudiosos, como Halliday e Hasan (1976), a coesão é tida como um critério muito importante para a constituição da textualidade, porém ela não é uma condição nem suficiente nem necessária para isso, visto que há textos que sequer

apresentam coesividade, no sentido estrito, sem elos coesivos que promovam uma relação semântica entre as sentenças, ou mesmo retomadas e, apesar disso, mostram-se coerentes por outros conhecimentos partilhados com o leitor. Assim, nesses casos, segundo Marcuschi (2008, p.106), “a coesão é inferida a partir da coerência.”.

Por outro lado, há textos que podem apresentar recursos coesivos e, mesmo assim, podem não fazer sentido. Isso pode ocorrer quando um texto apresenta um encadeamento de fatos isolados entre si, que não se relacionam e que, mesmo unificados por conectivos, não formam uma unidade de sentido. Em casos assim, vê-se de fato que a coesão não é uma condição necessária e nem suficiente para o estabelecimento da tessitura textual, mas isso não significa que ela seja irrelevante, pois, como afirma Marcuschi (2008, p.108): “É desejável que ela apareça como facilitador da compreensão e da produção de sentido.”. Além disso, há textos em que a presença da coesão é um fator preponderante para o estabelecimento da coerência, uma vez “que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.” (KOCH, 2014, p.18).

É nesse sentido que Antunes (2005, p.49) diz o seguinte:

quando pretendemos que nossos textos sejam coesos, pretendemos que seja preservada sua *continuidade*, a sequência interligada de suas partes, para que se efetive a unidade do sentido e das intenções de nossa interação verbal. Para que, afinal, possamos nos fazer entender com sucesso. (grifo da autora)

Dessa forma, a coesão é um fator importante para a inteligibilidade e, ainda, segundo a autora, para preservar sua continuidade, a sua linearidade, porém ela não é algo preponderante ou extremamente necessário para todo e qualquer texto. Adiante, será apresentado um panorama sobre a coesão, focalizando, sobretudo, a referência, mostrando como os seus estudos se iniciaram e como eles evoluíram, no que se refere às principais obras publicadas sobre isso no Brasil.

2.3.1 A coesão textual: um panorama comparativo

Como se observou nas seções anteriores, a Linguística Textual passou por diversas etapas e recebeu contribuições diretas e indiretas, culminado, assim, em sua constituição e solidificação como campo do saber. Nesse sentido, tendo em vista que a abordagem deste trabalho se encontra no interior dos estudos da referenciação, viu-se a necessidade de mostrar um panorama comparativo dos estudos da coesão, no que se refere às suas categorias e mecanismos de análise, desde Halliday e Hasan (1976) até Koch (2004), mostrando a evolução dos estudos da coesão até seu estágio mais atual, tendo como foco a referenciação, perspectiva na qual este trabalho se centra.

A partir da célebre obra *Cohesion in English* (1976), Halliday juntamente com Hasan trazem estudos aprofundados sobre a coesão no Inglês. Nesse trabalho, eles apresentam sua definição de coesão numa perspectiva semântica, a qual ocorre, segundo Halliday e Hasan (1976 apud KOCH, 2014, p.16), “ ‘quando a interpretação de alguns elementos no discurso é dependente da de outro. Um *pressupõe* o outro [...]’ ” (grifo da autora). Isso implica uma relação de interdependência entre os itens constituintes de uma sequência textual. Para eles, a coesão é tida como uma relação de sentido estabelecida entre elementos textuais, em que cada um necessita do outro para promover o sentido, a tessitura textual, de acordo com Koch (2014).

Nessa perspectiva, os autores acreditam que a coesão é o que faz um texto ser um texto, por promover relações de sentido entre enunciados. Assim, de acordo com Halliday e Hasan (1976 apud FÁVERO, 2009, p.08): “Um texto tem uma textura e é isto que o distingue de um não texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão.”. Além disso, Koch (2014) salienta que esses teóricos consideram a coesão como constituinte do sistema de uma língua por se realizar por meio de recursos gramaticais e lexicais. Desse modo, Halliday e Hasan (1976) classificam os principais tipos de coesão: a **referência**, a **substituição**, a **elipse**, a **coesão lexical** e a **conjunção**.

A **referência** diz respeito à relação de elementos linguísticos com outros que são importantes para a sua interpretação, já que aqueles não poderiam ser interpretados sozinhos. Ela pode ser *textual* (endofórica), quando o elemento de referência está no texto, ou *situacional* (exofórica), quando a referência é feita a um item que não está expresso no texto, com base em Fávero e Koch (2012) e Koch

(2014). Assim, esta última se relaciona aos itens “que [...] chamamos de ‘externos ao texto’, e recuperáveis na situação diretamente [...] ou por aspectos cognitivos, conhecimentos partilhadas etc., mas não pela via de expressões correferenciais ‘dentro do texto’.” (MARCUSCHI, 2008, p.110-111, grifo do autor).

A **substituição**, conforme Fávero e Koch (2012), refere-se à colocação de um termo no lugar de outro(s) ou mesmo de uma sentença, redefinindo aquilo que foi referido, demonstrando que ela difere da referência. A **elipse**, por sua vez, também denominada como substituição por zero, é a omissão de um elemento (nominal, verbal ou uma oração) que é recuperado contextualmente. A **coesão lexical**, por seu turno, “é obtida através da reiteração de itens lexicais idênticos ou que possuem o mesmo referente, [...] de termos sinônimos ou palavras afins, que pertençam a um mesmo campo lexical.” (FÁVERO; KOCH, 2012, p.55).

Na **conjunção** as relações de sentido “são assinaladas explicitamente por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi dito.” (KOCH, 2014, p.21). Aqui, as relações semânticas estabelecidas entre diferentes segmentos textuais são promovidas por conectivos, dentre os quais Halliday e Hasan (1976) destacam as conjunções aditivas, causais, adversativas, temporais e continuativas, conforme Koch (2014).

Diante dessas explicações, pode-se dizer que Halliday e Hasan (1976) desenvolveram um importante estudo a respeito da coesão textual, trazendo grandes contribuições para o desenvolvimento dessa linha de estudo, como também forneceram a base para pesquisas posteriores na área da Linguística de Texto. No entanto, há pontos que são questionáveis na classificação dada pelos autores, o que culminou em novas nomenclaturas e classificações das categorias da coesão textual, sobretudo nos processos referenciais.

Dessa forma, em relação aos tipos de coesão apresentados por Halliday e Hasan (1976), referência, substituição, elipse, coesão lexical e conjunção, os três primeiros, apesar de terem sido vistos de modo separado, eles apresentam relações de sentido semelhantes. Dessa maneira, pelas características da elipse, ela pode ser considerada um tipo de substituição e esta, por sua vez, um tipo de referência, conforme Fávero e Koch (2012). Koch (2014) afirma que há autores que acreditavam que toda retomada acontece por meio da substituição. Por exemplo, Harweg (1968

apud KOCH, 2012, p.23) afirmava que a substituição consistia em uma “troca de uma expressão linguística por outra expressão linguística dada.”. Assim, se a referência se realiza por meio da retomada de referentes, linguisticamente expressos ou não, a partir de determinados itens linguísticos, assemelhando-se à substituição, não haveria o porquê diferenciar referência e substituição, segundo afirma Koch (2014).

Em relação à elipse, por ser tida como uma substituição por zero por Halliday e Hasan (1976), ela não deveria ser uma categoria à parte, mas sim um tipo de substituição, como afirma Koch (2014). Sobre a coesão lexical, de acordo com a autora, também não poderia ser um tipo independente, pois a reiteração de um mesmo elemento lexical ou mesmo o uso de sinônimos, hiperônimos, nomes ou expressões genéricas podem exercer a função das pró-formas na retomada de referentes. Koch (2014) ainda afirma que a reiteração ao lado da colocação pode cumprir uma função sequenciadora. Diante desses pontos questionáveis a respeito dos tipos de coesão classificados por Halliday e Hasan (1976), Koch (2014) propõe classificar a coesão em dois grupos, de acordo com a função coesiva desempenhada por eles: coesão referencial, agrupando a referência, a substituição e a elipse, e sequencial, tendo a coesão lexical e a conexão, o que é trabalhado em sua obra *A coesão textual*.

Essa obra, *A coesão textual*, desenvolvida por Ingedore G. V. Koch, é um dos primeiros livros aqui no Brasil que trata sobre a coesão textual e que é referência para o estudo dessa categoria no país, cuja primeira edição foi lançada em 1989 (neste trabalho, utiliza-se a versão publicada em 2014). Nele, a autora faz um estudo amplo sobre a coesão textual, conceituando-a e tratando de seus mecanismos, tendo estes últimos como base a classificação de Halliday e Hasan (1976) já mostrada anteriormente. Assim, autora traz os questionamentos apontados anteriormente a respeito da classificação da coesão desses autores e justifica a existência das duas grandes modalidades da coesão em seu trabalho, a coesão referencial e sequencial, as quais são assim abordadas por ela e por outros pesquisadores porque cada tipo de coesão reúne tipos coesivos com funções semelhantes, como foi visto anteriormente.

Tal divisão surge justamente pelo fato de Halliday e Hasan afirmarem que a coesão se dá por meio de dois movimentos: pela reiteração e pela colocação, de acordo com Koch (2004, p.36), pois “[...] a reiteração [...] tem a mesma função dos

demais recursos de remissão textual, enquanto a colocação, por sua vez, permite que se faça o texto progredir, garantindo, simultaneamente, a manutenção do tema.". Por isso, de acordo com Marcuschi (2008), a coesão referencial se realiza por meio de um enfoque mais semântico; e a sequencial se realiza a partir de conectores.

No que tange à definição da coesão, para Koch (2014), ela se configura como um grupo de mecanismos ou elementos que promovem relações textuais que estabelecem a tessitura textual. No que se refere à relação de sentido existente entre os elementos textuais que promovem a textualidade, pode-se dizer que essa ideia se relaciona com a expressa por Halliday e Hasan (1976), uma vez que eles consideravam que a coesão se fundamentava na relação de sentido entre os elementos de um texto.

Por outro lado, a autora não compartilha da ideia de que a coesão seja um componente primordial para que um texto se constitua como tal (como se viu na seção 2.3), pois Koch (2014), com base nas reflexões de Marcuschi (1983), traz a ideia de que

há textos destituídos de elementos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência, como [...] podem ocorrer sequenciamentos coesivos de enunciados que, porém, não chegam a constituir textos, por faltar-lhe a coerência. (KOCH, 2014, p.17-18).

Nesse sentido, parafraseando Marcuschi (2008), a coesão não é uma categoria suficiente nem necessária para a constituição de um texto, ao contrário do que determinavam Halliday e Hasan (1976). Assim, "sua presença não garante a textualidade e sua ausência não impede a textualidade." (MARCUSCHI, 2008, p.104). Por outro, a autora reconhece a importância dos elementos coesivos para dar maior legibilidade a determinados textos, como os científicos, por exemplo, pois "cada gênero textual tem uma forma de realização própria" (MARCUSCHI, 2008, p.104). Assim, segundo o autor, é desejável a presença da coesão para auxiliar a produção e a compreensão de sentidos em dados textos. Dessa forma, Koch (2014, p.18) conclui essa discussão afirmando que a noção de coesão textual "diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual."

Em se tratando da coesão referencial, Koch (2014) a define como uma relação estabelecida entre um elemento da superfície textual que faz remissão a outro(s) presente(s) nessa superfície ou não, ou seja, inferido pelo contexto, tomando a referência como o processo estabelecido entre a forma referencial e o elemento de referência (referente), sendo este último considerado como um elemento que é (re)construído ao longo do texto. Essa definição se associa à conceituação de referência adotada por Halliday e Hasan (1976).

Além disso, outro ponto que se correlaciona é a ideia dos tipos de referência, a endofórica e exofórica, as quais ocorrem entre elementos presentes no texto ou não, respectivamente, pois a autora, ao conceituar a coesão referencial, afirma que ela ocorre com itens do cotexto ou inferíveis pelo contexto. No que se refere aos movimentos referenciais, assim como Halliday e Hasan (1976), Koch (2014) trata dos dois movimentos referenciais mais comuns, anáfora e catáfora, mostrando como recursos gramaticais e lexicais podem ativar esses dois movimentos referenciais.

Até aqui, observou-se como se deu o início dos estudos da coesão a partir de Halliday e Hasan (1976), passando pelas categorias analisadas pelos respectivos autores e mostrando algumas ressalvas quanto à classificação dessas categorias e, assim, justificando a divisão da coesão em dois grandes grupos: coesão referencial e a coesão sequencial. Depois, tratou-se sobre a coesão textual sob o olhar de Koch (2014), que aborda essa categoria da textualidade considerando esses dois agrupamentos. Além do mais, falou-se sobre os pontos de divergência e concordância sobre a coesão textual, sobretudo, a coesão referencial para esses autores.

Em outro trabalho, Koch faz uma abordagem acentuada dos fenômenos da coesão, mas não se detendo somente a eles. Desse modo, na obra *Introdução à Linguística Textual*, de 2004, Koch trata da trajetória da LT, seus principais momentos e contribuições, aborda os sete fundamentos da textualidade (coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade) na primeira parte de seu livro. Na segunda, por sua vez, a autora trata da referenciação, das formas de articulação textual, bem como das estratégias textual-discursivas de formação do sentido, das marcas de articulação na progressão do texto, sendo estes três últimos ligados à sequenciação. A linguista fala ainda das particularidades da intertextualidade, sobre os gêneros textuais e do futuro da LT.

No que se refere à coesão textual, Koch (2004, p.35) a define como a maneira pela qual “[...] os mecanismos lingüísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também lingüísticos, de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase [...].” (grifo da autora). Perante essa definição, vê-se a relação existente entre a definição dada por Koch (2014) e Halliday e Hasan (1976), pois nas três definições há o consenso de que a coesão se constitui na relação entre elementos lingüísticos para a constituição do sentido em um texto.

Na obra *Introdução à linguística textual*, Koch (2004) não fala em referência ou coesão referencial, mas sim em referenciação. Tal denominação deu-se pela percepção de que a realidade não é simplesmente representada pela linguagem, mas sim reconstruída por meio dela. Dessa forma, os sujeitos não dizem ou representam a realidade como de fato ela é, mas sim eles a reelaboram a partir da compreensão e percepção que têm dela, atrelando a isso as suas experiências e conhecimentos de mundo. Por isso, Koch (2004) toma a referenciação como uma atividade discursiva e, sendo assim, o referente não é somente um elemento que é referido ao longo do texto, mas algo que é (re)construído discursivamente, logo é denominado como um objeto de discurso.

Nesse sentido, a referência não é considerada do mesmo modo que, em geral, é, “como simples representação extensional de referente do mundo extramental, mas sim como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade.” (KOCH, 2004, p.57). Assim, nota-se como essa denominação difere daquela que é dada por Halliday e Hasan (1976) e por Koch (2014), que a consideravam como a relação entre o elemento de referência e a forma referencial. A partir dessa nova denominação, vê-se a evolução desse estudo e de como os processos referenciais vão além de simples retomadas de elementos de um texto.

A autora trata da anáfora e da catáfora, porém não se detém somente a esses processos referenciais, tratando de outros tipos como aqueles realizados por inferência e associação, como as anáforas indireta e associativa, sendo estas denominadas como formas de introdução de referentes no texto. Além disso, Koch (2004) trata das funções que alguns recursos apresentam, como é o caso das

expressões nominais que podem promover o encapsulamento/sumarização/rotulação, a organização micro e macrotextual, a atualização de conhecimentos, a categorização metaenunciativa, a qual avalia um ato enunciativo, a especificação, também chamada de anáfora especificadora (realizada por meio da relação hiperônimo/hipônimo).

Além do mais, nessa obra, a autora aborda como a referenciação pode atuar também numa perspectiva argumentativa em um texto. Esses processos e funções são reflexões mais atuais dos estudos da coesão, sobretudo no que se refere à referenciação, demonstrando a evolução dessa área desde Halliday e Hasan (1976) e da própria abordagem de Koch (2014) em sua obra anterior, *a coesão textual*.

A partir desse panorama, fez-se um estudo sobre as abordagens da coesão no Brasil a partir das obras de Koch *A coesão textual* e *Introdução à linguística textual*, mostrando a influência dos seus estudos, bem como a evolução e as novas perspectivas de estudos da coesão e, sobretudo, da referenciação. Na seção seguinte, serão aprofundadas as discussões sobre a referenciação no que tange às suas abordagens, processos, estratégias e mecanismos, sobretudo, no que se refere às novas perspectivas de estudo.

3 REFERENCIAÇÃO: CONCEITUAÇÕES E REFLEXÕES

De um modo restrito, ao se tratar dos processos coesivos retroativos, nos quais ocorrem a (re)ativação de referentes presentes textualmente ou que podem ser inferidos pelo contexto, tratava-se da coesão referencial, de acordo com Koch (2014), como se viu na seção sobre coesão textual. No entanto, com a evolução dos estudos nessa área, viu-se que esse fenômeno não se reduz a um processo de simples retomada de referentes por elementos do universo textual, pois se observou que há muitos processos sociocognitivos que constituem os processos referenciais, os quais apresentam grande complexidade, além de várias funções e formas diversificadas de realização no interior de um texto, tendo, assim, impacto direto na relação entre texto e a construção dos sentidos (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Nesse sentido, de acordo com Mondada e Dubois (1995 apud CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA, 2014, p.20), a questão

não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referenciação* [...]. (grifo das autoras).

Dessa forma, a referenciação é tida como um fenômeno que se constitui na construção e reconstrução discursiva dos referentes, baseada na visão de mundo dos sujeitos, no que refere à sua cultura, às crenças, às ações e, também, aos seus objetivos na interação verbal, de acordo com Koch e Elias (2015). Nesse processo, o sujeito também é visto sob outro viés, como um sujeito sociocognitivo perante a sua relação entre os discursos e o mundo real (MONDADA; DUBOIS, 1995 apud CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA, 2014).

Nessa perspectiva, a referenciação corresponde a uma atividade discursiva e não somente textual, pois é um fenômeno em que há “uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações, de concepções individuais e públicas do mundo. [...]”, segundo Mondada & Dubois (2003, apud CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.112).

Nesse sentido, o referente é construído e reconstruído mediante as visões de mundo do sujeito, e, dessa forma, suas escolhas nesse processo estão totalmente relacionadas a elas, portanto, elas não são aleatórias. Isso se deve ao fato de os sujeitos (re)construírem “o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias [...] manifestadas no discurso.”, afirmam Mondada e Dubois (1995 apud CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA, 2014, p.20).

Assim, quando um locutor trata de um determinado assunto e o retoma ao longo do texto, ele o fará de acordo com os seus objetivos e, também, mediante a imagem que quer passar para o outro sobre esse dado tema, não se referindo, necessariamente, à realidade propriamente dita. Por isso, diz-se que os referentes são objetos de discurso, pois eles “não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo.” (KOCH; ELIAS, 2015, p.123). É nessa perspectiva que se fala que a referenciação é um processo de reconstrução da realidade e não a simples representação do mundo.

No que concerne ainda ao referente, diz-se que ele é dinâmico, pois ele pode ser transformado, modificado, recategorizado, desativado ou mesmo reativado discursivamente, de acordo com Koch (2011). Logo, no processamento referencial, o objeto de discurso ganhará novas designações e configurações, não sendo, portanto, o “mesmo” já introduzido ou inferido, justamente por se constituir em um processo de uma reelaboração do real. Diante dessas considerações e com base em Custódio Filho (2011, p.126), considera-se que, pelo “caráter dinâmico atinente à construção dos objetos de discurso, foram abertas novas possibilidades investigativas, o que justificou a adoção da terminologia *referenciação*, em oposição a *referência*.” (grifos do autor). Esta última, por sua vez, é vista como o resultado das operações que os sujeitos realizam no processamento discursivo (KOCH, 2011).

Essa dinamicidade dos objetos de discurso, os quais não refletem a realidade, mas sim a reconstróem justamente porque eles são reconstruídos mediante as características específicas de cada situação interativa, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), demonstra a própria instabilidade da realidade e de como a linguagem pode reconstruí-la e não somente descrevê-la de modo objetivo. Por isso, pode se dizer que a **referenciação é um processo de reelaboração do real**. Nessa perspectiva, como foi dito no início dessa seção, a referenciação não se resume às

simples retomadas de um referente, pois, na realidade, “toda construção referencial é um trabalho em constante evolução e transformação.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.29).

Dessa forma, uma mesma realidade pode ser representada de diversas formas, a depender do ponto de vista, da visão de mundo do locutor e das intenções pretendidas por ele em relação ao interlocutor, por isso a realidade pode ser (re)construída pela linguagem e não simplesmente representada por ela. A seguir, apresenta-se um exemplo de como os processos referenciais reconstróem a realidade.

Exemplo 2

E2: candidata a senhora tá com a obrigação agora de dizer aonde a minha irmã trabalha... num pode... candidata fazer uma campanha com tantas inverDAdes... é menTira atrás de menTira... a sua propaganda é só mentira... a senhora mente aos brasileiros pra ficar no governo... não pode ser **esse vale TUdo...** em que a senhora transformou **a campanha eleitoral...** como a senhora dizia “numa campanha faz-se o diabo”...

Nesse exemplo, E2, ao falar sobre as ações de seu oponente na campanha eleitoral, afirma que ela está repleta de inverdades e propagandas mentirosas, criticando o fato de “não pode ser **esse vale TUdo...**”. Essa última expressão nominal reconstrói metaforicamente o objeto de discurso “campanha eleitoral”, na qual E2 a caracteriza como algo sem regras e que promove ataques frequentes aos adversários. Portanto, faz uma reelaboração do real a partir da sua perspectiva interpretativa diante das ações de E1. Dessa forma, a referenciação reconfigura uma determinada realidade, como se evidenciou nesse exemplo.

Nesse âmbito:

Para a referenciação, a tese de que um fato/fenômeno/evento/sentimento etc. pode suscitar várias interpretações é muito preciosa. [...] o processo de construção de referentes implica que [...] o papel das linguagens não é de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas sim, o de construir versões, elaborações dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.113).

Assim, dadas as diversas interpretações e representações que uma mesma realidade pode receber, diz-se que ela é instável e, portanto, passível de ser reelaborada. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) afirmam que em toda situação interativa os interactantes estão sempre reconstruindo o real, seja essa reconstrução explícita textualmente ou não, visto que os objetivos comunicativos dos interlocutores podem fazer com que os objetos de mundo sejam “mostrados” ou “apagados”. “Tudo, no entanto, é ‘legítimo’, considerando-se que são condições inerentes ao uso da linguagem.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.32).

Assim, um locutor pode avaliar de forma apreciativa ou depreciativa um determinado tema abordado por ele em um texto e, ao longo do texto, poderá não só categorizá-lo como recategorizá-lo, ou seja, pode modificá-lo mediante os seus propósitos argumentativos. Isso pode ser comprovado também no exemplo anterior, uma vez que E2, ao depreciar a campanha de seu adversário como um vale tudo, está mostrando que a sua é o contrário disso, portanto, segue regras, o que indica uma atitude argumentativa.

Além desse fundamento da referenciação como (re)construção da realidade, existem outros dois que são de suma importância para o embasamento da terminologia referenciação nos estudos da linguagem: a **referenciação** como **resultado da negociação entre os interlocutores** e a **natureza sociocognitiva** desse fenômeno. Dessa forma, diz-se que a referenciação resulta da negociação de sentidos entre os participantes da interação, pois o processo de reconstrução da realidade pela linguagem não é uma tarefa unilateral, mas sim um trabalho de cooperação mútuo entre os indivíduos.

Isso ocorre porque os interactantes participam de maneira ativa da interação verbal, “de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos. O processo é amplamente dinâmico, porque permite modificações com o desenrolar das ações. A construção referencial nada mais é que o resultado dessa negociação.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.35).

Isso é um fato universal, pois todo e qualquer processo interativo se constitui por meio de uma construção colaborativa dos sentidos. Para Custódio Filho (2011), isso pode ser comprovado nas comunicações simultâneas, as quais ele denomina como sendo síncronas. Assim, quando duas pessoas dialogam, ambas não só

(re)planejam *in loco* o que enunciarão em seus turnos de fala, como também negociam os sentidos a serem veiculados por eles na interação. Dessa maneira, “a negociação se estabelece a partir da necessidade de se construírem unidades consensuais acerca dos objetos de discurso salientes, a fim de que a comunicação avance.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.117).

Assim, no debate político, gênero em análise neste trabalho, percebe-se essa interação cooperativa entre os candidatos, os quais enunciam, (re)elaboram suas falas e, sobretudo, retomam e reiteram objetos de mundo mencionados por eles mesmos ou por seus oponentes ao longo do debate, num processo de negociação no qual ambos procuram sempre a melhor versão pública e mais aceitável dos objetos de mundo reconstruídos na situação comunicativa, de acordo com Custódio Filho (2011). Esses aspectos podem ser verificados no exemplo a seguir.

Exemplo 3

E2: /.../ eu terminei o meu mandato sem qualquer denúncia... não respondo a nenhum processo... candidata... ao contrário do **seu governo...** que virou **um mar de LAma...** a grande verdade é ESsa /.../

Nesse exemplo, o debatedor reelabora o objeto de discurso “governo” e o denomina como “um mar de lama”, procurando mostrar para o telespectador que o governo de E1 está sobrecarregado de denúncias de corrupção, fato que, contrariamente, não aconteceu na vida política de E2, segundo ele afirma. Assim, ao fazer uma avaliação depreciativa do governo de seu adversário, recategorizando-o como um governo “repleto de sujeira”, E2 argumenta para o público que assiste ao debate que ele é a melhor opção para presidente por não apresentar denúncias de corrupção em mandatos anteriores, diferentemente de E1.

Nessa situação interativa, esse candidato promove essa reconstrução dos sentidos concomitantemente com o seu oponente e, também, com o telespectador de modo antecipado, em que ele considera que o público aceite suas colocações como sendo verdadeiras.

Por outro lado, nas situações de comunicação assíncrona, as quais não contam com a interação simultânea entre os interlocutores, de acordo com o autor, a

negociação de sentidos é bem distinta da anterior. Assim, o que há é uma antecipação do locutor em relação ao(s) interlocutor(es), numa espécie de negociação indireta dos sentidos (CUSTÓDIO FILHO, 2011). Isso pode ser visto, por exemplo, em matérias de jornais e revista, nas quais os objetos de discurso são construídos numa perspectiva que pode ser aceita pelo leitor.

Nessa situação, o interlocutor (o leitor) coloca em prática os processos de compreensão e, depois, confrontará a informação lida e compreendida por ele com outros conhecimentos, suas próprias convicções e pontos de vistas. “Nesse sentido, deve-se decidir se se concorda total ou parcialmente nela, ou se não se acredita de jeito nenhum. Todas essas ações indicam que, de fato, ler é negociar.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.39).

Desse modo, no que se refere à referenciação, conforme Custódio Filho (2011, p.118), há “uma negociação indireta, que começa na antecipação que o enunciador faz e que se efetiva na (provável) cooperação do(s) interlocutor(es) em aceitar entrar na interação e reconhecer a pertinência e a validade dos referentes construídos.”. A questão é que havendo uma interação concomitante ou não entre os interlocutores, a negociação de sentidos se faz presente, pois é algo inerente à linguagem. O que há, como se viu, é apenas uma diferença no modo como essa negociação se configura, pois numa comunicação simultânea os indivíduos atuam diretamente no processo de construção de sentido, já na configuração de textos escritos, essa negociação acontece numa antecipação das ações dos interlocutores.

Além de a referenciação ser um processo que reelabora a realidade e um resultado de uma negociação, pode-se dizer, ainda, que a **referenciação é um processo sociocognitivo**. Isso significa dizer que o processo de formação de referentes em um texto ocorre não só em uma perspectiva cotextual, mas também acontece por meio de um processo mental, “considerando-se que tal trabalho se efetiva a partir de parâmetros sociodiscursivos previamente apreendidos e atualizáveis em cada situação de interação.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.119). Assim, a referenciação propõe versões diferentes do real, num processo de negociação de sentidos, cujos processos e mecanismos são de cunho sociocognitivo.

Dessa forma, há uma inter-relação entre as pistas da superfície textual e as do contexto para a construção dos sentidos. Isso é possível somente porque os sujeitos

trabalham “mentalmente para interpretar os textos, de modo que aquilo que falta para completar os sentidos é captado a partir dos conhecimentos prévios [...]. Construir a referência é, portanto, uma atividade cognitiva.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.40-41). No exemplo a seguir, vê-se como o aspecto sociocognitivo é importante para a construção de objetos de discurso.

Exemplo 4

E2: /.../ eu acho que a senhora concordará ahn comigo... infelizmente... em todos os rankings internacionais... onde... é avaliada a qualidade de educação... no Brasil... **nós estamos na lanTERna**... houve um esforço de estados /.../ um esforço de municípios ao longo dos últimos anos... mas nós fracassamos /.../

Nesse recorte do gênero debate em análise, E2, ao falar sobre a questão da educação no Brasil, afirma que nas avaliações internacionais o país ocupa a última posição no que se refere à qualidade da educação. Essa ideia é recategorizada pela expressão “nós estamos na lanterna”, na qual o termo *lanterna* metaforicamente indica que a educação brasileira se encontra em último lugar. Para que o interlocutor compreenda essa ideia, é preciso que ele faça relações entre as informações contidas no cotexto e no contexto, em que se relaciona o *ranking* internacional sobre a qualidade da educação e que o Brasil se encontra em último lugar nesse quesito, portanto na lanterna. “Isso quer dizer que a atividade referencial é cognitiva, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.120).

Portanto, a compreensão do público só se completará se ele tiver o conhecimento de mundo no que se refere à representação metafórica do termo lanterna, o que significa dizer que “a bagagem cognitiva de um indivíduo é de natureza sociocultural, pois os conhecimentos são adquiridos a partir das informações e das experiências, ou seja, a partir da imersão do sujeito no mundo.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.41). Assim, esse exemplo ilustra como os conhecimentos adquiridos socialmente são importantes para o processamento de informações em um texto, mostrando que a compreensão é um processo que vai além das informações contidas na superfície textual.

Isso mostra que, além do aparato mental, a referenciação também se relaciona ao aspecto social, no que se refere à construção de referentes, uma vez que o processamento textual e os próprios conhecimentos prévios advêm das experiências adquiridas socioculturalmente pelos sujeitos. Dessa forma, só é possível compreender a metáfora empreendida no exemplo anterior porque isso é um conhecimento apreendido socialmente.

Por isso, afirma-se que a referenciação é um processo sociocognitivo, pois, de um lado, há a perspectiva cognitiva, mental, que permite processar as informações textuais na produção e compreensão de textos e, de outro, tem-se a perspectiva social, constituída pelas experiências e conhecimentos socioculturais, a qual é basilar para o processamento textual para se estabelecer relações de sentido.

Com base no exposto, a referenciação se reafirma como um processo discursivo por intermédio da construção de várias versões de uma mesma realidade no plano textual-discursivo, em uma interação colaborativa entre os interlocutores à formação dos sentidos, sob uma perspectiva sociocognitiva de construção de objetos de discurso, demonstrando, portanto, como a referenciação é um fenômeno dinâmico. Na próxima seção, serão apresentados os principais processos referenciais e os respectivos recursos e estratégias e suas implicações à promoção da textualidade.

3.1 A progressão textual pela referenciação: processos, recursos e estratégias

Nos estudos em referenciação, há algumas vertentes que apresentam vários processos e estratégias que permitem a progressão do texto e a instauração e manutenção da textualidade. Nesse âmbito, pretende-se mostrar perspectivas de estudos em referenciação que vão além da relação de equivalência entre uma anáfora ou catáfora e seu referente, ou seja, neste trabalho serão apresentados os processos voltados para a perspectiva discursiva presente no fenômeno da referenciação, na qual se procura avaliar as funcionalidades das expressões referenciais na construção da textualidade, no que tange às relações existentes entre tais expressões. Portanto, o foco é observar essas relações a partir do olhar sociocognitivo-discursivo. (CUSTÓDIO FILHO, 2011).

Nesse âmbito, serão analisadas estratégias de referência específica, como a anáfora direta e indireta, a dêixis, o encapsulamento, a recategorização e a rotulação metadiscursiva, os quais são denominados por Custódio Filho (2011) como sendo pertencentes à **primeira tendência** dos estudos da referenciação, a qual “parte das expressões referenciais acionadas em um texto para refletir sobre a natureza sociocognitivo-discursiva do fenômeno.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.126).

Dessa forma, nessa tendência, as análises vão além das relações estabelecidas entre um referente e o elemento de referência na superfície textual, já que o foco não é mais meramente identificar a equivalência existente entre esses itens. “A relação anafórica tem muito mais a informar do que o mapeamento de uma cadeia coesiva.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.135). Assim, essa tendência se sobressai às análises mais tradicionais e busca focalizar nas relações estabelecidas entre as expressões referenciais em uma perspectiva sociocognitiva, no que tange à (re)construção da realidade, num processo de modificação dos objetos de discurso; além das relações argumentativas que essas expressões podem estabelecer.

Além disso, acompanhando a evolução dos estudos da referenciação, neste trabalho também se tratará de uma forma diferente de reconstrução de referentes: a recategorização metafórica, a qual sinaliza um movimento novo dos estudos referenciais, uma nova tendência, a qual objetiva saber de que maneira os objetos de discurso “são elaborados, levando-se em conta que tal construção é passível de ocorrer dentro de uma dinâmica muito mais ampla, que não se limita, exclusivamente, ao universo das expressões referenciais.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.139). Esse novo olhar sobre a construção de objetos de discurso é o foco da chamada **segunda tendência**.²

Nesse sentido, essa tendência leva em consideração a perspectiva sociocognitivo-discursiva, mas atenta-se para a construção de um referente que não se limita às expressões nominais referenciais. Assim,

parte-se dos usos, assumindo-se uma complexidade que não pode ser restrita ao papel dos sintagmas nominais, para ver como uma proposta de integração entre múltiplos fatores pode explicá-los; simultaneamente, admite-se que a própria análise pode mudar a

² Essa tendência, como bem explicita Custódio Filho (2011) em sua tese, foi elaborada a partir das pesquisas do grupo PROTEXTO da Universidade Federal do Ceará (UFC).

proposta, tornando-a mais forte no que diz respeito a sua capacidade de explicação. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.140).

Além da recategorização metafórica, que será tratada na seção 3.4, essa tendência mostra outras possibilidades, como o fato de uma expressão referencial retomar um objeto de discurso de outro contexto e não da superfície textual em que aparecem; como pode haver a formação de referentes sem uma menção referencial, isto é, um processo referencial pode ocorrer sem, necessariamente, haver um sintagma nominal para isso.³ Isso se mostra possível “quando se levam em conta, nas análises, as consequências do princípio de que a construção do sentido é resultado da integração de múltiplos fatores (linguísticos e extralinguísticos).” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.148).

Nas seções seguintes, serão apresentados os processos de referenciação das duas tendências, os recursos que podem ser usados para ativá-los, algumas estratégias de referenciação, a perspectiva argumentativa da referenciação, além da recategorização metafórica.

3.1.1 A introdução referencial e anáfora direta

Para se falar a respeito das anáforas, primeiramente é necessário tratar da **introdução referencial**. Ela ocorre quando um objeto de discurso é apresentado pela primeira vez em um segmento textual, portanto um elemento completamente novo é introduzido na superfície textual, o qual pode ser retomado ou não por processos anafóricos, afirmam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Por isso é que esse tipo de processo referencial é tido como **não-ancorado**, segundo Koch e Elias (2015), já que um objeto de discurso completamente novo é inserido textualmente.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p.58) destacam ainda o fato de o interlocutor, ou melhor o coenunciador, valer-se “simultaneamente de muitos indícios

³ Esses processos da segunda tendência não serão o foco de análise neste trabalho. Dessa forma, para obter mais informações sobre ambas, ver tese de Custódio Filho (2011).

[...] para representar essa entidade em sua mente.”. Os teóricos salientam que tais indícios não são somente verbais, podendo ser expandidos para outros tipos de linguagem, como os gestos, as imagens, os sons, entre outros aspectos contextuais.

As introduções referenciais podem exercer duas funções: promover **relações de intertextualidade** e **apresentar um ponto de vista** do locutor. Na primeira, para que a intertextualidade se estabeleça, é fundamental que o interlocutor acione seus conhecimentos de mundo, socioculturais e históricos para estabelecer relações e inter-relações, indo além, portanto, das informações contidas no cotexto e, assim, promova a manutenção do sentido no texto.

Em relação à segunda função, apresentação de um ponto de vista, interessante observar como uma introdução referencial pode apresentar uma determinada ideia ou posicionamento do locutor, a qual será defendida ao longo do texto. Assim, esse processo referencial pode “orientar argumentativamente a cadeia referencial a ser construída ao longo do texto, lançando um direcionamento opinativo.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.60-61).

A partir dessas explanações sobre a introdução referencial, vê-se o quanto esse processo referencial não só introduz um objeto de discurso em um texto, como também pode atuar na construção de processos intertextuais e na apresentação de uma ideia ou ponto de vista a ser defendido pelo locutor ao longo de um texto.

No que se refere aos processos de retomada, em linhas gerais, ocorrem em dois movimentos diferentes: de **retrospecção**, correspondendo à **anáfora**, e de **prospecção**, referente à **catáfora**. Sobre o primeiro, remete-se, ao longo do texto, a um elemento ou segmento textual já mencionado, já introduzido textualmente. Em relação ao segundo, a retomada ocorre com um elemento que ainda será anunciado, num processo de antecipação. Nesse sentido, abaixo seguem dois exemplos desses processos referenciais:

Exemplo 5

E2: /.../ o Bndes finanCIUO um porto em Cuba... será que esses investimentos... de engeNHARIA... essa venda de serVIÇOS não poderia ser -- ter sido feita em **portos no BraSIL**... com **todos eles**... ou **grande parte deles** precisando de investimentos... e foram abandoNADOS... candidata... por que a senhora não tira... o caráter de secreto DESTA financiamento para Cuba?...

Exemplo 6

E1: eu acredito no **seguinte...** eu acredito... que **esse nível de emprego é FUNDamental pro país poder avançar...**

Nesses exemplos, vê-se a ocorrência tanto da anáfora quanto da catáfora. No exemplo 5, tem-se a manifestação da anáfora por meio da retomada da expressão “portos do Brasil” por “todos eles” e “grande parte deles”, em que os pronomes eles e deles remetem aos portos. No exemplo 6, vê-se a catáfora manifestada quando E1 afirma acreditar em uma determinada ideia e ela só é apresentada adiante (esse nível de emprego é FUNDamental pro país poder avançar...), e isso é marcado quando ele afirma “eu acredito no seguinte”, que indica que somente depois a ideia seria apresentada.

Diferentemente da introdução referencial, como se observou nos exemplos acima, as retomadas anafóricas ou catafóricas retomam um referente já mencionado textualmente como forma de dar a continuidade de sentido a um texto. No que diz respeito à anáfora, diz-se que ela se apresenta de formas diferentes em um texto. Assim, quando elementos ou expressões referenciais reiteram um mesmo objeto de discurso que já foi introduzido anteriormente, a **anáfora** se denomina como **direta** ou **correferencial** (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). É o que se observa no exemplo 5, no qual o referente “portos no Brasil” é reiterado anaforicamente por dois pronomes apresentados posteriormente pelo locutor em sua fala, em “todos *eles*” e “grande parte *deles*”.

Assim, de acordo com esses autores:

A tendência dos referentes retomados, nas anáforas, é evoluir durante o desenvolvimento do texto. Assim, o referente pode permanecer o mesmo nas anáforas correferenciais, mas, com o acréscimo de informações, sentimentos, opiniões, [...] ele se transforma, isto é, vai sendo *recategorizado*, tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.63, grifo dos autores).

Dessa forma, um objeto de discurso é não só reiterado no contexto, como também evolui ao longo do desenvolvimento do texto, mostrando progressão textual, como também construção e manutenção da textualidade. Além disso, esse mesmo referente pode, ainda, ser modificado a partir da adição de novas ideias a respeito

dele, levando o interlocutor a perceber como o locutor vê o objeto de discurso e, também, seu posicionamento frente a ele, como se verá na seção 3.2.1, quando se discutirá a respeito da recategorização.

3.1.2 Recursos referenciais

Na seção anterior, tratou-se sobre a introdução referencial e dos movimentos referenciais que podem ocorrer em um texto, (anáfora e catáfora) e das características de um dos tipos da anáfora, a direta ou correferencial. Nos exemplos mostrados anteriormente, observou-se como um referente é retomado por elementos e/ou expressões referenciais, como os pronomes, os quais são um dos recursos mais utilizados para se reiterar um objeto de discurso.

Nesta seção, serão apresentados os principais recursos linguísticos utilizados nos processos referenciais. Dessa forma, existem alguns grupos de recursos: os **gramaticais**, os **lexicais** e a **elipse**. No grupo de recursos gramaticais, há os *pronomes* (pessoais, oblíquos, demonstrativos, possessivos, interrogativos, indefinidos e relativos), os *artigos* (definidos e indefinidos), os *numerais*, os *advérbios pronominais* e as *expressões adverbiais*, de acordo com Koch (2014). Esses recursos, por sua vez, não dão instruções de sentido para o interlocutor, somente instruções coesivas, salienta Koch (2014).

Os recursos lexicais apresentam, por seu turno, instruções de conexões e, além disso, fazem referência a itens do universo extralinguístico, como afirma Koch (2014). Pertencem a esse grupo os *sinônimos*, os *hiperônimos* e *hipônimos*, as *expressões nominais definidas*, as *nominalizações* e os *nomes genéricos*. Esses recursos apresentam função reiterativa, desde que também sejam usados com tal finalidade, como cita Koch (2004). Nessa perspectiva, as reiterações realizadas por meio do uso de recursos lexicais é uma forma de se promover a “continuidade do texto, ou ainda, uma outra forma de se mostrar que dois ou mais segmentos estão semanticamente inter-relacionados.” (ANTUNES, 2005, p.97).

No que diz respeito aos *sinônimos*, como se sabe que não há de fato sinônimos perfeitos, utilizam-se palavras que tenham equivalência no significado, de acordo com Xavier (2014). É, por isso, também, que Koch (2004) os denomina como “quase sinônimos”. Uma retomada feita por sinônimos não consiste, simplesmente, em uma substituição de uma palavra por outra com sentido semelhante, mas sim em observar, por meio desse recurso, “como [...] se pode promover a continuidade de um mesmo texto.” (ANTUNES, 2005, p.100). Adiante, tem-se um exemplo da atuação reiterativa desse recurso lexical.

Exemplo 7

E2: /.../ essa obra de Cláudio /.../ foi uma obra feita... numa **área** desapropriada em DESfavor de um tio avô meu /.../ o estado determinou o valor da desapropriação em um milhão de reais... esse senhor /.../ reivindica até hoje nove milhões por esse **terreno** /.../

Nesse exemplo, o termo sinônimo *terreno* retoma o *área*, promovendo a progressão do texto e, portanto, na manutenção dos sentidos. Para Antunes (2005), as retomadas realizadas por meio de sinônimos permitem que o interlocutor obtenha mais informações sobre um referente já apresentado, possibilitando que ele conheça mais sobre o objeto de discurso. Além da questão informativa, “a substituição de uma palavra por outra tem repercussões [...] na força persuasiva do texto, pois pode elevar o grau de interesse do interlocutor pela forma como as coisas são ditas.” (ANTUNES, 2005, p.100). Isso também é válido para as retomadas realizadas por hiperônimos, nominalizações, expressões nominais e nomes genéricos.

Em relação aos *hiperônimos*, termos que contêm sentido geral e que indicam um grupo ou uma classe de seres, segundo Xavier (2014) e Antunes (2005), possuem função semelhante à dos sinônimos, porém esses itens lexicais são mais frequentes que esses últimos em virtude de sua versatilidade, visto que esses elementos “funcionam como uma espécie de ‘curinga’^(sic), de ‘carta de baralho’ que cabe em muitos lugares. São palavras que podem substituir um grande número de outras, basta que designem entidades do mesmo tipo.” (ANTUNES, 2005, p.102-103, grifos da autora). Além de promoverem substituições, os hiperônimos podem realizar

diversas funções em um texto, como se verá a seguir, por isso são denominados por Antunes (2005) como termos “coringa”.

Dessa forma, ao se fazer uma retomada por hiperônimo, promove-se não somente uma reiteração, como também uma **caracterização** do referente, pois ele pode avaliar e rotular o objeto de discurso, promovendo, assim, um encapsulamento. Esse fenômeno de retomada hiperonímica **funciona, também, numa perspectiva argumentativa**, pois, “além de constituir uma forma de ligar subpartes do texto, concorre ainda para sinalizar as visões que as pessoas assumem ao dizer certas coisas.” (ANTUNES, 2005, p.106).

Assim, os hiperônimos podem trazer informações sobre o referente e, ainda, pontos de vista do locutor frente a um objeto de discurso. Esses elementos lexicais podem, ainda, ter uma **função definidora e resumitiva**, ao definirem, resumirem e fecharem um tópico e permitindo a ida para outro adiante, e, também, **recategorizadora**, pois, ao retomarem um referente, eles trazem novas definições e características sobre esse objeto de discurso, de acordo com Antunes (2005).

Outra função dos hiperônimos é a **retomada de um elemento incomum** que, por vezes, pode não ser do conhecimento do interlocutor, para que, assim, ele tenha um maior conhecimento sobre ele, segundo Koch e Elias (2015). Além disso, eles podem exercer a **função de especificação** de um segmento, na qual há um refinamento da categorização do referente, por isso esse processo é chamado de *anáfora especificadora*.

Em geral, essas anáforas são formadas por expressões iniciadas por artigo indefinido. A especificação acontece de uma expressão mais geral (hiperônimo) para uma mais específica (hipônimo), algo condenado pelas regras gramaticais, de acordo com as autoras, porém “esse tipo de anáfora permite trazer, de forma compacta, informações novas a respeito do objeto de discurso [...]” (KOCH; ELIAS, 2015, p.142). No exemplo seguinte, é possível ver essa função especificadora dos hiperônimos.

Exemplo 8

<p>E1: /.../ eu acredito... fundamentalmente que o Brasil precisa... de políticas sociais consistentes... e políticas de serviço público... por quê?... porque tem um acúmulo de atraso... não investiam no Brasil... em mobilidade urBAna... o meu governo... foi o primeiro governo que investiu CENto e quarenta e três... bilhões... NOve</p>

metrô... VÁrios VLTs... CENTO e oitenta e nove corredores de ônibus... é isso que aconteceu candidato /.../

Nesse exemplo, vê-se a ocorrência de uma especificação a partir da relação hiperônimo/hipônimo. Quando E1 fala sobre os problemas em serviços públicos, afirma que não eram feitos investimentos em mobilidade urbana e que em seu governo houve esse investimento e, adiante, retoma a ideia por meio dos hipônimos metrô, VLTs e ônibus, especificando em quais setores de mobilidade urbana seu governo investiu.

As *expressões nominais definidas*, por seu turno, além de retomarem o referente, definem, descrevem e caracterizam o objeto de discurso. Essas expressões, geralmente, são formadas por artigos definidos ou por pronomes demonstrativos, que exerçam função remissiva, e são seguidas de um nome, como afirma Koch (2014). É possível ver a atuação dessas expressões no exemplo a seguir.

Exemplo 9

E2: mas a coisa vai bem?... claro que não vai... não vai em Minas... não vai em parte alguma do BraSIL... foram cinquenta e seis mil assassinatos no ano passado... e o governo federal?... o que diz?... terceiriza responsabilidades... **essa é a marca principal** do seu governo... na econOMIA... o problema é da crise internacional /.../

Nesse exemplo, a expressão “essa é a marca principal” é reiterada um referente implícito, mas passível de ser identificado pelo contexto, que seria a terceirização de responsabilidades. Essa expressão não só reitera esse referente, como também traz a ideia de que terceirizar responsabilidades por problemas do país é um símbolo do governo de seu oponente.

A respeito desse recurso, Antunes (2005, p.111) afirma o seguinte:

Lançar mão deste recurso, no entanto, mobiliza, antes de tudo, nosso conhecimento de mundo. Ou seja, neste tipo de substituição, o conhecimento da língua, apenas, é insuficiente; pelo contrário, o conhecimento de mundo, o conhecimento da situação imediata, dos episódios do dia a dia é que são mais significativamente mobilizados. As substituições são autorizadas pelas informações que se tem na memória acerca das entidades envolvidas.

Nesse sentido, como essas expressões são predominantemente discursivas e contextuais, nesse tipo de retomada, o interlocutor necessita se valer de conhecimento de mundo e, principalmente, do contexto para que se ativem as características e/ou propriedades do objeto de discurso, segundo Antunes (2005) e Koch (2014). Assim, o primeiro é importante para que o leitor/ouvinte compreenda a relação existente entre a expressão definida e o referente; e o segundo estabelece quais informações são importantes para compor as definições em tais expressões, segundo os propósitos do locutor.

Assim, “trata-se [...] da ativação, dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados com (o)s interlocutor(es), de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar segundo suas intenções [...]”. (KOCH; ELIAS, 2009, p.132). Além disso, como essas expressões evidenciam a visão de mundo do locutor acerca do referente, por terem valor argumentativo, atuam na construção do sentido. Nesse sentido, uma expressão nominal definida não somente reitera o objeto de discurso, mas, sobretudo, ela demonstra as atitudes, opiniões, perspectivas da realidade e, portanto, os posicionamentos do produtor textual, a partir de suas descrições e definições em relação ao referente, dentro de um contexto determinado.

Desse modo, as retomadas por meio desse recurso estabelecem a continuidade de sentido do texto, como também sinalizam “a percepção com que o objeto é visto numa determinada situação.” (ANTUNES, 2005, p.114). Por isso, a autora afirma que o uso de expressões nominais definidas seja uma operação não somente linguística, mas sociocognitiva, pois para compreender o que uma determinada expressão significa, é preciso observar o contexto de uso e relacioná-la com os conhecimentos do interlocutor. Koch e Elias (2015) ainda ressaltam que a utilização dessas expressões pelo locutor, permite que o interlocutor conheça características e propriedades do referente que, talvez, ele não saiba.

Sobre as *nominalizações*, que consistem na transformação de uma forma verbal em um nome, elas encapsulam “as predicções antecedentes ou subsequentes, que passam a ser designadas por um rótulo nominal.” (KOCH, 2014, p.50). Isso permite sumarizar, resumir as informações anteriores ou posteriores em um enunciado, permitindo, assim, a manutenção do sentido no texto. No exemplo a

seguir, é possível ver como a expressão nominalizada em destaque retoma o referente, resumindo toda a informação contida no enunciado destacado.

Exemplo 10

E1: candidato... eu... quero dizer que o senhor está exTREMamente enganado com a DEcisão do ministério público... que o ministério público disse que não... não não aceitou a ação criminal... mas mandou ((incompreensível)) **investigar a obra do aeroporto de Cláudio** /.../ é só ver a decisão do ministério público que mandou o ministério público federal de Minas Gerais fazer essa **investigação** /.../

Nesse exemplo, o enunciado em destaque “investigar a obra do aeroporto de Cláudio” é reiterado mais a frente pela forma nominalizada do verbo investigar “investigação” no enunciado seguinte. Esse termo não só retoma o enunciado destacado, como também o sintetiza.

Os *nomes genéricos* se assemelham aos hiperônimos devido ao fato de abarcarem elementos em um grupo, com a diferença que eles são termos com denominações gerais que podem se referir a qualquer palavra ou enunciado. Dessa forma, Antunes (2005) afirma que esse tipo de recurso reiterativo pode efetuar inúmeras substituições, mais até que os hiperônimos. São nomes genéricos os termos *coisa, item, fato, fenômeno, trem, negócio, problema, pessoa*, entre outros. As reiterações por nome genérico também têm cunho avaliativo e, por sua vez, argumentativo, assim como os sinônimos, os hiperônimos e as expressões nominais, pois eles trazem à tona as opiniões do locutor frente ao referente, seja numa perspectiva positiva ou negativa.

Exemplo 11

((reposta))
E1: candidato... a minha indignação em relação... a tudo o que acontece... incluSlve no caso da Petrobras... é a mesma de todos os brasileiros... a minha DETERMINAÇÃO... candidato... de punir:: TOdos os investigados... que sejam culpados... os corruptos e os corruptores... é... total /.../ considero ainda... candidato... que é FUNDamental... que o país pa-re de ter impunidade... investiga... ou... finge investigar e não pune... NÓS mudamos essa realidade... quero lembrar... que duas leis aprovadas no meu governo no ano passado dão base pra esse processo /.../ além disso... candidato... eu me pergunto... aonde estão... todos... os envolvidos... com... o caso S?... todos soltos... aonde estão... TOdos os envolvidos na compra de votos... durante a reeleição?... TOdos soltos... onde estão... os

envolvidos na pasta rosa?... todos soltos... aonde estão... aqueles envolvidos no... mensalão tucano mineiro?... todos soltos... aonde estão... os envolvidos... nos metrô e na compra... de... trens de São Paulo?... todos soltos... o que eu não QUERO é isso... candidato... eu quero TODOS... aqueles culpados... presos... candidato... é essa a minha indignação e o senhor NÃO enxerga...

((réplica))

E2: candidata... acho que não... so::u eu que não enxerga... na verdade a senhora... ah... busca comparar **coisas** muito diferentes... não queira nos igualar... candidata... o que acontece na Petrobras... é algo extremamente grave... que jamais ocorreu nessa república /.../

Nesse recorte, tem-se a presença de dois turnos de fala, a resposta de E1 e a réplica de E2. Na fala de E1, esse enunciador fala sobre sua indignação em relação aos crimes de corrupção que envolvem a Petrobrás, o seu desejo de que haja punição para os investigados, de como o seu governo permitiu as investigações da operação Lava Jato e, além disso, menciona casos de impunidade na política para mostrar que o seu governo buscou combater a impunidade. E2, por sua vez, rebate afirmando que seu oponente “busca comparar **coisas** muito diferentes” e, ao mencionar o termo “coisas”, esse debatedor se refere às questões tratadas por E1 sobre a indignação desse candidato, as investigações da Lava Jato e de casos de impunidade mencionados por ele. Todas essas informações são retomadas e resumidas pelo termo genérico “coisas”.

Por fim, tem-se a **elipse**, denominada por Halliday e Hasan (1976) como substituição por zero, é também considerada uma forma de referência textual. Como se sabe, ela consiste no ocultamento de um elemento, um enunciado ou mesmo um segmento textual maior no texto, que pode ser retomado através do contexto, conforme Antunes (2005). Muito se vê sobre sua redução a um simples recurso estilístico, no que se refere às figuras de linguagem no âmbito sintático, porém a elipse também tem uma função reiterativa, além de atuar na concisão e no estilo do texto.

Exemplo 12

E1: /.../ acredito... que **a violência** que afeta a mulher: atinge... os la:res... destrói os laços família::res... inclusive prejudica jovens e crianças... ela deve ser combatida... em TODas as suas dimensões /.../

No exemplo acima, a expressão “a violência” é omitida na sequência do enunciado, porém é facilmente recuperada pelo contexto. Isso permite não só a concisão do texto, como também a manutenção da tessitura textual. Nesse sentido, a importância da elipse “[...] está, portanto, no fato de assinalar que alguma coisa é reiterada na continuidade do texto, embora esse *signal* seja dado exatamente pela *falta* de um elemento que é esperado, inclusive sintaticamente.” (ANTUNES, 2005, p.119, grifo da autora). Essa falta, esse apagamento de um determinado item textual, é sempre recuperado contextualmente, a partir da presença de outros elementos no texto que permitem essa recuperação. Todo esse processo estabelece a manutenção e, portanto, a continuidade de sentido no universo textual. Nesse sentido, vale a pena incluí-lo como um recurso coesivo reiterativo.

Com base no exposto, foram abordados os principais recursos referenciais no estabelecimento da referenciação, seja no âmbito anafórico ou catafórico, e de como os recursos lexicais vão além da promoção desses dois tipos de retomada, como também resumem, descrevem e atuam argumentativamente no texto, mostrando como há recursos que têm mais funções no texto além da reiteração.

3.1.3 A anáfora indireta e a anáfora associativa

Como foi visto anteriormente na seção 3.1.2, existem vários processos referenciais que auxiliam na continuação e na manutenção do sentido de um texto e também sobre os recursos que instauram esses processos. Assim, falou-se da **introdução de referente**, denominada por Koch e Elias (2015) como sendo **não-ancorada** por justamente apresentar pela primeira vez um referente em uma sequência textual, e da **anáfora direta**, que se manifesta quando um objeto de discurso, já apresentado antes, é retomado por expressões referenciais. Por outro lado, a anáfora apresenta vários tipos além da direta. Dessa forma, neste tópico serão tratados esses outros tipos de retomada anafórica.

Além da chamada introdução não-ancorada, há a **ancorada**, na qual um referente novo é introduzido no texto a partir de uma espécie de associação implícita a itens presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo (KOCH; ELIAS, 2015).

Assim, a introdução ocorre como se o objeto de discurso já fosse conhecido. As **anáforas indireta e associativa** são tipos de introdução de referente ancorada.

A **anáfora indireta** é um tipo de introdução de referente ancorada que se caracteriza pelo fato de não se relacionar diretamente a um elemento explícito no contexto, mas a “um elemento de relação que se pode denominar *âncora*” (KOCH; ELIAS, 2015, p.128, grifo das autoras), o qual é extremamente importante para a sua interpretação. Em outras palavras, traz um novo objeto de discurso que aparenta já ser conhecido no universo textual. Esse fenômeno, por sua vez, é resultado “do fato de o contexto estabelecido até um determinado momento permitir uma gama de referentes potencialmente ativáveis, os quais, quando aparecem, já são esperados.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.131).

Nesse processo referencial, utiliza-se de uma inferência mais complexa, de conhecimento de mundo e, também, de conhecimento semântico (verbal/nominal), de acordo com Koch (2004). Dessa forma, nesse processo as

formas nominais [...] se encontram em dependência interpretativa de determinadas expressões da estrutura textual em desenvolvimento, o que permite que seus referentes sejam ativados por meio de processos cognitivos inferenciais, possibilitando, assim, a mobilização de conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores. (KOCH, 2011, p.107).

Além da mobilização do processo inferencial, as anáforas indiretas possuem outra característica que as diferencia das anáforas diretas: o fato de elas não retomarem um mesmo referente, sendo esse último recategorizado ou não. Por isso são chamadas também de não correferenciais, pois não remetem a nenhuma entidade já mencionada no texto (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Nesse sentido, por não reiterarem um mesmo referente, introduzem um objeto de discurso como este já fosse conhecido na superfície textual. As anáforas indiretas exigem do interlocutor que ele inter-relacione as pistas do contexto, bem como os aspectos contextuais.

Exemplo 13

E2: /.../ eu me preparei me preparei pra dar: para dar aos brasileiros um governo honRAdo... um governo eficiENTE... que avance na qualidade da saúde pública...

que enfrente com coRAgem o drama da criminalidade... que melhore a nossa qualidade da educaÇÃO... eu não permitirei que esse país seja dividido entre **nós e eles** /.../

Nesse exemplo, a expressão “nós e eles” em destaque reitera um referente que não foi mencionado pelo candidato em sua fala, mas que pode ser recuperado pelo contexto pelo telespectador. Aqui, E2 se refere ao seu partido e ao de seu oponente E1, PSDB e PT, respectivamente. Para que o público compreendesse essa ideia era preciso que ele relacionasse essas informações dadas em seu turno de fala e o contexto político do país do segundo turno, o qual se encontrava dividido entre essas duas forças políticas.

Já a **anáfora associativa** é um modo de ativação ancorada do objeto de discurso, numa perspectiva metonímica, em que as partes retomam um elemento já posto, relacionando-se com ele por meio de uma associação, segundo Koch (2004 e 2015). Elas se valem de um processo interpretativo menos complexo e de relações semânticas mais estritas (CUSTÓDIO FILHO, 2011). Aqui, é necessário a inter-relação entre partes para se estabelecer o referente. Adiante, há um exemplo que mostra a atuação desse tipo de anáfora.

Exemplo 14

E2: /.../ eu sou imensamente grato:: a cada um... a cada uma... desses companheiros... de lá para cá **várias forças políticas** extremamente importantes se somaram a nós... agradeço... a cada uma delas... **na figura de dois companheiros** aqui presentes... **B A... candidato a vice... de M S... e W F... porta voz... da rede** /.../

No exemplo, observa-se que os membros mencionados por E2 reiteram o referente “várias forças políticas” que esse candidato aborda no início de seu turno. Assim, as expressões “na figura de dois companheiros /.../ B A... candidato a vice... de M S... e W F... porta-voz... da rede...” que trazem dois apoios políticos que designam parte das forças políticas tratadas por E2, portanto, reiteram de maneira associativa o referente.

A partir das explicações feitas aqui, vê-se como a anáfora é um processo referencial multifacetado, que não se limita a uma referência direta a um item já introduzido, mas sim necessita de inferências e associações semânticas entre contexto e cotexto para que não somente se faça o texto progredir, mas, sobretudo, permita a instauração e manutenção da superfície textual.

3.1.4 A dêixis

A dêixis é um fenômeno textual que consiste na sinalização ou localização de elementos ou aspectos relativos a objetos, pessoas, situações ou entidades, numa perspectiva de espaço-tempo, em um contexto interativo envolvendo pelos menos dois interlocutores (CUSTÓDIO FILHO, 2011). Assim, o locutor direciona o interlocutor para esses aspectos que fazem parte de seu ato comunicativo, e faz isso a partir da “posição onde se encontra, e esse apontar é responsável pela construção de referentes, que só podem ser interpretados adequadamente se se levar em conta a posição inicial desse enunciadador.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.129).

Assim, esse processo estabelece uma organização textual, no que se refere à atenção do outro quanto à natureza da própria atividade comunicativa (KOCH, 2013). É importante salientar que, para identificar se um termo ou expressão é dêitico, é preciso conhecer quem é o locutor, o interlocutor, além do tempo e do espaço em que ambos se encontram na interação (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Dessa forma, segundo Apothéloz (1995 apud CAVALCANTE, RODRIGUES; CIULLA, 2014, p.68), “[...] a característica definidora dos dêiticos é que seu modo de *referência* se apóia num referencial, e não nos *significados*.” (grifos do autor).

A dêixis pode se manifestar de algumas formas, dados os elementos a que faz referência (pessoa, tempo e espaço). Assim, tem-se a **dêixis de pessoa, espaço, tempo**, além de outros tipos não muito mencionados, como a **dêixis social**, a **textual** e a de **memória**. A **dêixis de pessoa** é aquela que remete às pessoas envolvidas na comunicação, o “eu” e o “tu”. Sua manifestação se dá principalmente pelos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, os quais indicam aquele que fala (locutor) e aquele com quem se fala (interlocutor). Por outro lado, outras formas correspondentes

também são consideradas dêixis pessoais, como pronomes possessivos e alguns termos nominais.

“Em geral, essas formas da língua se referem ao locutor e ao interlocutor, [...] àquelas que representam o *eu* e o *você* de uma interação.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.87, grifos dos autores). Os autores ressaltam a importância de se saber quem são os participantes da interação e a situação comunicativa da qual fazem parte para que a referência dêitica seja entendida. No exemplo a seguir, é possível ver um exemplo de manifestação desse tipo de dêixis.

Exemplo 15

E1: /.../ **eu** venho aqui hoje apresentar as **minhas** propostas e pedir o **seu** voto... tenho certeza... que se **você** conhecer as **minhas** propostas **você** vai entender... que isso é necessário pra fazer o Brasil avançar... ainda mais...

Nesse exemplo, retirado do *corpus* do trabalho, tem-se a referência de pessoa marcada principalmente pelos pronomes pessoais “eu” e “você”, que indicam quem é a pessoa que fala e àquela com quem se fala, neste caso, E1 e o telespectador, respectivamente. Apesar das discussões acontecerem entre os candidatos à presidência no debate, nesse excerto, especificamente, o referido debatedor se dirige ao público, pois a todo tempo o candidato se dirige a ele, afirmando que precisa de seu voto e, também, da necessidade de que ele conheça as suas propostas para fazer o país se desenvolver. Portanto, ele é o seu interlocutor. Outras formas que indicam quem é o locutor e o interlocutor da comunicação são os pronomes possessivos “minhas”, relacionado ao enunciador, e “seu”, referente ao telespectador.

Uma variação da dêixis pessoal, ou melhor, sua particularização, é a **dêixis social**. Este tipo de dêixis também caracteriza a relação existente entre os interactantes em uma determinada situação comunicativa, no entanto, ela se refere ao nível de formalidade, ao grau de intimidade existente entre eles. “Nas relações sociais, sempre existem normas de conduta social, de comportamento adequado, para cada situação de interação.

“São essas normas sociais que orientam o modo como os participantes da comunicação tentam ser ‘polidos’.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO,

2014, p.88, grifo dos autores). Dessa maneira, são essas regras que determinam as formas de tratamento que os indivíduos devem utilizar em cada situação interativa, as quais constituem a dêixis social, permitindo-lhes preservar a sua face a partir da seleção de dêiticos que se adequem ao nível de formalidade exigido.

Assim, em uma entrevista de emprego, um candidato a uma determinada vaga certamente irá tratar o entrevistador de senhor ou senhora, demonstrando, assim, um grau de distanciamento e respeito. Em um encontro entre amigos, por sua vez, os indivíduos podem tratar uns aos outros de você e outras denominações que denotem a intimidade entre ambos.

Dessa forma, a fim “de preservar a imagem que os interlocutores possam fazer dele, o locutor busca defender sua face positiva, ao mesmo tempo em que tenta esconder sua face negativa.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.89). Os teóricos ressaltam que essas normas e regras de conduta existem em todas as culturas, porém com variações. Adiante, tem-se um exemplo de dêixis social a partir do modo como locutor se dirige ao seu interlocutor.

Exemplo 16

E2: /.../ a **senhora** diz que nós vamos privatizar os bancos públicos a sua campanha alarDEla isso por toda parte... a **senhora** sabe que isso não vai acontecer /.../

No exemplo acima, retirado do gênero debate em análise neste trabalho, vê-se E2 se dirigindo a seu oponente de forma respeitosa e formal a partir da forma de tratamento “senhora”, denotando distanciamento e o nível de formalidade exigido pela situação interativa, que é o debate televisivo.

A **dêixis de tempo**, por sua vez, refere-se ao tempo em que ocorre a interação verbal, a qual se tem como referência a posição do eu. Assim, uma expressão de tempo só se constituirá uma dêixis temporal se se tomar como referência o momento no qual o locutor está, afirmam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). A **dêixis de espaço**, por seu turno, evidencia uma relação de espaço relacionada ao locutor, numa perspectiva de distância ou proximidade com aquele que fala em relação a um determinado referente, segundo os autores.

Assim, como as demais dêixis apresentadas, a dêixis espacial não se manifesta com a simples presença de um advérbio de lugar. Para que uma expressão se configure como dêitica espacial, é preciso que o falante seja o ponto de referência, o ponto de origem, (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Adiante, um exemplo ilustrará a ocorrência desses dois tipos de dêixis.

Exemplo 17

E2: /.../ a senhora disse no **último debate**... que a inflação está sob controle e não está:: eu pergunto a senhora mais uma vez a dona de casa que **aí** está... a senhora ir no mercado na feira compra **hoje** a mesma coisa que comprava há **seis meses atrás** com o mesmo dinheiro?/.../

Aqui, esse enunciador faz esses dois movimentos dêiticos, o temporal e o espacial. Quando ele fala “a senhora disse no último debate” ele faz essa relação temporal dêitica tomando como base sua posição no então atual debate da Band e o debate anterior (último debate), o que ocorre também mais à frente quando ele afirma “a senhora ir no mercado na feira compra **hoje** a mesma coisa que comprava há **seis meses atrás** com o mesmo dinheiro?”, em que ele toma como base a sua posição atual (hoje), no presente para comparar se as pessoas compram atualmente o mesmo que compravam meses antes (seis meses atrás).

Nessas duas situações, vê-se o estabelecimento da dêixis de tempo. A dêixis espacial é manifesta pelo advérbio de tempo **aí** em “a dona de casa que **aí** está”, em que, tomando-se a posição de E2, o qual se localizava naquele momento no debate da Band, há o estabelecimento da relação de espaço em relação ao telespectador que acompanha o debate, em uma relação de distância entre ele e o público que assiste as discussões.

Há um tipo de dêixis que se constitui no próprio espaço textual, a chamada **dêixis textual**. Ela se caracteriza por marcas que indicam a ordenação, a organização de um texto. Assim, expressões como *adiante*, *a seguir*, *no exemplo acima/abaixo*, por exemplo, são indicativas desse tipo de dêixis. Nesse fenômeno, é comum a utilização de dêiticos espaciais ou temporais para sinalizar um determinado referente no interior da organização linear de um texto (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Adiante, há exemplo desse fenômeno.

Exemplo 18

E3: estamos de volta... pra mais um bloco deste primeiro debate entre os candidatos E1 e E2 neste segundo turno das eleições para presidência da república... nos acompanham nesta transmissão ao vivo a Band internacional... as rádios Bandeirantes Band News fm e a Band News tv... você também pode acompanhar pela internet e pelo celular usando o aplicativo da Band... as regras são as MESmas do: **bloco anterior** vamos lembrÁ-las...

Nesse exemplo, também retirado do gênero debate, vê-se a fala do mediador do debate, denominado como E3, que demarca o retorno do debate para mais um bloco de discussões entre os candidatos e, ao retomar as regras de funcionamento do debate, ele menciona que são as mesmas do “bloco anterior”, fazendo menção ao segundo bloco ocorrido anteriormente, permitindo uma orientação do desenvolvimento do debate não só aos candidatos, mas, sobretudo, aos telespectadores, dando, assim, uma direção ao próprio funcionamento do debate. Isso ocorre porque esse tipo de dêixis organiza o espaço textual, facilitando a orientação do leitor/ouvinte no espaço do texto (APOTHÉLOZ, 1995 apud CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA, 2014).

Para finalizar as discussões acerca da dêixis, tratar-se-á de outro fenômeno dêitico diferenciado: a **dêixis de memória**. Segundo Custódio Filho (2011), esse processo de sinalização de um referente ocorre a partir de uma memória discursiva compartilhada entre os interactantes em um determinado momento interativo. Aqui, o objeto de discurso “evocado é tão evidente para o enunciador que é como se já tivesse sido mencionado no contexto.

O destinatário tem a impressão de que a informação lhe é imediatamente acessível [...]” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.96). Isso só é possível devido ao compartilhamento de conhecimentos entre locutor e interlocutor, permitindo a esse último localizar o referente em sua memória discursiva. Em geral, esse tipo de dêixis está presente em conversações espontâneas e sua indicação se dá por meio de advérbios pronominais e expressões adverbiais.

Exemplo 19

E2: candidata... ((ri)) eu não sei quem tem lhe dado esses números... não repita... **aquela oposição tão desqualificada que o Pt fez ao nosso governo** a senhora repete os mesmos números... não são verdaDELros candidata...

Nesse exemplo, o enunciador, ao fazer sua tréplica, diz que seu oponente não deve repetir “aquela oposição tão desqualificada que o Pt fez ao nosso governo”, o qual fala de uma forma que parece familiar ao telespectador, o que é indicado pelo pronome demonstrativo, e o convida a “recuperar” em sua memória discursiva a respeito dessa oposição a que E2 se refere. A partir dessas explanações sobre a dêixis e seus diferentes tipos, viu-se que, apesar de suas características diferenciadas com relação a outros fenômenos referenciais, ela também é um processo referencial. Assim, por meio da relação entre a situação comunicativa e o contexto em que os interactantes estejam inclusos, através da inter-relação das categorias de pessoa, tempo e espaço.

3.2 Estratégias referenciais: as funções das expressões nominais

Na construção e progressão textual, as expressões referenciais nominais apresentam várias funções na constituição da textualidade. Na seção dos recursos referenciais, tratou-se, por exemplos, da função dos sinônimos, dos hiperônimos, expressões nominais definidas, das nominalizações e nomes genéricos na reiteração de objetos de discurso. Por outro lado, algumas dessas formas nominais exercem outras funções além das apresentadas, as quais, algumas delas serão apresentadas adiante.

3.2.1 A recategorização

É um tipo de (re)ativação de referentes que permite não só a sua retomada, mas também a sua transformação no texto. Nessa perspectiva, “[...] um mesmo objeto de discurso recebe diferentes formas referenciais, que modificam (recategorizam) seu status ao longo do texto.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.131). Esse processo de mudança do referente se deve, principalmente, às expressões nominais que adicionam novas informações acerca do referente, como especificidades e características que vão transformando-o no universo textual. No exemplo seguinte, há um exemplo de recategorização.

Exemplo 20

E2: /.../ eu introduzi em Minas Gerais a **me-ri-to-cra-cia...** nós passamos candidata... a remunerar melhor:: aqueles que apresentavam... melhores resultados... **essa foi a razão** pela qual... nós tivemos os resultados que tivemos extremamente positivos na educação... OUtros ahn na saúde...

Nesse recorte, é possível ver que o termo “meritocracia” é retomado e recategorizado por meio da expressão definida “essa foi a razão”, que redefine meritocracia como o motivo que levou o estado de Minas Gerais a ter bons resultados na educação, segundo E2. Desse modo, o referente, em meio aos acréscimos de informações, pode manter as mesmas características ou sofrer alterações, sendo, muitas vezes, não exatamente mais “o mesmo” inicialmente introduzido no texto (KOCH; ELIAS, 2009). Nesse sentido, dadas as possibilidades de reconstrução de um objeto de discurso, Custódio Filho (2011, p.131) afirma que, ao se falar de recategorização, pode-se “[...] tratar, entre outras coisas, da maneira como as expressões estabelecem a progressão referencial ou da forma como se depreende o projeto argumentativo de um enunciador a partir de suas escolhas referenciais.”.

Assim, vê-se que esse fenômeno pode atuar na coesão textual, permitindo a continuidade de sentido, como também na argumentação do texto, pois, como foi visto na subseção dos recursos da referenciação, notou-se que, utilizar uma expressão nominal, sinônimo, por exemplo, pode revelar a forma como o locutor vê um determinado referente (negativa, positiva, depreciativa, apreciativa) e, por sua vez, como ele vai apresentando-o para o interlocutor, na busca de convencê-lo de que uma determinada ideia sobre o referente deve ser aceita por ele.

O autor ainda esclarece que, de início, a recategorização era tida como um fenômeno que funcionava apenas em casos de anáfora direta, mas que com a evolução dos estudos em referência, observou-se que ela pode acontecer também em processos de encapsulamento e de anáfora indireta. “As contribuições tendem a considerar a recategorização como um processo mais amplo, passível de acontecer em qualquer estratégia anafórica.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p.131).

3.2.2 O encapsulamento

O encapsulamento ocorre tanto anafórica quanto cataforicamente, consiste na sumarização, na condensação de informações de segmentos textuais precedentes ou subsequentes por meio de expressões nominais, pronomes (demonstrativos), segundo Koch e Elias (2009) e (2015), e, principalmente, por nominalizações, as quais são consideradas por Koch (2004) e (2011) e Koch e Elias (2015) como o recurso próprio desse fenômeno. Nele, um determinado segmento de texto é encapsulado e transformado em objeto de discurso (KOCH; ELIAS, 2015). Adiante, há um exemplo desse processo referencial.

Exemplo 21

E1: é... FUNdamental reforMAR os currículos... de TANto do ensino fundamental... mas SOBRETUDO do ensino médio... por quê?... porque HOje... **uma pessoa que faz... as DOZE matérias... se for reprovada em UMA DELAS... é obrigada... a repetir... TODas as outras doze – as onze matérias...** por exemplo... **ISSO** vai levar a uma per::da de estímulo... a um Nível de evasão...

Nesse exemplo, E1 trata da flexibilização dos currículos do ensino fundamental e médio e fala sobre o fato de um aluno repetir uma série inteira por ter sido reprovado em uma só disciplina. Tal situação é retomada e resumida adiante pelo demonstrativo “isso”, que encapsula todo o enunciado anterior em destaque, que é caracterizado como o referente. Nesse caso, vê-se que a condensação foi feita em parte do que foi enunciado anteriormente pelo locutor, o que implica dizer que a sumarização pode

acontecer com segmentos textuais maiores ou menores, desde um enunciado a um parágrafo inteiro.

Os encapsulamentos também são considerados por Koch (2004) e (2011) como anáforas complexas, pois “não nomeiam um referente específico, mas referentes textuais abstratos, como estado, fato, evento, atividade, questão etc.” (KOCH, 2011, p.94). Koch (2011) afirma que a interpretação desse tipo de anáfora exige muito do interlocutor, pois, este último, além de necessitar do uso de estratégias cognitivas de formação de complexos, ele precisa ter a habilidade de interpretar informações adicionais. Isso remete diretamente à questão da participação ativa do interlocutor no processo da construção de sentidos no texto, corroborando o quanto a referenciação é fruto de uma negociação.

O encapsulamento realizado por meio de expressões nominais funciona como um rótulo, que designa e/ou classifica o segmento encapsulado. O processo de rotulação pode ocorrer das seguintes formas, de acordo com Koch e Elias (2009): há a que **ocorre em relação a eventos, fatos e situações** que estão inscritas no segmento encapsulado; tem a **rotulação que designa as ações atribuídas aos personagens** de um segmento de texto encapsulado; e, por fim, existe aquela que **repete outro rótulo já apresentado** textualmente como forma de mostrar crítica ou ironia, por isso, em geral, esse tipo de rótulo vem entre aspas.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) ressaltam que nem sempre a rotulação é clara ou evidente para o interlocutor, exigindo deste, por sua vez, usar a inferência para compreender a existência de um rótulo, além da própria sumarização de uma porção textual e, assim, permitir a manutenção do sentido. Outra questão a ser observada sobre os rótulos é que eles podem designar o gênero textual que o locutor produz(iu) a partir da nomeação e/ou classificação da própria atividade interativa, o que pode ser percebido no exemplo a seguir:

Exemplo 22

E2: eu venho aqui hoje a esse debate da Band representar não a um partido político ou coligação de partidos... mas um sentiMENTo um sentimento cresCENTe na sociedade brasileira... que quer ver o governo reconciliado... com a nossa gente...
--

No exemplo acima, vê-se como o locutor nomeia o próprio gênero em que ele e seu oponente estão inclusos e ao mesmo tempo sumariza que as discussões existentes ali se configuram no gênero debate. Assim, observa-se a atuação desse fenômeno na síntese de porções textuais diversas em um texto, independente da extensão, além de caracterizar o segmento encapsulado. Dessa forma, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p.84) atentam para o fato desse processo referencial ser complexo, “pois exige do produtor, ao mesmo tempo, a percepção apurada de como a expressão escolhida para encapsular se refere ao contexto precedente e o vislumbre de como ela pode contribuir para a progressão textual.”. Além disso, o interlocutor também precisa ativar estratégias cognitivas, fazendo uso, por exemplo, da inferência para fazer relações de sentido a fim de perceber não só a sumarização, como também da rotulação, caso esse fenômeno esteja presente, mas não tão evidente.

3.2.3 A categorização metaenunciativa

Nesse tipo de processo referencial, o encapsulamento ou rotulação ocorre em relação ao ato enunciativo, numa perspectiva categorizadora ou avaliativa, segundo Koch e Elias (2015). Dessa forma, quando se rotula ou se encapsula um determinado segmento de uma enunciação, ocorre “uma reflexão do produtor de texto sobre seu próprio dizer ou sobre o dizer do outro, caso em que, frequentemente, ocorre o uso de aspas para designar esse distanciamento, não concordância, ironia.” (KOCH; ELIAS, 2015, p.148). É a essa característica reflexiva ou avaliativa do dizer do locutor ou do interlocutor que define a categorização metaenunciativa. No exemplo a seguir é possível ver a atuação desse fenômeno.

Exemplo 23

<p>((pergunta)) E2: /.../ quero saber... quais foram os bons serviços prestados por esse diretor segundo atesta... ah... o seu ato de exoneração da Petrobras? (...) ((réplica)) E2: /.../ a senhora não respondeu a minha pergunta...</p>

Nesse enunciado, a primeira fala de E2 é categorizada por ele mesmo logo adiante, em sua réplica, pela expressão “minha pergunta”, em que esse enunciador nomeia essa fala inicial como uma indagação, caracterizando, assim, o seu próprio ato enunciativo. Ainda sobre esse processo referencial, nota-se que há rótulos que categorizam atitudes que são incumbidas a quem as fez, como discussão, comentário, promessa, advertência, declaração, entre outros, a aqueles que designam a “entidade linguística por meio da qual esse conteúdo foi realizado (frase, sentença, parágrafo)”, afirmam Koch e Elias (2015, p.148). A partir das explanações apresentadas em relação ao fenômeno, vê-se como o locutor pode fazer uso do encapsulamento não somente para promover retomadas, mas também pode utilizar esse processo para refletir ou avaliar seu próprio ato enunciativo, bem como o de seu interlocutor.

3.2.4 Organização micro e macrotextual

Além das funções já mostradas anteriormente, as expressões nominais podem atuar na organização de um texto, tanto no nível microtextual, quanto no macrotextual. No primeiro, elas atuam coesivamente, na articulação textual de porções textuais menores. Já no segundo, essas formas nominais introduzem novos referentes no texto, assim como novas sequências ou episódios de narrativa, sendo responsáveis, portanto, pela introdução, mudança e conexão de tópicos (e subtópicos), permitindo, assim, a manutenção tópica e, também, do sentido, segundo Koch e Elias (2009) e (2015).

Dessa forma, as expressões nominais podem sinalizar quando o autor “está passando a um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior, pelo seu encapsulamento em uma forma nominal.” (KOCH, 2004, p.71). Assim, essas expressões atuam na construção e na continuidade de um texto, tanto na progressão quanto no movimento retroativo, seja anafórica ou cataforicamente, como se observa nos exemplos a seguir:

Exemplo 24

E2: /.../ mas volto... a **uma questão essencial**... a senhora não acha... que além do bolsa família... nós não poderíamos ter outras propostas... outras medidas... que permitissem... aí sim... **a superação efeTIVA da pobreza**... candidata?...

Exemplo 25

E2: /.../ o **Bndes finanCIU um porto em Cuba**... será que **esses investimentos... de engenHARIA... essa venda de serVIÇOS** não poderia ser -- ter sido feita em portos no BraSIL...

Nesse dois exemplos, vê-se a atuação das expressões referenciais tanto na prospecção, exemplo 24, quanto na retrospecção das partes do texto, exemplo 25. No primeiro exemplo, a expressão em destaque “uma questão essencial” reitera antecipadamente o referente “a superação efeTIVA da pobreza”, promovendo essa manutenção das partes desse segmento textual. No segundo, as duas expressões subsequentes retomam anaforicamente a primeira expressão em destaque, atuando, portanto, na continuidade do texto.

Essas expressões atuam, também, na paragrafação. Dessa maneira, as expressões nominais referenciais efetuam “**a marcação de parágrafos**, contribuindo para a estruturação do texto. Não se trata aqui de parágrafo no sentido tipográfico, mas **no sentido cognitivo do termo [...]**” (KOCH; ELIAS, 2015, p.140, grifos das autoras). Assim, vê-se como as expressões nominais definidas podem atuar na própria estruturação de um texto, no que se refere à sua organização, seja na coesão de segmentos textuais menores, seja na introdução de referentes ou de sequências narrativas em um texto.

3.3 Argumentação e referenciação

Quando se fala em orientação argumentativa no texto, pode-se remeter logo à coesão sequencial, à força argumentativa dos operadores argumentativos. Na

realidade, é possível dotar um texto de argumentatividade por meio da referenciação. Nesse sentido, Koch (2011, p.106) faz uma crítica às vertentes de estudo da referenciação que se voltam somente à anáfora, “sem levar em conta as funções cognitivas, semânticas, pragmáticas e interativas das diversas formas de expressões referenciais, que precisam ser vistas como multifuncionais [...]”. Dessa forma, a partir de expressões referenciais é possível trabalhar a força argumentativa em um texto. Em geral, formas nominais, como as expressões nominais definidas, seja numa perspectiva recategorizadora ou de rotulação, podem atuar argumentativamente no texto.

Como já foi visto anteriormente, há recursos referenciais que apresentam função argumentativa, como os sinônimos, pois ao substituírem um determinado referente, esses recursos podem mostrar a forma que o locutor vê o objeto de discurso, aumentando, portanto, o nível de interesse do interlocutor pela maneira como se referiu às coisas do mundo. Os hiperônimos são um recurso que também possuem caráter argumentativo, já que não só reiteram um referente como apresentam o ponto de vista do falante perante esse objeto de discurso. Assim, utilizar esses elementos como artifício argumentativo pode levar o interlocutor a crer em dada perspectiva defendida pelo locutor em seu texto.

Outro recurso que apresenta um viés argumentativo são as expressões nominais que, não só caracterizam o referente, como também revelam a maneira como o locutor vê determinada questão e, por conseguinte, a forma como o produtor textual direciona o interlocutor para determinadas ideias, permitindo que “o leitor apreenda a orientação argumentativa do texto. Daí a importância de selecionarmos aquelas expressões nominais e aqueles rótulos mais indicados para revelar o seu projeto de sentido.” (KOCH; ELIAS, 2009, p.154). É com base nessas expressões que processos como a recategorização e o encapsulamento e/ou rotulação se constituem como fenômenos que reconstróem e sumarizam o referente, respectivamente, mas também são eminentemente argumentativos.

No primeiro, o locutor demonstra a maneira como vê o objeto de discurso, de forma apreciativa/depreciativa, buscando convencer o interlocutor de que essa determinada ideia sobre o referente deve ser aceita. No segundo, além de encapsular uma dada porção textual, esse fenômeno também pode trazer uma apreciação

positiva ou negativa do referente. “Como resultam de uma escolha que fazemos em razão do nosso projeto de dizer, as formas nominais referenciais assinalam uma dada orientação argumentativa” (KOCH; ELIAS, 2016a, p.98). Os exemplos a seguir mostram a atuação argumentativa das expressões referenciais.

Exemplo 26

E1: /.../ vocês fizeram... e dizem que foram os pais do bolsa família... quando fizeram **um programa... que não é compatível com o tamanho do Brasil** num tem escala nem dimensão... fizeram... um chamado **bolsa escola** que tratava apenas de cinco milhões de pessoas... o bolsa família... trata de cinquenta milhõ::es de pessoas... é comPLEtamente diferente /.../

Nesse exemplo, E1 questiona as declarações de seu oponente sobre a criação do bolsa família e afirma que o programa criado pelo partido de E2 era “*um programa... que não é compatível com o tamanho do Brasil*”, no caso, o programa *bolsa escola*, objeto de discurso introduzido posteriormente à expressão nominal que o recategoriza de maneira negativa, pois, por meio da expressão nominal em destaque, o Enunciador 1 afirma que esse programa é inferior e tem um alcance populacional menor que o bolsa família, argumentando, portanto, que este último é um programa muito melhor, superior ao outro criado pelo partido de E2.

Para comprovar essa ideia, E1 menciona a diferença no número de pessoas assistidas por ambos: “um chamado **bolsa escola** que tratava apenas de cinco milhões de pessoas... o bolsa família... trata de cinquenta milhõ::es de pessoas... é comPLEtamente diferente /.../”. Nessa passagem, E1 declara que o bolsa família é um programa mais amplo por atingir “cinquenta milhõ::es de pessoas...”, ao contrário do bolsa escola que seria menor por atender “apenas de cinco milhões de pessoas...”.

Dessa forma, ao fazer uma apreciação negativa do programa bolsa escola e uma positiva do bolsa família, E1 orienta argumentativamente sua fala, levando o telespectador a crer que os governos de seu partido foram melhores para o país no quesito assistencialismo que o último governo do partido de E2 (ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, do PSDB).

Exemplo 27

E2: /.../ o seu... governo... e vou lhe dizer algo e talvez a senhora... deve saber talvez não queira admitir **o maior programa de transferência de renda da nossa história contemporânea...** não foi o bolsa família... fruto do bolsa esco::la do bolsa alimentação foi **o plano real** foi a estabilidade da moeda... que vocês combateram com toda a força /.../

Nesse outro exemplo, E2 ao tratar sobre programa de transferência de renda, promove também uma recategorização por meio de expressão nominal que traz uma orientação argumentativa ao seu discurso para convencer o público que é o candidato mais apto à presidência. Esse candidato ao abordar o plano real, o objeto de discurso, ele o recategoriza cataforicamente a partir da expressão nominal “*o maior programa de transferência de renda da nossa história contemporânea...*”, caracterizando-o de forma extremamente positiva para o público. Aqui, esse enunciador enaltece esse plano não somente porque essa medida realizada permitiu o controle da inflação do país, mas, sobretudo, porque quem esteve à frente desse projeto foi o então ministro da fazenda Fernando Henrique Cardoso (pertencente ao mesmo partido de E2, (PSDB) que, posteriormente, foi eleito presidente do Brasil.

Nessa perspectiva, E2 procura levar o público a crer que o plano real foi a melhor medida econômica feita no país e, principalmente, que foi desenvolvida por um político de seu partido (PSDB), logo, esse debatedor articula que o seu partido fez algo extremamente positivo para a economia do Brasil e que supera o programa Bolsa Família. Assim, E2 orienta o telespectador quanto à ideia de que seu partido deixou um grande legado econômico em contrapartida ao programa Bolsa Família, sendo, portanto, um grupo político melhor que o de seu adversário.

Nesses dois exemplos, foi possível ver como as expressões nominais atuaram argumentativamente no texto. Em cada turno de fala dos enunciadores em questão, cada um procurou caracterizar os objetos de discurso de acordo com as perspectivas que pretendiam assinalar, seja num âmbito negativo ou positivo, e, por conseguinte, orientar o público para esses objetivos pretendidos, por isso que essas expressões referenciais designam orientações argumentativas. “Vemos, portanto, que a **referenciação** por meio de formas nominais é um dos importantes **recursos argumentativos** que a língua nos oferece.” (KOCH; ELIAS, 2016a, p.98, grifos das

autoras). Por outro lado, a orientação argumentativa pode se dar de outra forma, através de expressões metafóricas. Essa perspectiva será mais bem tratada na próxima seção.

3.4 A recategorização metafórica: um novo processo de reconstrução de referentes

A recategorização, como já tratado antes, tem um viés argumentativo, pois, além de reconstruir o referente, esse fenômeno traz à tona os pontos de vista do falante sobre o objeto de discurso e, por sua vez, procura levar o interlocutor a crer em determinadas conclusões. Por outro lado, a perspectiva argumentativa da recategorização pode ter um viés metafórico, por isso a denominação de **recategorização metafórica**⁴, conforme Custódio Filho (2011).

Esse processo referencial está relacionado à segunda tendência dos estudos referenciais, a qual, como foi abordada no item 3.1 deste trabalho, volta-se para a elaboração dos objetos de discurso em um âmbito mais dinâmico, não se limitando às expressões referenciais. Assim, o foco são as diversas relações existentes entre as diversas porções textuais, indo além, portanto, dessas expressões.

Com base nas ideias de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), foi possível observar três critérios para classificar esse tipo de recategorização: a) a perspectiva argumentativa; b) a relação entre as expressões referenciais; e c) a correferencialidade (LEITE, 2007b, apud CUSTÓDIO FILHO, 2011). Por outro lado, se uma classificação for feita como base nesses pontos, isso não permitirá uma análise mais ampla do fenômeno da recategorização metafórica (LEITE, 2007b, apud CUSTÓDIO FILHO, 2011). Assim, seguindo os preceitos de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), a recategorização metafórica se restringiria à anáfora direta e a relação de correferencialidade, sendo, portanto, um modelo muito limitado.

⁴ Custódio Filho (2011) afirma que, embora não haja menção propriamente dita sobre recategorização metafórica em Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), pode-se dizer que no tratamento da recategorização se tem a ideia desse fenômeno.

Entretanto, a recategorização metafórica pode ocorrer por meio da anáfora indireta. Assim, é preciso ir além da perspectiva tradicional, evocando uma análise das diferentes relações entre os segmentos textuais que promovem a construção de objetos de discurso. Essas relações, por sua vez, podem ser reconhecidas por meio de processos complexos de inferenciação. Dessa forma, é necessário levar em consideração a inter-relação entre o contexto e o conhecimento partilhado, para que se promova a relação metafórica. A seguir, os exemplos ilustram o funcionamento desse tipo de recategorização.

Exemplo 28

E2: /.../ a senhora disse no último debate... que a inflação está sob controle e não está:: eu pergunto a senhora mais uma vez a dona de casa que aí está... a senhora ir no mercado na feira compra hoje a mesma coisa que comprava a seis meses atrás com o mesmo dinheiro?... é CLARO que não compra é preciso candidata ter humilha::de para admitir que vocês fracassaram na condução da política... econômica... a **herança** será muito ruim para o próximo sucessor... por isso eu me sinto mais preparado para enfrentá-la...

Aqui, o candidato E2 fala sobre a alta da inflação e questiona se a população tem o mesmo poder de comprar que há meses atrás e afirma que não, asseverando que o governo de E1 fracassou e que a **herança** deixada para próximo presidente não será boa. Ao falar de herança, esse participante deixa implícito a ideia de legado, de patrimônio deixado pelo governo antecessor ao futuro presidente, a qual é tida como ruim por E2 e é recategorizada metaforicamente como uma herança ruim, que seriam os problemas econômicos ocasionados pela má administração de seu oponente. Para compreender a ideia expressa pela metáfora, o telespectador precisa se utilizar de seus conhecimentos de mundo sobre o que significa herança aliado ao que está no cotexto (que o governo de E1 fracassou nas políticas econômicas) e, assim, fazer as relações de sentidos e compreender-se a metáfora instaurada nesse recorte de fala.

Assim, vê-se aqui a presença da perspectiva argumentativa, pois quando E2 afirma que o legado e/ou “patrimônio” ruim que o governo de E1 deixará para o próximo presidente, mostra ao telespectador que governo de E1 não foi bom, que não soube conduzir bem a economia do país, gerando problemas na inflação e no poder de compra da população, logo, E1 é uma opção ruim para o país e que ele, E2, é o

melhor candidato à presidência. Esse exemplo também ilustra bem a presença dos três fundamentos da referenciação abordados no início do capítulo 3.

E2, ao instituir a metáfora se utilizando do termo *herança*, tal escolha não foi aleatória, pelo contrário, foi resultado da sua visão em relação ao seu oponente E1, sobretudo, das ações de seu governo, por isso o Enunciador reconstrói a ideia de legado político como ruim nesse contexto. Dessa forma, reelabora a realidade de acordo com suas perspectivas (**referenciação é um processo de reelaboração do real**). Como foi dito, o público precisa fazer relações de sentidos relacionando seus conhecimentos de mundo com as pistas cotextuais, configurando o **processamento sociocognitivo da referenciação**. Isso só é possível porque o debatedor promove uma antecipação de uma possível colaboração do telespectadores em aceitar suas colocações como sendo válidas (**natureza sociocognitiva da referenciação**).

Exemplo 29

E2: candidata... eu não consigo entender essa sua dificuldade em reconhecer... o mérito dos outros... o bolsa família é um avanço vai ser continuado no nosso governo vai ser aprimorado com o programa... família brasileira queu/ já apresentei... mas se nós fizermos aí **um Dna do bolsa família** candidata... me desculpe... mas **o pai... será o presidente F H e a mãe será a dona R C**... porque foi ali... que nós mudamos a compreensão... em relação... às necessidades das pessoas /.../

Nesse outro exemplo, E2 questiona o fato de seu oponente não admitir o mérito do PSDB na criação do programa bolsa família, tanto que, mais à frente, afirma que se fosse feito “**um DNA do bolsa família**”, os “pais” seriam F. H. (Fernando Henrique) e R. C. (Ruth Cardoso), portanto, o ex-presidente e a ex-primeira-dama. Nesse sentido, ao tratar do “teste de DNA” desse programa, E2 deixa subentendida a noção de origem, da criação do bolsa família, ideia esta que é recategorizada de forma metafórica pela expressão nominal em destaque.

Assim, esse candidato procura levar o público a crer que o bolsa família começou a ser desenvolvido a partir de outros programas criados no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, por isso ele e a então primeira-dama Ruth Cardoso seriam os “pais”, logo os precursores desse programa. Nesse sentido, E2 orienta argumentativamente seu discurso para a conclusão que a idealização desse

programa surgiu com PSDB e que o PT só o aprimorou. Portanto, E2 argumenta que seu partido já implantou grandes programas sociais no Brasil e que continuará a fazê-lo.

Para que o público entenda a metáfora empreendida por esse enunciador, é preciso que ele relacione a noção do que representa um teste de DNA a partir de conhecimentos prévios sobre assunto, bem como das pistas cotextuais relacionadas aos projetos desenvolvidos no governo do ex-presidente citados por E2. Isso demonstra, novamente, a **natureza sociocognitiva** dos processos referenciais, bem como a **referenciação resulta de uma negociação**, pois E2 promove uma negociação indireta ao antecipar a adesão do telespectador em relação as suas colocações, além estabelecer essa **reelaboração do real** mediante seu objeto na interação, que era convencer o público quanto a origem desse programa.

Exemplo 30

E2: /.../ eu me preparei ao longo desses últimos trinta anos... não para fazer o ga -- o governo de um partido político... mas um governo... que tire o Brasil... da **lanterna de crescimento econômico**... e dos piOres indicadores sociais de toda nossa região... estou aqui... para apresentar... as nossas propostas...

Nessa passagem, E2 afirma que vem se preparando há décadas para formar um governo que tire o Brasil de *rankings* negativos, tanto no setor econômico quanto nos aspectos sociais. Dessa forma, ao tratar sobre o fato de o país estar em último lugar na economia, esse enunciador se utiliza novamente da metáfora da *lanterna* quando diz que quer tirar o Brasil da “lanterna de crescimento econômico”.

Essa recategorização metafórica reitera a noção de *último lugar*, no que tange à economia nesse contexto, e, assim como foi visto no exemplo 4 no início do capítulo 3, para que o telespectador entenda a metáfora, é preciso que ele relacione o conhecimento de mundo sobre o que significa estar na lanterna, que implica estar em último lugar, e aliar isso às pistas dadas pelo debatedor em seu turno de fala. Nesse contexto, E2 utiliza essa metáfora para embasar suas colocações e, assim, trazer o público para o seu discurso e convencê-lo de que ele fará um governo que retirará o país da situação complicada em que se encontra, de acordo esse enunciador.

Essa inter-relação entre esses conhecimentos cotextuais e contextuais nesse exemplo revela como a **perspectiva sociocognitiva** está, mais uma vez, presente na **referenciação**. Os outros fundamentos também se fazem presentes nesse exemplo, assim como nos anteriormente apresentados. Os sentidos instituídos nessa fala de E2 foram construídos cooperativamente entre ele e o público que acompanha o debate, demonstrando como a **negociação de sentidos** faz parte dos processos referenciais. Além do mais, a própria recategorização do referente mostra como o candidato o **reelaborou** de acordo com suas convicções e intenções perante o público.

Nesses exemplos, observou-se como a recategorização metafórica é um processo referencial complexo e estritamente argumentativo. Os recortes apresentados mostraram a importância da participação efetiva dos telespectadores na constituição dos sentidos, no que tange à (re)construção dos objetos de discurso, uma vez que eles se apresetaram de forma indireta por meios das expressões metafóricas.

Assim, era preciso que o público fizesse um processo de inferência, relacionando os conhecimentos de mundo e as informações dadas no debate pelo debatedor para, então, compreender a metáfora e, sobretudo, estabelecer o objeto de discurso. Além disso, viu-se o quão argumentativa é esse tipo de recategorização, uma vez que as metáforas empreendidas pelo candidato traziam avaliações positivas de si e negativas em relação ao seu adversário, como forma de levar o telespectador a crer que E2 seria a melhor opção para presidente, ao contrário de seu oponente.

Diante das discussões apresentadas sobre algumas funções das expressões nominais, desde a recategorização, encapsulamento, categorização metaenunciativa, organização micro e macrotextual, orientação argumentativa, até um novo tipo de reconstrução de referentes, a recategorização metafórica, viu-se como essas expressões podem ter múltiplas funções no universo textual, além das retomadas. Nessa perspectiva, essas expressões referenciais auxiliam na manutenção do “sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva.” (KOCH, 2011, p.106).

Além dessas reflexões sobre as funções das expressões nominais, viu-se no capítulo 3 e suas subseções, o porquê da denominação de referenciação, dos pilares de sua constituição, a referenciação reelabora a realidade, é resultado de uma negociação e é um fenômeno sociocognitivo, mostrando que ela não se constitui apenas nas relações de sentido entre os movimentos referenciais da anáfora e da catáfora, mas sim como um fenômeno amplo, que implica relações cotextuais, contextuais e mentais, nas quais o interlocutor não é mero receptor das informações, mas coparticipante da interação, portanto, coopera juntamente com o locutor para a constituição dos sentidos.

4 ASPECTOS TEXTUAIS: TEXTO, ORALIDADE E GENÊROS TEXTUAIS

Neste capítulo, serão abordados aspectos relacionados ao texto, à oralidade e aos gêneros textuais, no que se refere às diferentes ideias sobre o que é texto e a noção de texto adotada neste trabalho. Além disso, tratar-se-á a respeito das especificidades da oralidade, uma vez que o gênero analisado neste estudo, o debate político, constitui-se como um gênero oral. Por fim, será feita uma abordagem a respeito dos gêneros textuais, o que são, como são classificados e como se caracterizam, algo fundamental para a caracterização do gênero textual debate.

4.1 Texto: considerações e definições

Nas discussões iniciais deste trabalho, no capítulo 2, viu-se que o texto é o foco de estudo da Linguística Textual. Em sua trajetória, a LT foi redefinindo seus propósitos de pesquisa à medida que foi modificando a noção sobre o que é texto, pois “[...] desde as origens da Linguística do Texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas.” (KOCH, 2013, p.25). De acordo com Bentes (2012), nos dois períodos iniciais da LT, a *análise transfrástica* e as *gramáticas textuais*, o texto era visto como um produto acabado, cuja estrutura era definida a partir da organização de seus elementos internos. Nesse sentido, o texto era conceituado como uma *unidade linguística superior à frase*, uma *sequência/combinção de frases*, ou mesmo um *conjunto de proposições semânticas*, com base em Koch (2013).

Diante dessas conceituações, o texto era considerado como tal no seu aspecto formal, limitado em sua estrutura e na organização desta, sendo “encarado como uma unidade que, [...] é, em geral, delimitada, com um início e um final mais ou menos explicitado.” (BENTES, 2012, p.269). Nessa perspectiva, o texto se situava ao nível do sistema, assim, de acordo com Marcuschi (2012, p.23), predominavam-se os “aspectos sintáticos [...], desleixando o nível cognitivo-conceitual e o pragmático.”. Dessa forma, o texto se encontrava engessado na sua estrutura superficial, excluindo-

se os aspectos sociointerativos envolvidos nos processos de produção, recepção e compreensão, os quais também eram ignorados.

Se, nos primórdios dos estudos da LT, o texto era visto como uma unidade formal da língua, num segundo momento, com a constituição das *teorias de texto*, sob a influência da pragmática, passando pela teoria dos atos de fala e da teoria da atividade verbal, o texto passa a ser compreendido “no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção.” (KOCH, 2013, p.26). Diante disso, ele passa a ser considerado em seus contextos de produção, recepção e compreensão, e visto como uma atividade pertencente aos processos globais de comunicação, segundo Bentes (2012) e Koch (2013).

Nesse sentido, para se definir texto, era preciso considerar a produção textual em três perspectivas: como uma *atividade verbal, consciente e interacional*. Na primeira, na produção de textos como uma **atividade verbal**, o locutor realiza ações e almeja aos objetivos em relação ao outro, como afirma Bentes (2012). Desse modo, dizer é fazer, dizer é agir, pois por meio da linguagem “alguém informa, avisa, adverte, anuncia, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e divulga o conhecimento produzido pelo grupo.” (ANTUNES, 2003, p.48).

Além disso, quando se interage pela linguagem, de acordo com Koch (2012, p.29, grifo da autora), “há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, [...] isto é, pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais)”. No entanto, esses efeitos ou reações podem corresponder ou não às expectativas do falante, pois não se tem uma medida exata da resposta do outro. Essas reflexões demonstram que, quando alguém produz um texto age por meio da linguagem e o faz sempre objetivando algo em relação a alguém.

Ver a produção textual como uma **atividade consciente** é, por sua vez, considerá-la como uma ação intencional, na qual, conforme Bentes (2012, p.271), “o sujeito sabe o que faz, como faz e com que propósitos faz.”. Portanto, ninguém diz algo por dizer, escreve por escrever. Assim, sempre que alguém fala ou escreve é por alguma razão. Isso ocorre porque o uso da linguagem é orientado pela intenção, a qual “é determinada pelo sentido do enunciado, isto é, ela se deixa representar de

determinada forma no enunciado, sendo, pois, linguisticamente constituída” (KOCH; ELIAS, 2016a, p.13).

Por isso, de acordo com Antunes (2003, p.48), não existe a produção de “palavras ou de frases soltas, de frases inventadas, de textos sem propósito, sem a clara e inequívoca definição de sua razão de ser.”. Dessa maneira, o locutor leva em conta o contexto de produção e procura explicitar os seus objetivos em relação ao seu interlocutor e, para realizá-los, desenvolve estratégias e mobiliza conhecimentos linguísticos, interativos e pragmáticos, Koch (2013) e Bentes (2012).

Por fim, produzir um texto é uma **atividade interacional**, visto que os interactantes estão sempre envolvidos tanto na construção quanto na compreensão de textos, segundo Bentes (2012). Assim, a interação verbal sempre se estabelece porque falantes/ouvintes e/ou escritores/leitores agem cooperativamente em uma mesma situação para alcançarem um mesmo objetivo, de acordo com Marcuschi (2008). Isso acontece somente porque os indivíduos estão dispostos a jogar o jogo, como bem lembra o referido autor, ou seja, estão dispostos a agir colaborativamente para alcançarem um fim específico.

Para que o jogo ocorra, todos devem colaborar. [...] Embora cada qual queira vencer, **todos devem jogar o mesmo jogo**, pois, do contrário, não haverá jogo algum. [...] Assim se dá com os textos. [...] Os falantes/escritores da língua, ao produzirem textos, estão enunciando conteúdos e sugerindo sentidos que devem ser construídos, inferidos, determinados mutuamente. [...] (MARCUSCHI, 2008, p.77, grifo do autor).

Desse modo, o que um sujeito faz depende do que o outro também faz, afirma Antunes (2003). Assim, “a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições.” (ANTUNES, 2003, p.45). Conforme a autora diz, não existe linguagem sem o outro. Diante dos aspectos abordados acerca da produção textual, vê-se que os textos não devem ser encarados somente no simples âmbito do sistema, como ocorrera nos momentos iniciais da LT, mas sim como um fruto da interação verbal entre sujeitos atuantes e socialmente situados, que atuam em conjunto para conquistar um dado propósito, de acordo com o contexto comunicativo no qual estejam inseridos, segundo Koch (2013). Por isso que a

Linguística Textual define “o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas.” (MARCUSCHI, 2012, p.33).

É nesse sentido que os textos são tomados na perspectiva sociointerativa, em que são tidos como o **lugar em que a interação se efetiva**, portanto, como o meio pelo qual os sujeitos interagem verbalmente entre si, seja pela escrita ou pela oralidade, procurando entender uns aos outros e se fazerem entender. É, portanto, o lugar em que os sujeitos se constroem e são construídos de forma dialógica, segundo Koch (2011). “Desta forma, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.” (KOCH, 2011, p.17).

Desse modo, como “esses sujeitos são situados sócio-histórica e culturalmente e que os conhecimentos que mobilizam são muitos e variados, é fácil supor que o texto ‘esconde’ muito mais do que revela a sua materialidade linguística.” (KOCH; ELIAS, 2016b, p.32, grifo das autoras). Isso demonstra a incompletude dos textos e de como é importante que os sujeitos coloquem em ação outros conhecimentos além do que está posto textualmente para que os sentidos sejam constituídos em sua totalidade.

Além disso, por envolverem operações e processos dos mais diversos tipos, os textos podem ser classificados, ainda, como **entidades multifacetadas**, as quais resultam de processos bastante complexos de interação, de formação e atuação de sujeitos, bem como de conhecimentos e da própria linguagem (KOCH; ELIAS, 2016b). Nessa perspectiva, concorrem conhecimentos variados, como os prévios e os provenientes da própria interação, como também do próprio conhecimento linguístico, segundo Koch e Elias (2016b). Isso implica dizer que tanto na produção quanto na compreensão textuais “não basta o conhecimento da língua, é preciso também considerar conhecimentos de mundo, da cultura em que vivemos, das formas de interagir em sociedade.” (KOCH; ELIAS, 2016a, p.15). Assim, fica evidente que compreender o texto como uma unidade multifacetada é localizá-lo sociocognitivamente.

Por outro lado, apesar de os textos se constituírem na interação, os aspectos formais não podem ser desconsiderados. É nessa perspectiva que Marcuschi (2008) salienta que é preciso considerar que tanto os aspectos relativos ao sistema quanto

aos relacionados ao uso são importantes à produção textual. Assim, é necessário tratar o texto como uma unidade do uso e, também, do sistema, pois ela é “uma *unidade comunicativa* (um evento) e [...] uma *unidade de sentido* realizada tanto no nível do uso como no nível do sistema.” (grifos do autor). Por isso, é preciso observar tanto os aspectos linguísticos, a chamada **organização linear**, no que diz respeito à coesão textual, quanto à **organização não linear**, voltada aos “níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.” (MARCUSCHI, 2012, p.33).

Diante desses pontos, deve-se compreender que os aspectos linguísticos são importantes, mas não são suficientes para o processamento do texto, pois esses elementos devem ser analisados como meios para a interação e não por si mesmos (MARCUSCHI, 2003 apud KOCH; ELIAS, 2016b). Nesse sentido, Koch e Elias (2016b, p.34) afirmam:

[...] o texto não resulta apenas do conhecimento da língua, tampouco somente de quem o produz ou das interpretações de quem o lê (ouve), mas da complexidade dos aspectos envolvidos nas relações intersubjetivas constituídas de forma situada.

Nessa perspectiva, segundo Beaugrande (1997 apud KOCH; ELIAS, 2016b, p.34) o texto pode ser compreendido como “uma pequena porção da matéria e da energia dentro da qual uma enorme quantidade de informação foi ‘condensada’ por um falante ou escritor e está pronta para ser ‘amplificada’ por um ouvinte ou leitor” (grifos do autor). Toda essa afluência de diferentes processos e operações, toda essa trama de aspectos linguísticos e não-linguísticos permitem evidenciar as ligações internas e externas de um texto e deste com o entorno das relações humanas.

Por isso é que hoje, no interior dos estudos do texto, não cabe mais considerar somente o âmbito do sistema, já que ele não é meramente uma unidade formal (frase, palavra, morfema, fonema), mas sim um evento comunicativo materializado na linguagem, uma unidade significativa, um fenômeno sociohistórico, sociointerativo, e também um tecido estruturado que, segundo Marcuschi (2008), é capaz de reconstruir a realidade.

4.2 Oralidade: características e especificidades

Na manifestação da linguagem, a interação ocorre tanto pela oralidade quanto pela escrita. Nesse sentido, a oralidade é um tipo de prática social que ocorre por meio de aparato sonoro, de diferentes formas e gêneros, indo da “realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.” (MARCUSCHI, 2010, p.25). Como modalidade da língua, pode-se dizer que a oralidade surge como primeira manifestação da linguagem nos seres humanos, já que ela é adquirida de forma espontânea no convívio familiar. Além disso, antes do surgimento da escrita, nas sociedades em geral, as interações verbais ocorriam predominantemente pela língua oral, assim, diz-se: “todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral”, segundo Marcuschi (2010, p.17). Assim, ao se pensar numa perspectiva cronológica, a oralidade vem antes da escrita.

Apesar de haver um predomínio da escrita, não há uma supremacia desta última em relação à oralidade. Pelo contrário, a oralidade é e continua efetivamente presente nas práticas linguísticas do dia a dia. Dessa forma, Marcuschi (2010, p.36) ressalta: “A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia.”. Além disso, mesmo a escrita sendo mais privilegiada no âmbito social, os indivíduos falam mais que escrevem (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007).

Nesse sentido, a escrita não pode ser tida como sendo superior à oralidade, nem esta última superior àquela. Entretanto, baseada na “observação [...] das condições empíricas de uso da língua (envolvimento, planejamento e verbalização)” (MARCUSCHI, 2010, p.28), ao invés das características da produção textual, tais modalidades de uso da língua foram vistas, por muito tempo, com um viés dicotômico. Dessa forma, Koch (2013) cita algumas características dicotômicas, mostrando que a escrita era tida como descontextualizada, planejada, completa, elaborada, não fragmentada e com maior densidade lexical, por exemplo.

A fala, por seu turno, era vista como contextualizada, não planejada, incompleta, pouco elaborada, fragmentada e com menor densidade lexical, de acordo

com Koch (2013). Como se observa, essa dicotomia foi feita com base em uma visão preconceituosa da língua falada, baseada no padrão escrito da língua, fazendo com que a primeira fosse “comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em fase de aquisição” (KOCH, 2013, p.79). Segundo Marcuschi (2010, p.28):

Esta visão [...] manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos. [...] A perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. Seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada.

Na realidade, a oralidade não pode ser observada sob a visão da escrita. Pelo contrário, deve-se considerar que ela tem características próprias que são inerentes a sua manifestação, as quais são orientadas por aspectos cognitivos, interacionais e pragmáticos de sua própria produção, afirma Koch (2013). Nessa perspectiva, é interessante observar que a língua falada não apresenta um planejamento prévio, pois tudo ocorre *in loco*, em um processo de (re)planejamento que acontece a cada novo jogo de linguagem (KOCH, 2015). Sendo assim, na oralidade tudo se apresenta *in statu nascendi*, ou seja, o texto falado é o seu próprio rascunho, no qual tudo é planejado e verbalizado simultaneamente, não há como fazer revisões ou passar a limpo como é possível fazer na escrita. Desse modo, ela é o processo e não o resultado dele, como é o caso da escrita, por isso se diz que a fala é dinâmica.

Além disso, os textos falados apresentam descontinuidades recorrentes, “determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância.” (KOCH, 2015, p.45). Outro aspecto observado é a sintaxe característica dessa modalidade da língua, mas que não deixa de lado a sintaxe da língua em geral. De acordo com Koch (2013, p.80-81),

como é a interação (imediata) o que importa, ocorrem pressões de ordem pragmática que se sobrepõem [...] às exigências da sintaxe. São elas que [...] obrigam o locutor a ‘sacrificar’ a sintaxe em prol das necessidades da interação, fato que se traduz pela presença, no texto falado, não só de falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, mas também de inserções, repetições e paráfrases, que têm, funções cognitivamente cognitivo-interacionais de grande relevância.

Ademais, outra característica da modalidade oral da língua é a coprodução, ou seja, o texto falado é formado numa cooperação entre os interlocutores, resultando numa produção conjunta, fruto de uma interação imediata, já que na produção de textos nessa modalidade os indivíduos estão, muitas vezes, em um mesmo tempo e espaço, o que já não é possível na escrita, já que as interações são tardias. Dadas essas características da fala, é interessante considerar que as diferenças existentes entre a primeira e a escrita são situadas no *continuum* tipológico das práticas sociais, conforme Marcuschi (2010).

Desse modo, há textos que estão situados na fala, como é o caso da conversação espontânea, outros que estão mais voltadas para a escrita, como as redações. Tais exemplos são chamados de protótipos de ambas as modalidades. Por outro lado, existem textos escritos que se situam mais próximo ao polo da fala conversacional, como é o caso das entrevistas publicadas em revistas, ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal, como as apresentações em eventos acadêmicos, segundo Koch (2013) e Marcuschi (2010). Existem, também, os tipos mistos e os intermediários. Essas especificidades ocorrem devido à correlação entre o modo de produção (sonoro ou gráfico) e o meio de concepção discursiva (oral ou escrita). Assim, o noticiário de TV apesar de ser produzido oralmente, sua concepção discursiva é a escrita, ao se observar o nível de linguagem.

Embora fala e escrita apresentem características próprias que as identificam e as diferenciam, essas modalidades não podem ser vistas de forma dicotômicas, pois muitas de suas características não são exclusivas de uma ou outra modalidade e que suas diferenças precisam ser vistas no contínuo tipológico. Assim, essas duas modalidades da língua devem ser observadas e estudadas a partir dos usos da língua e não meramente pela perspectiva do código.

4.3 Gêneros textuais: aspectos gerais

Nas discussões iniciais do capítulo 4, viu-se que as práticas comunicativas do dia a dia os sujeitos interagem entre si, seja pela oralidade ou pela escrita, por meio

de enunciados concretos e únicos, orais ou escritos, como explicita Bakhtin (1997). Afinal, não é possível que haja interação verbal a partir de palavras ou frases soltas, mas sim através de enunciados, os quais são produzidos por sujeitos situados em várias esferas da atividade humana, de acordo com o autor. Tais enunciados, advindos de tais esferas e considerados por Bakhtin (1997) como tipos relativamente estáveis de enunciados, constituem os chamados **gêneros textuais**. Eles “são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas [...]” (MARCUSCHI, 2008, p.155). Por isso, existem gêneros para as mais diferentes práticas de linguagem efetuadas pelos sujeitos e com as mais variadas finalidades.

Assim, é comum, por exemplo, que as pessoas produzam ou ouçam enunciados do tipo: “ ‘*escrevi uma carta*’, ‘*recebi um e-mail*’, ‘*achei o anúncio interessante*’, ‘*fiz o resumo do livro*’, ‘*a poesia é de um autor desconhecido*’, [...] ‘*a piada foi boa*’, ‘*que tirinha engraçada*’, ‘*a lista é numerosa*’ ”. (KOCH; ELIAS, 2015, p.101, grifos das autoras). Estes são apenas alguns exemplos de práticas comunicativas que os sujeitos realizam diariamente; afinal, não há como se comunicar se não for por meio de gêneros. Portanto, esses construtos são extremamente importantes para as interações sociais. “E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso).” (BAKHTIN, 1997, p.281).

Além disso, observa-se, nesses exemplos, como os gêneros nomeiam determinadas ações linguísticas que permitem aos sujeitos se entender e se fazerem entender, segundo Marcuschi (2008). Dessa forma, nenhuma pessoa “[...] se porá a ler um dicionário ou um catálogo telefônico como se lê um romance, um artigo de jornal ou uma carta dum amigo.” (MARCUSCHI, 2012, p.21-22). De fato, pois os dois primeiros não se configuram como práticas de linguagem ao contrário do romance, do artigo de jornal e da carta que são meios de interação verbal que, além de estruturas específicas, aspectos textuais e discursivos, possuem funções comunicativas específicas.

Como as situações interativas são muitas, pode-se dizer que existe uma infinidade de gêneros, pois ações interativas são múltiplas. Diante dessa variedade de gêneros textuais, Marcuschi (2008) afirma que haveria uma espécie de “listagem

aberta” de gêneros, pois não seria possível fazer uma classificação exata de todos os gêneros existentes, no que tange tanto ao número quanto aos tipos, e, sendo assim, as pesquisas voltadas a essa área estão direcionadas a explicar como os gêneros são constituídos e como circulam pelos meios sociais, conforme o autor.

Ao tratar dos gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, Bakhtin (1997) atenta para a possibilidade de eles serem alterados a partir de determinadas situações interativas. Por exemplo, em uma conversa cotidiana entre amigos e família, pode-se valer de uma linguagem mais informal do que em uma reunião de trabalho ou em um encontro acadêmico. Essa característica demonstra a dinamicidade dos gêneros e, assim, de como é importante que não se considerem os gêneros textuais “como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros com entidades dinâmicas.” (MARCUSCHI, 2008, p.156).

Esse caráter dinâmico se deve ao fato de eles serem situados sócio-historicamente, pois, de acordo com Marcuschi (2008), os gêneros textuais não podem ser tratados nem longe do âmbito social nem das ações humanas. Por outro lado, os gêneros possuem uma identidade própria que norteia as escolhas dos sujeitos na produção textual, o que implica dizer que as pessoas não possuem tanta liberdade em suas práticas de linguagem. Assim, conforme Köche, Boff e Marinello (2010, p.11), a seleção de um gênero depende de alguns fatores relacionados ao produtor textual e à situação comunicativa, como: “quem ele é, para quem escreve, com que finalidade e em que contexto histórico ocorre a comunicação.”.

Dessa forma, dada a sua natureza social, os gêneros podem demonstrar variações e permitir escolhas e mudanças de estilo e, por outro lado, por meio de sua identidade, eles determinam padrões e restrições nas práticas comunicativas (DEVITT, 1997 apud MARCUSCHI, 2008). Havendo restrições e, ao mesmo tempo, uma espécie de convite às mudanças nas práticas comunicativas, o fato é que os sujeitos se utilizam muito bem dos gêneros em seu cotidiano e isso se deve a uma competência desenvolvida por eles: a chamada **competência metagenérica** que permite aos sujeitos produzir e compreender os mais diversos gêneros textuais, de acordo com Koch e Elias (2015).

A esse respeito, é interessante observar que os gêneros são adquiridos socialmente, nas práticas sociais, de maneira semelhante ao que ocorre com a língua materna, a qual não é aprendida a partir do ensino formal, mas sim por meio os enunciados produzidos e reproduzidos nas interações verbais próximas no dia a dia. Dessa forma, justamente por serem manifestações comunicativas habituais aos indivíduos, estes os reconhecem facilmente nas práticas de linguagem.

Nessa perspectiva, as pessoas são capazes de identificar qual gênero leem, ouvem ou que produzem em suas práticas discursivas. Como afirma Bakhtin (1997), os gêneros são usados com grande habilidade e convicção pelas pessoas, mesmo que as questões teóricas não sejam conhecidas pelos interlocutores, assim como ocorre com muitos fenômenos da língua, elas os utilizam com muita segurança, apesar de não saberem explicar o que são ou como ocorrem.

4.3.1 Os gêneros primários e secundários

Para Bakhtin (1997), dada a grande diversidade e heterogeneidade de gêneros, o autor procurou dividi-los em dois grupos: os **gêneros primários** e os **secundários**. Os primeiros são tidos como gêneros simples que são produzidos em situações cotidianas e, por isso, eles possuem uma relação mais estreita com a realidade imediata, por sua espontaneidade e seu grau de informalidade, segundo Köche, Boff e Marinello (2010). Assim, os gêneros primários são os conversacionais, como as conversas cotidianas, por exemplo. Os **gêneros secundários**, por seu turno, são tidos como os gêneros mais complexos, pois surgem de situações comunicativas mais formais e valem-se da linguagem mais elaborada, dada a complexidade das circunstâncias em que ocorrem (esfera artística, política e científica), por isso há o predomínio da língua escrita, segundo Bakhtin (1997).

Na realidade, os gêneros secundários que tomam emprestados os diálogos dos contextos cotidianos para uma esfera mais complexa, na qual “a interlocução não é mais imediata e, portanto, as condições de produção do discurso se tornam secundárias, mais complexas.” (COSTA, 2009, p.15). É o que ocorre com os diálogos

entre personagens de um romance ou os que acontecem em entrevistas publicadas em revistas ou as que ocorrem na televisão ou no rádio, segundo Costa (2009).

Dada essas características, pode-se dizer que o debate político, gênero que será estudado nas próximas subseções deste capítulo, constitui-se como um gênero secundário, pois nele as discussões não são espontâneas, mas sim instituídas pela situação comunicativa de grande formalidade em que os candidatos se encontram. Nesse sentido, os gêneros secundários absorvem e modificam os gêneros primários em seu processo de produção. Dessa maneira, os gêneros secundários trazem características dos gêneros primários, mas acrescentam-lhes elementos da esfera discursiva em que circulam e criam, assim, um novo gênero (COSTA, 2009).

A partir dessas discussões sobre os gêneros textuais, viu-se como eles estão presentes nas mais diferentes práticas comunicativas, desde as mais comuns e cotidianas às mais complexas e formais e de como todos eles cumprem uma função social, dependendo da situação de interação e dos objetivos dos interlocutores. Além disso, mostrou-se como os indivíduos são capazes de produzir e identificar diversos gêneros por meio da competência metagenérica que possuem, adquirida pelo inserção do sujeito em variadas práticas sociais, permitindo-lhe usá-los com destreza.

4.4 Definição do gênero debate

De uma maneira geral, pode-se dizer que o debate é um gênero bastante presente na sociedade e difundido nas mais diversas esferas comunicativas, desde as mais comuns, como as discussões entre familiares e amigos sobre assuntos cotidianos, religião, política etc., até as mais formais, como debates em universidades, as discussões em tribunais e sessões parlamentares. De acordo com o Dicionário Aurélio (2010, p.218), o debate é definido como uma “discussão em que se alegam razões pró ou contra.”. Dessa forma, o debate é um gênero pautado em discussões, nas quais duas partes ou mais expõem seus posicionamentos, defendem seus pontos de vista e refutam ideias contrárias.

No que se refere às suas características, o debate traz consigo três habilidades humanas essenciais, segundo Costa (2009): a **linguística**, no que se refere à contraposição de ideias, às técnicas de retomada do discurso, entre outras; a **cognitiva**, relacionada à capacidade crítica e social dos indivíduos envolvidos, como respeitar o outro, o seu momento de fala; por fim, a **individual**, referente à formação de identidade de cada um, como a habilidade de cada participante de se situar nas discussões, as tomadas de posição, dentre outras. Como já foi dito inicialmente, o debate ocorre em contextos diferentes, apresentando, assim, características específicas de cada domínio discursivo. Assim, segundo Costa (2009), no **cotidiano**, o debate é tido como uma discussão orientada na exposição de motivos para a defesa ou refutação de opiniões, argumentos, decisões ou ordens. No **domínio jurídico**, são as discussões e argumentações ocorridas entre acusação e defesa.

No **contexto político**, seria “a argumentação e resolução formais de uma moção diante de uma assembleia legislativa ou outro corpo deliberativo público, de acordo com regras do procedimento parlamentar ou regulamentar.” (COSTA, 2009, p.75). Dentre esses três contextos, manifestam-se alguns tipos de debates, dos quais Costa (2009) designa quatro tipos: o **debate de opinião de fundo controverso**, o **debate deliberativo**, o **debate para a resolução de problemas** e o **debate público regrado**.

O primeiro tipo, o **debate de opinião de fundo controverso**, é aquele que objetiva o entendimento de um tema que gera opiniões diferentes, na qual é possível a emissão de opiniões diversas que permitem influenciar o posicionamento do outro, como também transformá-lo e, até mesmo, é possível que a própria opinião seja modificada. O **debate deliberativo**, por sua vez, é um tipo de discussão na qual cada indivíduo expõe e explica suas razões para uma determinada decisão, a fim de que se promovam soluções para um determinado problema. O **debate para a resolução de problemas**, como o próprio nome diz, visa à resolução de um problema, para o qual “o grupo deve construir uma proposta de solução com base nas contribuições de cada debatedor.” (COSTA, 2009, p.75). Essa solução é proposta com base nos conhecimentos comuns dos participantes da questão em discussão.

O último tipo, o **debate público regrado**, é aquele que, em geral, possui regras para o seu funcionamento e que conta com a presença de um moderador “que

assegura o papel de síntese, de reenfoque, de reproposição, não permitindo uma dispersão desnecessária.” (COSTA, 2009, p.75). No período das eleições, esse tipo de debate é bastante utilizado pelos diversos meios de comunicação, pois permite a organização das discussões ocorridas entre os candidatos, para que assim o foco não se perca que é a exposição das propostas de governo, ideias e posicionamentos de cada participante em relação a temas que sejam do interesse da população.

A partir dessa exposição sobre o gênero debate, vê-se que, apesar dos contextos comunicativos diferentes e os diferentes tipos de debate, é possível notar como eles têm características semelhantes, como a linguagem expositiva e, sobretudo, argumentativa, uma vez que sempre existe a discussão de temáticas controversas com o objetivo de se propor esclarecimentos sobre um determinado assunto, soluções para um dado problema ou convencer alguém.

4.4.1 O debate político televisionado: características

O debate político televisionado, gênero estudado nesta pesquisa, tem essa denominação porque é um tipo de discussão que acontece no contexto político, mais precisamente no período eleitoral, cujos participantes são candidatos a determinados cargos políticos, por isso é *político*; é *televisionado* porque conta com o suporte televisivo como principal meio de transmissão. Os debates televisionados são algo recente no mundo, sobretudo no Brasil. Estima-se que o primeiro debate televisionado aconteceu em 1960, entre os candidatos à presidência dos Estados Unidos, Richard Nixon e John Kennedy.

No Brasil, por seu turno, o primeiro debate televisionado com candidatos à presidência foi em 1989, com os então candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor. Esses debates se tornaram mais populares nos anos 2000 em diante, não somente para candidatos à presidência da república, como também entre candidatos a governos estaduais e municipais. Em geral, nesse gênero, os candidatos mostram seus projetos e propostas de governo, discutem sobre temas que são de interesse da população, como saúde, educação, transporte, segurança, economia, entre outros, buscam defender ou refutar os seus posicionamentos procurando, assim, mostrar

quem é o melhor candidato, o mais bem preparado para ocupar determinado cargo político da esfera executiva. Como os candidatos discutem sobre diversos temas, buscando defender suas ideias e/ou contradizer as colocações de seu oponente por meio de argumentos, pode-se considerar o debate político como um gênero argumentativo. Isso será bem mais discutido na seção 4.4.3 deste capítulo.

A partir das classificações anteriores, é possível observar que o gênero debate político televisionado pode ser caracterizado como *um debate público regrado* porque, como já foi explicitado anteriormente, esse modelo é o utilizado no período eleitoral por, justamente, promover uma discussão organizada entre os debatedores. Assim, ele é *público* porque é direcionado a ele, seja para as pessoas que estão na plateia ou para as que assistem pela televisão. Vale ressaltar que as pessoas que acompanham esse tipo de discussão não são meros telespectadores, mas sim eleitores que podem decidir o rumo das eleições.

Além disso, o debate possui regras, as quais são preestabelecidas e acordadas entre os candidatos e seus respectivos assessores antes do debate por meio de sorteio, como a ordem de participação de cada candidato em cada bloco, o tempo de fala de cada participante para as considerações iniciais e finais, o tempo para formular perguntas, respostas, réplicas e tréplicas e direito à resposta em caso de ofensa. Tem a presença de um mediador para coordenar as discussões que, em geral, é um jornalista âncora da emissora que faz a transmissão, porém há emissoras que contam com dois mediadores.

Em relação aos temas discutidos, em geral são aqueles de interesse do público, os quais podem ser sorteados a cada nova rodada ou os participantes escolhem livremente o que desejam questionar. Em alguns debates, a plateia é interativa e participa fazendo perguntas aos candidatos. Nessa perspectiva, salienta-se que as regras podem variar de acordo com a emissora de televisão que exibe o debate, porém a sua estrutura de funcionamento é a mesma. Isso evidencia a dinamicidade que esse gênero possui, característica que os gêneros textuais possuem como foi dito na seção 4. Assim, a diferença ocorrida nos debates em cada rede de televisão promove um estilo e uma identidade próprios, permitindo caracterizá-los em cada emissora.

Com diferenças ou não, os debates políticos televisionados precisam ter essa organização para que as discussões aconteçam de forma clara, objetiva, a fim de que cada candidato mostre que é o melhor para ocupar um determinado cargo político (presidente, governador, prefeito etc.) e, assim, função social desse gênero seja exercida, que é evidenciar quem e como são esses candidatos.

4.4.2 As regras do debate da rede Band

O debate político selecionado para análise neste estudo foi o debate transmitido pela emissora Bandeirantes (Band). Esse debate contou com a mediação de um jornalista âncora dessa rede de televisão. Antes do início de cada bloco o mediador passava as regras para os telespectadores, por meio da exibição de um vídeo. A ordem de participação e a posição de cada candidato foram definidas por meio de sorteio realizado antes do debate na presença de seus assessores. De início, cada candidato fez suas considerações iniciais, tendo dois minutos para as suas exposições.

Depois, as discussões propriamente ditas foram iniciadas. No primeiro e quarto blocos cada candidato teve direito a uma pergunta e no segundo e terceiro blocos a duas perguntas cada um. Após as discussões, os debatedores fizeram suas considerações finais. Sobre o tempo de exposição, para as considerações iniciais e finais, os candidatos tiveram dois minutos para suas exposições orais; para perguntas, um minuto; respostas, dois minutos; réplicas e tréplicas, um minuto.

4.4.3 O debate político televisionado como um gênero argumentativo

No gênero debate político televisionado, como já foi visto anteriormente, os participantes mostram suas propostas, objetivos e ideias, defendem seus pontos de vistas e refutam posicionamentos, objetivando mostrar que são os melhores perante o telespectador que acompanha o debate. Tomando como base essas características,

com base em Köche, Boff e Marinello (2010), pode-se dizer que esse gênero textual é argumentativo, pois nele há discussões de temáticas controversas, cujos posicionamentos são defendidos ou refutados por meio de argumentos.

O objetivo não é, necessariamente, convencer seu oponente, mas sim o telespectador que compreende o eleitor em potencial e, por isso, é para ele que, de fato, as discussões são direcionadas. Em geral, as pessoas que acompanham o debate são eleitores indecisos que ainda não decidiram em quem votar e é justamente essa parcela da população que os candidatos precisam convencer, uma vez que é possível que esses votos possam ser a diferença entre ganhar e perder uma eleição. Nessa perspectiva, o que é importante nesse gênero é a exposição de argumentos, pois os debatedores precisam mostrar as razões para que o telespectador aceite suas ideias e propostas. Dessa forma, de acordo com Köche, Boff e Marinello (2010), é importante que o enunciador mostre que pensa e reflete sobre determinado assunto e de que forma pensa, isto é, ele precisa formar progressivamente sua opinião embasada em argumentos.

Nesse sentido, os debatedores precisam construir um discurso claro, objetivo e com argumentos consistentes, com base em reflexões sobre o tema, exposição de fatos, exemplos, explicações e justificativas, conforme as autoras. Por meio dessas colocações, vê-se como o debate político televisionado é um gênero argumentativo, pois nele os candidatos expõem, defendem e refutam opiniões e ideias, cujo foco é levar o público a crer em suas ideias e, assim, convencê-lo de que é o candidato que deve ser eleito no pleito.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho segue uma perspectiva qualitativa de estudo, na qual analisa os dados de forma interpretativa, uma vez que, de acordo com Lohn, (2010 apud CAJUEIRO, 2013, p.23), esse tipo de pesquisa visa à interpretação de “valores, opiniões, atitudes e é utilizada [...] para a compreensão de fenômenos que vão além do quantificar e medir.”. Assim, o estudo privilegia a observação de aspectos subjetivos, procurando atribuir sentido ao que é analisado (CAJUEIRO, 2013).

Nessa perspectiva, “[...] a pesquisa qualitativa abdica total ou quase totalmente das abordagens matemáticas no tratamento dos dados, trabalhando preferencialmente com as palavras oral e escrita, com sons, imagens, símbolos, etc.” (MOREIRA, 2002, p.44). Nesse âmbito, a pesquisa qualitativa seria o que Bauer, Gaskell e Allum (2015) chamam de pesquisa *soft*.

Além do foco na interpretação e na subjetividade, buscou-se conduzir a investigação num âmbito flexível, justamente por não haver quantificação e exatidão na análise do objeto de estudo, segundo o autor. Além disso, há nuances que surgem por questões interpretativas, centra-se no processo, no desenvolvimento da pesquisa em si, no seu entendimento e não produto final (MOREIRA, 2002). Além do mais, o próprio processo de pesquisa exerce influência no contexto da pesquisa, isto é, “admite-se que o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado.” (MOREIRA, 2002, p.44). Tais características conferem dinamismo na condução deste trabalho.

O universo da pesquisa é constituído de nove debates políticos das eleições presidenciais de 2014, sendo quatro debates tanto do primeiro quanto do segundo turno, exibidos nas quatro principais emissoras de televisão do país (rede Bandeirantes (Band), Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Record e Globo e um exibido pela TV Aparecida, organizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no primeiro turno.

Dentre esses debates, selecionou-se de forma aleatória um debate para constituir o corpus desta pesquisa, o debate da rede Band do segundo turno, para a

transcrição e a respectiva coleta dos fragmentos para a análise⁵. Por se tratar de um debate do segundo turno, participam das discussões apenas dois candidatos. Aqui, como se trata de dados de interação social, pode-se dizer que eles são dados sociais por se constituírem em processos comunicativos (BAUER; GASKELL, 2015).

A transcrição foi realizada com base nas normas de transcrição de Marcuschi (2003) e Preti (2000), as quais foram adaptadas e reunidas em um quadro, o qual está disposto no Apêndice C. Nesse processo, procurou-se manter certa fidelidade com a manifestação oral do debate, pois é importante que a transcrição siga uma ordem que não interfira na natureza do discurso produzido, no que se refere ao conteúdo e à linguagem, segundo Marcuschi (2010). Desse modo, em muitos momentos houve a fuga do padrão escrito da língua para marcar especificidades do texto falado e dos próprios enunciadores (MARCUSCHI, 2010).

O autor ainda ressalta que não há a melhor transcrição. “Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém.” (MARCUSCHI, 2003, p.9). Além disso, a transcrição se faz a partir da compreensão do analista, ou seja, transcreve-se aquilo que foi entendido. Dessa forma, pode haver diferenças ou mesmo algo que escape aos ouvidos do analista por se tratar de um processo de adaptação da fala para a escrita. Por razões relacionadas às regras de transcrição, os debatedores, os candidatos à presidência, são denominados como E1 (Enunciador 1) e E2 (Enunciador 2) e o mediador como E3 (Enunciador 3), pois os falantes devem ser designados por siglas ou letras.

Após a transcrição dos dados orais⁶, fez-se a seleção de fragmentos, que constituem o *corpus*, e a sua posterior análise. Pode-se dizer que a construção permitiu “uma coleta sistemática de dados, sem seguir a lógica da amostragem estatística.” (BAUER; GASKELL, 2015, p.16). Os fragmentos são de diferentes

⁵ Todo o processo de coleta dos debates políticos, a seleção e a transcrição do debate escolhido, foi realizado pelo Grupo Linguagem e Retórica (GLARE) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), por meio do projeto de pesquisa intitulado “Análise do debate político numa visão retórico-textual” do PIBIC-Português em 2015, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos, a qual é orientadora deste estudo.

⁶ A transcrição completa do debate se encontra no Apêndice D.

momentos do debate, como as considerações iniciais, momentos das rodadas do primeiro, terceiro e quarto blocos, com as mais diferentes temáticas, como economia, educação, violência contra a mulher, qualidade dos serviços públicos e geração de empregos.

No que se refere às análises, elas foram realizadas com o intuito de responder às questões inicialmente veiculadas: a) Quais processos da referenciação são mais evidentes no gênero debate político? b) De que maneira os diferentes processos referenciais contribuem para a constituição da tessitura textual e da argumentação nesse gênero? c) Como os fenômenos referenciais presentes no debate político evidenciam os três paradigmas da referenciação: a negociação de sentidos, a perspectiva sociocognitiva e a reelaboração do real? d) Como a recategorização metafórica atua na formação do sentido e da argumentação nesse gênero?

Diante disso, buscou-se como base avaliar as categorias e os processos referenciais, dentre os mais tradicionais (anáforas diretas, indiretas, catáforas, a dêixis, a recategorização e o encapsulamento, categorização metaenunciativa, dentre outros) ao mais atual, como o processo de recategorização metafórica presentes nas falas dos candidatos, atentando-se para as implicações na constituição e manutenção dos sentidos do gênero debate a partir da reelaboração da realidade a partir desses processos, como também para a sua argumentação, tendo em vista que o debate político é um gênero argumentativo.

5.1 Análises de dados

Nesta seção, são apresentadas as análises de dez recortes advindos de momentos interativos variados do debate. Na primeira análise, tem-se um fragmento recortado das considerações iniciais de E2, o qual explicita os seus motivos para estar ali como candidato à presidência.

Análise 1

E2 - /.../ esse debate da band inaugura... a fase final de uma campanha... onde **os brasileiros** terão oportunidade de dizer de forma muito clara... o que **querem** pro **seu** futuro... **a continuidade disso que aí está...** ou **uma mudança profunda...** a grande realidade... é que o Brasil avançou MUltO ao longo das últimas décadas... desde a estabilidade da moeda... conquistada no governo ahn do Psdb com uma ferRENha... oposição ahn do Pt... mas de **lá** pra cá no governo do próprio presidente L... avanços sociais importantes vieram... a partir dessa estabilidade da modernização da nossa... economia da privatização de setores que necessitavam ser privatiza::dos da lei de responsabilidade fiscal... a grande verdade... é que nos **últimos quatro anos** o Brasil parOU de melhorar... infelizmente qualquer que seja o próximo presidente da república... terá como **herança...** uma inflação saindo de CONTROle ahn uma **uma recessão na economi::a uma perda crescente de credibilidade do país...** e **uma piora de todos os nossos indicadores sociais...** eu venho **aqui** hoje **a esse debate da band** representar não a um partido político ou coligação de partidos... mas um sentimento um sentimento cresCENTe na sociedade brasileira /.../

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nesse excerto, E2 afirma que esse debate inicia o período final das eleições e que a população poderá definir o seu futuro a partir da escolha de um novo presidente ou da reeleição do então presidente da república, E1. O enunciador continua sua fala dizendo que o país não progrediu muito nos últimos anos e, segundo E2, isso ocorre desde o período da estabilidade da moeda. Além disso, E2 faz questão de enaltecer que essa conquista se deve ao seu partido (PSDB), e que o partido de seu oponente (PT) fora contra o projeto na época.

No que se refere aos processos referenciais, é possível ver a ocorrência de vários deles nesse fragmento, como casos de anáfora direta e indireta, elipses, dêixis e, ainda, um funcionamento argumentativo de expressões referenciais. Vê-se, primeiramente, que o pronome “seu” retoma a expressão “os brasileiros”, o referente, promovendo uma *reiteração anafórica direta* desse objeto de discurso, o que pode ser visto na sentença “o que **querem** pro **seu** futuro...”. Esse mesmo objeto de discurso é também recuperado por meio de uma *elipse*, a partir da forma verbal “querem”, que aparece na mesmo enunciado em destaque, a qual é explícita a omissão da expressão “os brasileiros”.

Adiante, em “a **continuidade disso que aí está...** ou **uma mudança profunda...**”, observa-se que as duas expressões em destaque não fazem referência a um referente explícito textualmente, mas sim a objetos de discurso inferíveis pelo

contexto, condicionando ao uso de *anáforas indiretas*. Desse modo, E2 ao utilizar essas expressões se refere a dois referentes que não foram introduzidos no contexto: ao então atual governo de E1 e ao futuro governo de E2. Assim, quando esse enunciador afirma que os brasileiros poderão escolher entre “a continuidade disso que aí está” e a “uma mudança profunda”, ele procurou dizer que povo pode permanecer como o mesmo governo, o de E1, ou mudar o rumo da país elegendo outro presidente, no caso ele mesmo, o E2.

Aqui, vê-se que essas anáforas não têm relação com elementos já introduzidos na superfície textual. Na realidade, cabe ao telespectador inferir a partir da situação comunicativa estabelecida, o debate, a que ou a quem E2 se referiu, exigindo dele, portanto, uma interpretação do contexto para que se possa estabelecer o sentido. Dessa forma, o público cumpre um papel de coenunciador, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), pois, ao promover inferências nesse caso, ele estará participando do processamento textual do debate político. Isso demonstra o quanto os processos referenciais decorrem de processamento sociocognitivo, em que os interlocutores promovem processos mentais na construção dos referentes, o que é resultado, também, de uma negociação de sentidos entre E2 e o público.

Além disso, essas expressões ainda recategorizam os referentes, modificando-os e trazendo, ainda, uma carga argumentativa à fala de E2, pois, ao referir-se a E1 ao dizer “a continuidade disso que aí está”, ele desqualifica o governo de seu oponente e fala em um tom de desprezo. Dessa forma, E2 afirma que, se o povo brasileiro eleger o mesmo governo, continuará com um presidente e governo ruins, algo que é confirmado adiante quando ele diz “que nos últimos quatro anos o Brasil parOU de melhorar”, fazendo uma nova referência ao governo de E1 que esteve no poder por esse período de tempo até as eleições de 2014.

Por outro lado, ao referir-se a si mesmo, quando E2 diz “ou uma mudança profunda”, esse enunciador não só promove uma recategorização do referente, como também faz um movimento argumentativo, mas, dessa vez, valorativo. Dessa maneira, E2 argumenta a seu favor, mostrando que ele seria a escolha benéfica no pleito, pois seria o candidato que promoveria grandes transformações no país, estabelecendo uma oposição clara a E1. Nesse processo de recategorização, vê-se como a referenciação pode reconstruir a realidade.

Pode-se observar, também, outros movimento referenciais, com a ocorrência da *dêixis temporal*. Ao falar “é que o Brasil avançou MUItto ao longo das últimas décadas... desde a estabilidade da moeda... conquistada no governo ahn do Psdb com uma ferRENha... oposição ahn do Pt...mas de **lá** pra **cá** no governo do próprio presidente L... avanços sociais importantes vieram...”, E2 faz uma marcação temporal no que se refere à progressão do país a partir do momento em que houve à estabilização da moeda (lá), de acordo com o referido enunciador, e que os avanços seguiram durante o governo do presidente L (cá), antecessor do governo de E1.

Além disso, ao afirmar “a grande verdade... é que nos **últimos quatro anos** o Brasil parOU de melhorar...”, E2 faz outro movimento dêitico temporal efetuando uma reiteração do período de vigência do governo de E1, tomando como base o seu momento de fala. É dedutível que esse período de tempo é referente ao governo de E1 porque era o governo vigente até as eleições de 2014. Não se pode descartar, ainda, outro aspecto negativo que E2 lança para E1 em sua fala, pois o país não progrediu nesses quatro anos, portanto não progrediu com o governo de E1, de acordo com E2, demonstrando que a nação necessita de renovação, algo evidente em sua fala nesse fragmento.

Adiante, é possível ver mais uma ocorrência de elipse. As expressões “uma recessão na economi::a”, “uma perda crescente de credibilidade do país...” e “uma piora de todos os nossos indicadores sociais...” têm o mesmo referente, o termo “herança”, que é suprimido por E2, num movimento elíptico, para evitar uma repetição desnecessária desse elemento e, assim, formar uma cadeia textual coerente. Além disso, o termo “herança” é uma recategorização metafórica uma vez que o seu sentido só é estabelecido cognitivamente, a partir de uma associação interpretativa do sentido do termo herança que ultrapassa o significado de ser um bem recebido por sucessão, uma vez que tal herança seria negativa, pois trará os problemas do governo de E1.

Mais adiante, quando E2 diz “eu venho **aqui hoje a esse debate da Band**”, esse enunciador faz uso novamente da *dêixis temporal* e, também, da *dêixis espacial*. Nesta última, o termo “aqui” usado por E2, indica que ele está na rede Band em um debate, algo confirmado logo em seguida por ele mesmo quando fala “a esse debate da Band”, destacando, portanto, uma relação espacial de proximidade com o referente “debate da Band”, tendo ele mesmo como ponto de referência, o que confirma o

estabelecimento da dêixis espacial. Além do mais, ele diz onde está e quando está, quando o enunciador marca isso por meio do advérbio de tempo “hoje”, demonstrando ao telespectador que estava na emissora em um debate ao vivo, ocorrido naquela instante e não em outro momento⁷.

Análise 2

E1- quem vê agora... as **suas** propostas pensa que o **senhor** é um **candidato** da situação... porque as únicas propostas sociais que o **senhor** apresenta... é a continuidade dos **meus** projetos... no que se refere a saúde... pode-se entrar no **site... do tribunal de contas do estado de Minas Gerais** e **lá** vai estar claro... que o governo de Minas foi obrigado a assiNAR um TERmo... de ajustamento de gestão e **QUE**... considerou-se que **vocês** desviaram... em torno de sete vírgula seis... milhões -- biLHÕES de reais da saúde... aliás em Minas Gerais **vocês**... não cumprem os **principais programas** que existem... o **SAMU** por exemplo vocês tem o piOR -- um dos piores disim/ desempenhos... **o terCElro pior desempenho /.../**

Fonte: *corpus* da pesquisa

Esse recorte se insere na primeira rodada do primeiro bloco de discussões do debate, no qual o assunto debatido é a saúde. Nessa passagem, tem-se uma réplica de E1 relacionada a uma resposta dada anteriormente por E2. De início, antes de retomar o tema em discussão, E1 afirma que seu oponente não apresentará nenhum projeto novo, a não ser a continuação de seus projetos, como resposta direta às colocações anteriores de E2. Depois dessa afirmação, E1 passa a tratar de fato sobre a temática abordada nessa rodada, que é a saúde, e segue afirmando que o então governo do estado Minas Gerais desviou bilhões de reais, além de asseverar que o referido governo de estado não cumpriu com importantes programas na área da saúde.

Essas colocações só fazem sentido para o telespectador se este tiver o conhecimento prévio de que E2 foi governador do estado de Minas Gerais (algo que só esclarecido pelo próprio E2 em blocos à frente), caso contrário, os comentários feitos em relação a isso se tornam incoerentes. Isso demonstra como o conhecimento prévio é importante para o estabelecimento do sentido em um texto.

⁷ O debate televisionado pela rede Band de televisão foi transmitido ao vivo em 14 de outubro de 2014.

No que diz respeito aos processos referenciais, vê-se, no início desse fragmento, uma catáfora realizada por meio de um pronome possessivo em “quem vê agora... as **suas** propostas pensa que o senhor é um **candidato** da situação... porque as únicas propostas sociais que o senhor apresenta... é a continuidade dos **meus** projetos...”, em que “suas” reitera antecipadamente o referente “candidato” que só é mencionado adiante. Além disso, há a ocorrência da dêixis pessoal e social. A primeira é evidenciada pelo pronome possessivo “minhas”, que indica o eu que fala, no caso, E1. Sobre a segunda, a dêixis social, ela é caracterizada pela forma de tratamento usada por E1 ao se referir a seu oponente. Dessa forma, esse enunciador usa a expressão “senhor” para demonstrar respeito e distanciamento em relação a E2, além de explicitar o nível de formalidade da situação de interação.

Depois, é possível observar a ocorrência de uma dêixis espacial. Assim, em “... pode-se entrar no **site... do tribunal de contas do estado de Minas Gerais** e **lá** vai estar claro... que o governo de Minas foi obrigado a assinar um TERmo... de ajustamento de gestão e **QUE**... considerou-se que vocês desviaram... em torno de sete vírgula seis... milhões – bilhões” o advérbio pronominal “lá” remete à expressão “site... do tribunal de contas do estado de Minas Gerais”, assim, E1 indica onde se encontram os dados mencionados em sua fala. O pronome relativo “QUE”, por seu turno, reitera anaforicamente a mesma construção que auxilia na tessitura do enunciado seguinte.

Na sentença “aliás em Minas Gerais vocês... não cumprem os **principais programas** que existem... o **SAMU** por exemplo vocês tem o piOR -- um dos piores disim/ desempenhos... **o terCElro pior desempenho**”, observa-se a instauração de uma anáfora especificadora realizada a partir da relação hiperônimo-hipônimo entre a expressão “os principais programas”, uma expressão mais geral, e “Samu”, um termo mais específico. A partir disso, E1 traz informações mais específicas sobre o objeto de discurso, especificando um tipo de programa da área da saúde, dentre os principais (segundo E1), que o governo de E2 em Minas Gerais não deu a devida atenção.

Por outro lado, E1 usa o termo “vocês” para se referir aos membros do governo de E1 no estado de Minas Gerais, demonstrando proximidade em relação a esse grupo, denotando, nesse caso, um tom depreciativo a respeito de E1. Ao utilizar a expressão “o terCElro pior desempenho...”, esse debatedor se refere ao SAMU do

estado de Minas Gerais e o caracteriza como um dos piores do país, classificando-o numa escala negativa destacada pelo numeral ordinal. Dessa forma, E1 não só reitera, mas argumenta que seu oponente não fez uma boa gestão quando fora governador do estado de Minas Gerais e que, portanto, não se sente seguro quanto à continuidade e/ou implantação de projetos que viabilizem a saúde da população.

Análise 3

E2 - **candidata**... ((ri)) eu não sei quem tem **lhe** dado esses números... não repita... aquela oposição tão desqualificada que o PT fez ao nosso governo a senhora repete os mesmos números... não são verdadeiros **candidata**... aliás não falar a verdade se tornou uma tônica da **sua** campanha /.../ o ministério da saúde do **seu** governo... é quem diz que Minas Gerais... governada por mim... tem a melhor qualidade de atendimento de saúde de toda região Sudeste... nós vamos aumentar por exemplo o **programa saúde da família** que o **seu** governo a-ban-do-nou **um programa extraordinário** criado no governo... do presidente F.H. /.../

Fonte: *corpus* da pesquisa

Nesse excerto, tem-se uma tréplica de E2 referentes às colocações anteriores de seu oponente, apresentadas no fragmento anterior. Aqui, esse debatedor questiona os números apresentados por E1 relacionados à saúde do estado de Minas Gerais e afirma que eles não são verídicos. Além disso, esse enunciador afirma que o estado de Minas Gerais foi considerado o melhor na qualidade de atendimento na área da saúde, algo, segundo ele, comprovado pelo Ministério da Saúde. Para finalizar, esse candidato diz que seu futuro governo aumentará um determinado programa de saúde.

Sobre os fenômenos da referenciação em evidência no fragmento, nota-se, inicialmente, a ocorrência de uma anáfora direta por meio do pronome oblíquo *lhe*, que remete ao referente “candidata”. Esse mesmo termo é também remetido pelos pronomes possessivos “seu” e “sua” que aparecem ao longo do fragmento, isso confirma o estabelecimento desse tipo de anáfora nessa amostragem, uma vez que elementos diferentes retomam um mesmo referente.

Adiante, a expressão “programa saúde da família” é recategorizado anaforicamente pela expressão nominal “um programa extraordinário” que, não só a

caracteriza positivamente, como também traz uma força argumentativa ao que o candidato enuncia. Assim, ao destacar que um bom programa como esse foi desenvolvido em um governo anterior, pertencente ao partido de E2, mostra que esse candidato realizou coisas benéficas para área da saúde, em contrapartida ao governo de E1, quando afirma que este último descartou esse programa. Aqui, mais uma vez, é possível ver como o real pode ser reelaborado pela linguagem, a partir da visão de mundo do locutor, como se observa na fala de E2, em que ele reconstrói o referente mediante suas convicções e posicionamentos.

Análise 4

E1 - candidato... essa questão... da flexibilização dos currículos... é **uma proposta** que/eu apresentei LOgo no início da campanha... e quero **te** dizer que **NÓS** vamos **cumpri-la**... agora... é/importantíssimo lembrar que **essa história das creches**... tá muito mal contada... o **senhor** então... não entende direito **dessa questão**... porque... AS quantas criança de quatro ((bate sem querer no microfone)) a cinco anos estão... nas escola -- nas pré-escolas?... oiTENta e nove por cento... candidato... por ISSO... é que é posSível... universalizar... até dois mil e dezesseis... e **NÓS** estamos fazendo um esforço... iMENso pra colocar as crianças de zero a três na escola... **HOje**... aí SIM... tem um déficit... só trinta por cento das crianças esTÃO nas creches... **eu** acredito candidato... que o **senhor** não sabe se faz creche em parceria com o município... dando dinheiro pros/ **municípios**... fazendo a maNUtenção das creches enquanto **eles** não recebem o dinheiro... do Fundeb... que **vocês** NUNCA trataram **disso**... **vocês** NUNCA fizeram creche... nem pré-escolas...

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nessa passagem, E1 faz uma tréplica em relação à fala anterior de E2 sobre educação, na qual esse último enunciador falava a respeito da flexibilização dos currículos do ensino médio e da construção de creches. Sobre o primeiro assunto, E1 afirma ser uma proposta que ele apresentou no começo de sua campanha à presidência e que deverá cumpri-la. Em relação à construção de creches, esse candidato diz que seu oponente não sabe muito a respeito dessa questão, afirmando que seu adversário não sabe como proceder a situação. No início do fragmento, é possível ver um primeiro caso de anáfora direta, ocorrida pela retomada do referente “uma proposta” pelo pronome oblíquo *la* em “cumpri-la”, como se pode ver nesse recorte: candidato... essa questão... da flexibilização dos currículos... é **uma proposta** que/eu apresentei LOgo no início da campanha... e quero **te** dizer que **NÓS** vamos **cumpri-la**....

Nesse mesmo segmento, observa-se a designação da pessoa com quem E1 fala, seu oponente E2, por meio do pronome oblíquo *te* em “e quero **te** dizer”, uma evidência da dêixis pessoal. Adiante, quando esse candidato fala sobre as creches, ele afirma que “é/importantíssimo lembrar que **essa história das creches...** tá muito mal contada... o **senhor** então... não entende direito **dessa questão...**”, a primeira expressão em destaque é reiterada anaforicamente pela expressão nominal definida “dessa questão”, em que ele retoma a sentença e a define como o assunto em discussão. Além disso, observa-se a ocorrência da dêixis social, marcada pelo termo *senhor*, o qual demonstra mais uma vez o tratamento de respeito de E1 para com seu oponente e, também, a formalidade da situação interativa em questão.

Depois, observam-se mais retomadas anafóricas, além de outras manifestações da dêixis em seu turno de fala: “**eu** acredito candidato... que o **senhor** não sabe se faz creche em parceria com o município... dando dinheiro pros/ **municípios...** fazendo a maNUtenção das creches enquanto **eles** não recebem o dinheiro... do Fundeb... que vocês NUNCA trataram **disso...** **vocês** NUNCA fizeram creche... nem pré-escolas...”. No início desse trecho, é possível ver novamente a ocorrência da dêixis pessoal, a qual marca, agora, a pessoa que fala nesse turno, nesse caso E1, por meio pronome pessoal *eu*, e também, outra manifestação da dêixis social, no entanto, marcando níveis formalidade e intimidade diferentes.

Primeiramente, tem-se a marcação do nível de formalidade da situação comunicativa e o respeito entre os candidatos pelo termo *senhor*. Por outro lado, ainda nesse fragmento, E1 utiliza o termo *vocês* para se referir ao partido de E2, em contrapartida à forma de tratamento dada diretamente ao seu oponente, em um tom não de informalidade, mas de menosprezo e crítica em relação ao partido de oposição, no que se refere às ações não realizadas por eles na questão educação, de acordo com E1.

Além desses casos de referência dêitica, há outros casos de retomadas anafóricas. Nesse trecho, o objeto de discurso “municípios” é retomado anaforicamente pelo pronome “eles”, além da expressão *história das creches* ser reiterada novamente na fala de E1 a partir do pronome demonstrativo “disso”, evidenciando outro caso de anáfora direta. Esses casos de anáfora demonstram a

funcionalidade da cadeia coesiva do texto, demonstrando que tudo está interligado, num processo de ida e de retorno.

Análise 5

E2 – candidata... todos os telespectadores e todos os cidadãos brasileiros... percebem hoje a baiXíssima qualidade... dos **serviços públicos**... em todas as áreas... **educação... na saúde... na segurança pública** /.../ infelizmente... nenhuma proposta no campo da valorizaÇÃO do servidor que presta serviço de boa qualidade... foi incorporado no seu governo... existem experiências exitosas **em VÁrios estados... da federação**... umas delas no **estado... do meu amigo... companheiro E... C...** e em outros esta:dos... inclusive do seu partido... por que o governo federal ao longo desses do:ze anos não buscou incorporar absolutamente NAda que privilegiasse o serviço de boa qualidade... nas suas propostas na área administrativa?...

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nesse recorte, tem-se um questionamento de E2 para E1 sobre o fato de o partido dele não ter feito algo para melhorar os serviços públicos do país. Para isso, ele fez considerações a respeito desses serviços, afirmando que os brasileiros veem pouca qualidade nesses serviços e, em meio a isso, promove uma reiteração por meio da relação hiperônimo-hipônimo: “todos os cidadãos brasileiros... percebem hoje a baiXíssima qualidade... **dos serviços públicos**... em todas as áreas... **educação... na saúde... na segurança pública**”. Aqui, observa-se como termos mais específicos, como “educação”, “saúde” e “segurança pública”, retomam o referente “serviços públicos”, especificando as áreas em que os serviços públicos estariam defasados, de acordo com E2.

Esse enunciador continua sua fala asseverando que o governo de seu oponente não propôs medidas para valorizar os servidores públicos no país e, também, que há muitos estados brasileiros que promoveram investimentos nos serviços públicos e, nessa passagem, também é possível perceber outras retomadas anafóricas por meio de uma recategorização: “existem **experiências exitosas em VÁrios estados... da federação... umas delas** no **estado... do meu amigo... companheiro E... C...** e em outros esta:dos... inclusive do **seu** partido...”.

Nesse segmento, a expressão “experiências exitosas” é retomada pela expressão iniciada por numeral “umas delas”, num movimento anafórico direto, e o

referente “Vários estados... da federação” é não só reiterado, mas recategorizado pelo enunciado “no estado... do meu amigo... companheiro E... C...”, que indica um estado específico que obteve boas experiências no quesito serviços públicos, porém para que o telespectador saiba de qual estado se trata, é importante que ele tenha o conhecimento de quem se trata E.C. (Eduardo Campos), que ele fora governador de Pernambuco, para então inferir que o estado que E2 se referia é esse. Além disso, é possível ver retomadas anafóricas diretas por meio de pronomes possessivos, como em “seu partido”, em que “seu” reitera anaforicamente “candidata”.

Análise 6

E1 – **candidato... o senhor**: recentemente... teve uma condenação no supremo tribunal federal... que julgou inconstitucional... o **senhor** ter: contratado... sem concurso... um conjunto de funcionários públicos... e:: deTERMINOU que **esses funcionários públicos** fossem afastados das **suas funções**... ora... esses funcionários públicos... se **eu** não **me** engano em torno de noventa e oito mil... **eles**... são importantes porque prestam serviços na área educacional... **eu** quero dizer... candidato... que o **senhor**: não POde usar pesquisas... para contrariar resulTAdos da urna... o **senhor** per::deu as eleições em Minas Gerais e foi... muito... mal avaliado por ter perdido... o **senhor** pode... é... fazer qualquer outra... é... sofisma... mas o **senhor perdeu... esse é um fato inconteste**... além disso **candidato**... eu queria dizer... que é muito importante a gente esclarecer aqui pro **telespectador** pro pra **pessoa** que até agora... está nos assistino... **a dona de casa**... que:: de fato... nós estamos discutindo muito Minas Gerais... porque o **senhor**... teve a **sua** vida política **lá** em Minas Gerais... **eu** de fato... saí de Minas Gerais... mas **eu** não saí a passeio... **viu senador**... **eu** saí porque **eu** fui per:seguida pela ditadura militar... que posteriormente... **me** deteve por três anos /.../

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nesse fragmento, E1 formula sua resposta em relação à pergunta de E2, mostrada no fragmento anterior, que o questionava sobre o porquê de seu governo não ter feito investimentos para a melhoria dos serviços públicos. Primeiramente, esse candidato fala de uma condenação do Superior Tribunal Federal pela contratação irregular de funcionários, depois fala sobre o fato de ele ter perdido as eleições em Minas Gerais no primeiro turno das eleições e, por fim, fala da razão por falarem tanto sobre o estado de Minas Gerais durante todo o debate, explicando que foi lá que seu oponente E2 fez sua vida política e comenta sobre sua saída desse estado em virtude da ditadura militar. Nesse recorte, há vários fenômenos referenciais em evidência, como a dêixis, especificações e recategorizações.

Pode-se observar a referência dêitica em dois planos, o pessoal e o social. No primeiro tipo, a dêixis pessoal, E1 demonstra que é a pessoa que fala nesse momento interativo, o que fica marcado pela presença recorrente do pronome pessoal *eu* no excerto e, também, pelo pronome oblíquo *me*, como se vê em “se **eu** não **me** engano em torno de noventa e oito mil...”, “**eu** quero dizer... candidato...”, “**eu** de fato... saí de Minas Gerais... mas **eu** não saí a passeio [...] **eu** saí porque **eu** fui perseguida pela ditadura militar... que posteriormente... **me** deteve por três anos”. Em relação à dêixis social, ela é marcada pela forma de tratamento *senhor* que é repetida várias vezes por E1 ao longo de sua fala ao se referir a E2, demonstrando respeito ao seu oponente e seguindo o grau de formalidade exigido pelo debate.

Ainda se referindo ao seu adversário, E1 o chama de candidato, uma outra forma muito usada também no debate por ambos, termo que caracteriza seu oponente como um candidato à presidência também. Ao fim do recorte, E1 chama E2 de senador, termo que recategoriza “candidato”, pois além de promover uma retomada anafórica, ainda traz uma característica a respeito de E2, mostrando que este último ocupava esse cargo político quando se candidatou a presidente da república.

Além desses processos referenciais vistos, nota-se outros fenômenos da referenciação no fragmento. Ainda no início do fragmento, vê-se a manifestação de anáforas diretas a partir da reiteração do referente “esses funcionários públicos” pelos pronomes *suas*, em “**esses funcionários públicos** fossem afastados das **suas** funções”, e eles quando ele afirma que “**eles...** são importantes porque prestam serviços na área educacional”. No segmento “mas o senhor **perdeu... esse é um fato incontestante...**”, vê-se não só a realização de uma retomada anafórica, mas, sobretudo, uma recategorização, pois a expressão “esse é um fato incontestante” reitera “o senhor perdeu” e traz ainda informações à ideia retomada, afirmando que o fato de E2 ter perdido as eleições em Minas Gerais, no primeiro turno, é algo incontestável, do qual não se tem dúvida, reiterando e recategorizando essa ideia.

Pode-se observar também nessa fala de E1, esse enunciador se utilizou da estratégia da especificação por meio da relação hiperônimo/hipônimo e fez uso, também, de nome genérico no segmento “eu queria dizer... que é muito importante a gente esclarecer aqui pro **telespectador** pro pra **pessoa** que até agora... está nos assistindo... **a dona de casa...**”. Nessa passagem, E1 se dirige ao público

primeiramente de “telespectador”, que generaliza cada pessoa que assiste ao debate, assim como o nome genérico “pessoa”, depois esse enunciador fala “dona de casa”, expressão mais específica que restringe um determinado grupo entre os diversos brasileiros que estavam assistindo ao debate.

Análise 7

((Pergunta))

E1 – candidato... de uma coisa **nós**... do meu governo... e dos governos – e do governo do presidente L temos muito orgulho... o FAto de termos muDAo a lógica no Brasil... que era a lógica do desemprego... a lógica da do retrocesso... acho que o povo brasileiro tem de ter MUlto medo... porque está em questão... se vai ou não vai continuar havendo emprego... **nós**... nesse período de crise... em que o MUNdo desempregou sessenta milhões de pessoas... nós empregamos doze milhões... agora... que numa reunião do G vinte... dizem que as vinte maiores economias têm cem milhões de desempregados... nós criamos... no mesmo período... CINco milhões e seiscentos mil empregos... **ESSA é uma realidade**... que ninguém pode dizer:: que... ou está confusa... ou não é bem ou assim... ou criar uma lenda... candidato... o que o **senhor** fez e fará para criar empregos?...

((resposta))

E2 – candidata... a **senhora** volta com o **discurso do medo**... realmente... há medo hoje na sociedade brasileira... há medo do Pt governar: por mais quatro anos... porque a grande verdade... é que os empregos estão indo embora... por uma lógica muito simples... **país** que não cresce... **não gera** empregos candidata /.../ **eu** vou atrair de novo investimentos que vão ser nossos parceiros... na infraestrutura... na nas políticas sociais ahn quando for o caso... nós temos a capacidade candidata /.../ de acenar para um futuro diferente desse que nós **aí**... **hoje**... estamos vendo... e vamos fazer crescimento... garantindo sim o avanço nas políticas socia::is... **eu** não sei porque lhe incomoda TANto... **eu** dizer aqui que no Dna anh do bolsa família está sim o Psdb... a história não se muda candidata... está aqui... ((ri)) **a lei** que criou o bolsa família... **a lei número dez mil oitocentos e trinta seis** diz simplesmente o **seguinte**... “o bolsa família será criado a partir da unificação... do bolsa escola... do vale gás... do bolsa alimen -- alimentação.. e do cadastro único” e vou abrir aspas... candidata... é preciso um pouco de generosidade /.../

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nesse recorte, vê-se uma díade pergunta-resposta, na qual E1 faz um questionamento a E2 sobre o que ele faria para a criação de empregos no Brasil. Entretanto, antes de fazer propriamente a pergunta, E1 fala com orgulho que seu governo, assim como o governo de seu antecessor, fez progressos no que se refere à geração de emprego no país e traz números que comprovam isso, porém ele afirma que os brasileiros devem ter receio se esse crescimento continuará.

Quando E2 inicia sua resposta, ele categoriza a fala de E1 como sendo “o discurso do medo”, avaliando o ato enunciativo de seu concorrente como um discurso

que traz alarde para a população, pois traz a ideia de que outro governo não seria capaz de continuar o desenvolvimento do país, promovendo, assim, uma categorização metaenunciativa da fala de E1. Depois, segue afirmando que a população deve ter medo sim de que o partido de E1 siga no poder e afirma que o país está em retrocesso na geração de empregos e afirma ainda que fará investimentos em vários setores e que o país tem condições de crescer novamente.

Em seguida, E2 fala de outro assunto, a criação do bolsa família, asseverando que o PSDB é responsável pelo cerne do programa e afirma trazer consigo a lei que comprova a sua criação quando diz: está aqui... ((ri)) **a lei que criou o bolsa família... a lei número dez mil oitocentos e (e trinta) trinta seis** diz simplesmente o seguinte... “o bolsa família será criado a partir da unificação... do bolsa escola... do vale gás... do bolsa alimen -- alimentação.. e do cadastro único”. Nesse trecho, E2 fala da lei que teria criado esse programa e em seguida faz uma retomada que especifica a lei mencionada pelo candidato, permitindo que o telespectador, o maior interessado nas discussões que se seguem no debate, compreenda melhor do que se trata a referida lei mencionada.

Além disso, vê-se novamente a manifestação da dêixis pessoal, quando esse candidato faz uso do pronome pessoal **eu** para designar que ele é a pessoa que fala nesse momento, e, também, da dêixis social, quando esse debatedor utiliza o termo **senhora** ao se dirigir a E1, demonstrando respeito ao seu oponente e seguindo a formalidade exigida pela situação comunicativa em questão.

Nas análises, é possível observar a instauração de diversos processos referenciais, sobretudo, anafóricos, realizados por recursos tanto de ordem gramatical quanto lexical, observando-se a atuação de expressões nominais definidas, nomes genéricos, assim como a especificação realizada pela relação hiperônimo/hipônimo, além de outras funções de expressões nominais como a recategorização e a categorização metaenunciativa, além da anáfora indireta. Esses processos e recursos foram importantes para o estabelecimento do sentido e de sua manutenção no gênero debate político, além da perspectiva argumentativa.

Desse modo, viu-se a ocorrência da anáfora por meio de pronomes (oblíquo, possessivos, demonstrativo e relativo), advérbio, numeral e da elipse, que estabeleceram elos coesivos no plano textual. Na perspectiva lexical, viu-se como

expressões nominais atuaram reiterativamente, como também (re)categorizaram referentes, permitindo a (re)construção dos objetos de discurso. Foi possível observar ainda que em alguns fragmentos como as expressões atuaram argumentativamente no debate político televisionado.

Observou-se, ainda, o uso de anáforas indiretas através de expressões nominais, que exigem do interlocutor uma análise contextual à promoção da textualidade, mas que também traziam uma carga argumentativa condicionada pela situação comunicativa. Além do mais, vê-se como a relação hiperônimo/hipônimo permitiu a especificação do referente, esclarecendo e definindo o referente textual. Pode-se observar ainda o fenômeno da categorização metaenunciativa, na qual E2 retoma e categoriza a fala de E1, efetuando a rotulação do ato enunciativo desse último enunciador.

Análise 8

E1 - **candidato... eu** não escolhi... o candidato a ministro da fazenda que o **senhor** escolheu... como é que o **senhor** quer que **eu** acredite... que... **com a mesma receita... o mesmo cozinheiro vocês vão entregar um prato diferente do que já entregaram pro Brasil... vocês** candidato gostam de cortar... gostam de cortar e SEMpre cortam... cortam emprego cortam salários agora sobretudo candidato... o **senhor** não fala nos novecentos por cento quando **SEU** candidato a ministro da fazenda entrou no governo... a inf a () a inflação estava... sob controle... quando **ele** deiXOU o governo... um ano antes... quando o presiDENTE L. não ERA candidato oficial ainda... a inflação chegou a sete vírgula sete /.../

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nesse recorte, E1 refuta as colocações anteriores de E2 por meio de uma tréplica. Aqui, ele trata da questão da inflação e afirma que o candidato a ministro da fazenda escolhido por E2 tinha feito a inflação aumentar e acrescentou, ainda, que não acredita que E2, apresentando as mesmas posturas de seu partido, trará melhorias para o país. Nessa perspectiva, observa-se a ocorrência de processos e recursos referenciais como a dêixis pessoal e social, anáforas diretas, elipse e a recategorização metafórica.

Em se tratando das dêixis, é perceptível a marcação do eu que fala nesse momento interativo, a partir da presença do pronome pessoal *eu* em seu turno de fala,

instituindo a dêixis pessoal. Além disso, vê-se a forma como esse debatedor se refere ao seu adversário, em um tom de respeito e formalidade pela situação comunicativa apresentada, o que é visto pela utilização do termo *senhor* ao longo de sua fala, um indicativo da dêixis social. Em “vocês candidato gostam de cortar... gostam de cortar e SEMpre cortam... cortam emprego cortam salários agora sobretudo candidato...”, vê-se usando o termo “vocês” em que E1 se dirige diretamente e de modo informal ao partido de E2.

Além do mais, pode-se ver a ocorrência da elipse quando justamente o elemento *vocês* é omitido, mas facilmente recuperado pelas formas verbais *gostam* e *cortam* no segmento apresentado. A frente, em “o **senhor** não fala nos novecentos por cento quando **SEU** candidato a ministro da fazenda entrou no governo... a inf a () a inflação estava... sob controle... quando **ele** deiXOU o governo”, tem-se a manifestação da anáfora, em o pronome possessivo *seu* reitera “candidata” e o pronome pessoal *ele* retoma “candidato a ministro da fazenda”. Tanto a elipse quanto essas anáforas promovem a progressão e, sobretudo, a manutenção do sentidos do debate, demonstrando que os candidatos sabem utilizar esses recursos para tornar suas falas mais inteligíveis para o público.

Pode-se observar a ocorrência de uma recategorização metafórica quando esse enunciador afirma “**com a mesma receita... o mesmo cozinheiro vocês vão entregar um prato diferente do que já entregaram pro Brasil...**”, em que trata metaforicamente do fato de não acreditar que o partido de seu oponente faça as mesmas ações, e que seus representantes executem essas mesmas ações da mesma forma e, ainda assim, tragam resultados diferentes para o país dos que já foram entregues antes.

Assim, para que o telespectador compreenda essa metáfora, é necessário que relacione os conhecimentos prévios sobre as ações e propostas do partido de seu oponente (PSDB) e dos representantes desses partido com o que é apresentado nesse contexto pela de fala de E1 para entender que essa receita, o cozinheiro e o prato são as práticas desse partido, bem como o seus representantes e, por sua vez, os resultados dados ao Brasil, os quais, por sinal, E1 qualifica como negativos pela maneira como fala disso. Essa relação que o telespectador faz entre cotexto e o contexto demonstra justamente a natureza sociocognitiva da referência.

Esse processo referencial demonstra, ainda, como a referenciação resulta de uma negociação de sentidos entre os locutores, pois, no debate, o candidato antecipa que o público compreenda e aceite como válidas as suas colocações, idealizando, por seu turno, que ele entenda a metáfora instituída e que, para isso, ele faça as devidas relações com as pistas cotextuais e contextuais. Isso mostra que interlocutor é ativo no processamento textual e, portanto, é um coenunciador, como afirmam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Isso também revela como a referenciação reelabora a realidade, pois ao recategorizar as ações do partido, bem como seus representantes e os resultados gerados para o país, E1 reconstrói esses referentes mediante a visão que tem do partido de seu oponente.

Análise 9

((Réplica))

E1 - candidato... o Pronatec tem oito... miLHÕES de matrículas realizadas... OITO milhões... os programas que o senhor se refere... são peQUENos programas pilotos... não têm escala... e mais... muitos deles... não eram... sequer gratuitos... o Pronatec É um programa gratuito pra TODOS OS BRASILEIROS que precisam de ter formação técnica... no que se refere à previsibilidade... eu... acredito que a presivibi - a gente tem de perguntar... para QUEM a previsibilidade?... Presi previsibilidade para ter... a maior... a seGUNda maior TAXA de desemprego e NÚmero de desempregados em dois mil e dois... em relação ao MUNdo?... Só pe só só ganhamos da Chi... da... Índia que tinha quarenta e um... vocês... conseguiram ter... ONZE milhões e quatrocentos MIL desempregados em dois mil e dois... então... presivibili previsibilidade pra o desemprego?...

((tréplica))

E2 - **candidata... tire os olhos do retrovisor...** vamos falar pro futuro... vamos falar para quem está em casa até essa hora... nos ouvindo... vamos falar de um Brasil que pode crescer muito mais do que está crescendo... não é:: razoável... não é adequado que **nós sejamos o lanterna do crescimento ao lado da Venezuela esse ano** na nossa região... **nós** vamos crescer NADA esse ano... o reajuste real do salário mínimo que:: de dois mil e dezesseis... por exemplo... já está... estabelecido... porque é o crescimento do PIB desse ano é NADA... o **seu** governo... candidata... infelizmente perdeu a capacidade de atrair investimentos... **perdeu** a confiança dos mercados... quando **eu** falo em mercados... é porque esses investimentos é que vão gerar emPREgos para os brasileiros... **os empregos de boa qualidade estão indo embora...** candidata... o **seu** governo... chega ao final a meu ver de forma melancólica... a grande verdade é essa... porque **fracassou** na condução da economia... inflação alta... crescimento baixo... **fracassou** na melhoria dos **nossos** indicadores sociais e **nós** estamos aí com essas denúncias de corrupção que assustam e trazem indignação a todos os brasileiros...

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nesse fragmento, E2 rebate as colocações anteriores de seu oponente quando este falou sobre o PRONATEC e, também, sobre questões econômicas, afirmando

que no governo anterior (do mesmo partido de E2) ao governo do presidente L havia muito desemprego e que isso sim seria algo previsível para o futuro governo de E2. Assim, em um tom de ironia E2 fala que E1 “tire os olhos do retrovisor...”, afirmando metaforicamente que ele deveria parar de olhar para trás, portanto, para o passado. Essa ideia de passado não é descrita explicitamente, mas é recategorizada metaforicamente pelo debatedor E2. Todavia, tanto E1 quanto o próprio telespectador podem compreender a ideia estabelecida não só pelo cotexto, mas, sobretudo, pelo contexto.

Nesse caso, cabe um trabalho mental, no qual o interlocutor necessita estabelecer relações explícitas e implícitas do texto. Assim, é importante que o público compreenda a metáfora empreendida por meio de conhecimentos de mundo (olhar para o retrovisor é olhar para o que está atrás) e das pistas contextuais dadas por E1 (na fala anterior, a réplica) e E2 nesse turno de fala.

Dessa forma, ao falar essa expressão, E2 retoma as colocações anteriores de E1, que traz uma referência a esse tempo passado, quando E1 diz “Presi previsibilidade para ter... a maior... a seGUNda maior TAXA de desemprego e NÚmero de desempregados **em dois mil e dois...** em relação ao MUNdo? Só pe só só ganhamos da Chi... da... Índia que tinha quarenta e um... vocês... conseguiram ter... ONZE milhões e quatrocentos MIL desempregados **em dois mil e dois...**”. Aqui, E1 menciona essa problemática com o desemprego no período de doze anos antes, relacionando indiretamente ao governo do último presidente do Brasil do PSDB, partido de E2.

Além disso, para E2, tais situações econômicas passadas já não seriam relevantes no então atual momento do debate (2014), quando ele afirma que ambos deveriam tratar do futuro em “vamos falar pro futuro... vamos falar para quem está em casa até essa hora... nos ouvindo...”, o que confirma a ideia estabelecida por ele ao dizer para seu adversário que não tratasse do passado, e sim olhasse para o futuro. Nessa análise é possível ver como o processamento sociocognitivo para a compreensão dessa informação contida no texto é fundamental para as relações referenciais estabelecidas no debate, importante para a constituição e manutenção da tessitura textual.

Adiante, quando E2 fala “não é:: razoável... não é adequado que **nós sejamos o lanterna do crescimento ao lado da Venezuela esse ano** na nossa região...”, ele fala sobre ser inadequado o fato de o Brasil estar em último lugar no ranking do desenvolvimento econômico, assim como a Venezuela. Essa ideia, de o Brasil estar em último lugar na economia, assim como ocorreu anteriormente, não é explicitada textualmente, mas pode ser recuperada e compreendida a partir do entendimento da metáfora em uma perspectiva sociocognitiva e de negociação de sentidos entre enunciador e o telespectador.

Aqui, “lanterna” indica estar em última posição, algo que só pode ser compreendido por meio de um conhecimento prévio do interlocutor de que essa metáfora significa isso, conhecimento este que só pode ser adquirido socialmente. Além disso, na própria fala de E2, ele dá indícios de que o país está com problemas no que se refere ao desenvolvimento econômico, dando pistas cotextuais, quando diz que o Brasil não cresceu nada, assim como o PIB, e do quanto isso comprometeria o reajuste salarial de 2016.

Além desses casos de recategorização metafórica, vê-se ainda outros casos de retomadas nesse fragmento. Pode-se observar uma reiteração anafórica direta do termo *candidata* pelo pronome *seu* em dois momentos em sua fala. Em seguida, o pronome demonstrativo *essa* retoma anaforicamente e resume todo o enunciado anterior em “o seu governo... chega ao final a meu ver de forma melancólica... a grande verdade é essa”.

Além do mais, vê-se a ocorrência de uma elipse quando acontece a omissão de *governo* em “porque **fracassou** na condução da economia... inflação alta... crescimento baixo... **fracassou** na melhoria dos **nossos** indicadores sociais”. Pode-se ver ainda o estabelecimento da dêixis pessoal, marcada pelo “eu”, em que E2 demarca que ele é a pessoa que fala nesse turno. Ao longo de sua fala ele fala em *nossos* ou *nós* fazendo referência ao Brasil.

Análise 10

((pergunta))

E1 – candidato... leviano... neste caso último que nós estávamos discutindo foi o senhor:... queria lhe perguntar agora... sobre... como o senhor vê a questão da violência contra a

mulher... para mim é um compromisso fundamental... acredito... que a violência que afeta a mulher: atinge... os la:res... destrói os laços família::res... inclusive prejudica jovens e crianças... ela deve ser combatida... em TOdas as suas dimensões a lei Maria da Penha... foi um gra:nde avanço nesse sentido... aprovAda no governo do presidente L e re:aproVADA no meu governo porque ganhamos no supremo... se o senhor... se o senhor... olhar: a questão... da: violência contra a mulher o senhor seria capaz de extinguir... a secretaRIA... que protege os direitos da mulher:... dentro do governo federal?... o senhor faria o que:: para: garantir que essa luta: contra a violência continue?...

((resposta))

E2 - **candidata**... ninguém pode se apropriar de **uma lei tão importante** como essa ampla de uma (provocação) anh --- fruto de **uma profUNda discussão** do congresso nacional que envolveu gerações de parlamentares... **eu** me lembro quando **essa: discussão** se iniciou... muito antes até: do governo do presidente... L... **foi um avanço extremamente importante**... que tem que ser mantido e aprimorado... mas nós temos que avançar no apoio... candidata... aos estados e aos municípios que não têm tido a estruTURA e a condiÇÃO necessária... ao enfrentamento da violência contra a mulher... seja nos programas... disque denúncia... seja nas delegaCIAS próprias que nós temos que avanÇAR -- em Minas até avançamos... razoavelmente... o **queu/** tenho dito... candidata... independente **dessa** ou de **outra área**... é que as políticas públicas para terem resulta:dos... elas não precisam ter a conduzi:-las um **carro preto com chapa verde e amarela**... e tÃO pouco um conjunto de D A S... tenho absoluta convicção... de que nós temos como avançar... MUlto no que diz respeito à **proteção a mulher**... a oportunida:de para as **MULHERES terem um saLÁRIO mais justo mais próximo daqueles que têm os homens**... nós estamos ainda extremamente longe **disso**... mas infelizmente... na questão da seguRANça pú:blica... também o **seu** governo fracassou /.../

Fonte: *corpus* da pesquisa.

Nesse recorte, E2 dá sua resposta referente a uma pergunta feita anteriormente por E1, em que este último fala sobre a lei Maria da Penha, afirmando que foi uma lei aprovada no governo de seu antecessor e aprovada novamente no seu governo, e questiona se seu adversário extinguiria a secretária da mulher e o que ele faria para garantir a luta da violência contra a mulher. Aqui, E2 responde afirmando que ninguém pode se apossar de uma lei importante como essa, resultado de anos de discussão no congresso, que ela é um avanço, mas que necessita de aprimoramento. Além disso, ele diz que é preciso dar apoio aos estados e municípios para enfrentar essa luta, que as políticas públicas precisam avançar e da importância da igualdade de salários entre homens e mulheres e, ainda, do quanto o governo de E1 fracassou na questão da segurança pública.

Nesse turno de fala do debatedor E2, vê-se a ocorrência de vários processos referenciais. De início, há uma recategorização anafórica a partir da expressão “uma lei tão importante como essa”, a qual não só reitera o referente *a lei Maria da Penha* mencionada na fala de E1, como o modifica, recategorizando esse objeto de discurso,

sendo ela não apenas uma lei, mas uma lei de grande importância. Pode-se dizer que esse mesmo referente é também recategorizado mais à frente pela expressão “um avanço extremamente importante”, em que E2 reafirma a importância dessa lei, denominando-a como um progresso muito importante. Assim, vê-se as diferentes formas que esse candidato se refere ao referente e de como isso vai “costurando” a progressão do texto, além de demonstrar a sua perspectiva argumentativa, pois ele sempre enaltece a lei Maria da Penha, mostrando que ele se importa com a referida lei perante seu oponente e, principalmente, ao público.

Há ainda outros casos de recategorização anafórica nesse mesmo fragmento. Adiante, observa-se que o referente “uma profunda discussão” é recategorizado pela expressão “essa discussão”, mostrando novamente a maneira como E2 se refere ao objetos de discurso e da forma que ele os (re)constrói em sua fala. Mais à frente, há uma recategorização metafórica, na qual E2 ao fazer referência às políticas públicas, fala que para elas terem resultado não seria necessário levá-las em “um carro preto com chapa verde e amarela”, fazendo uma relação indireta e metafórica à condução de chefes de estados em carros em passeatas oficiais, mostrando ainda uma outra metáfora instituída, pois há uma personificação das políticas públicas. Além disso, essa expressão metafórica diz respeito também a uma possível apropriação do governo de seu oponente (E1) em relação às políticas públicas.

Nesses exemplos de recategorização, vê-se como há a presença dos três fundamentos da referenciação mostrados no terceiro capítulo: *a referenciação como um processo de reelaboração do real, como resultado de uma negociação* e de *natureza sociocognitiva*. Esses processos referenciais mostraram como a linguagem faz uma reconstrução da realidade, inter-relacionada com um processo de negociação de sentidos tanto com o seu oponente E1, quanto com o público, sendo que, para este último, compreender as metáforas empreendidas, é necessário que ele relacione as pistas cotextuais e contextuais e, assim, haja a instituição dos sentidos.

Observa-se, também, um processo de encapsulamento anafórico em “tenho absoluta convicção... de que nós temos como avançar... MUItto no que diz respeito à proteção a mulher... a oportuna:de para as **mulHERES terem um saLÁRIO mais justo mais próximo daqueles que têm os homens...** nós estamos ainda extremamente longe **disso...**”, quando E2 reitera e sintetiza o enunciado a

oportunida:de para as muLHERES terem um saLÁRIO mais justo mais próximo daqueles que têm os homens... por meio do pronome demonstrativo “disso”. Ainda no fragmento, pode-se observar a presença da dêixis pessoal, em que isso é marcado pela presença do *eu* instituído na fala de E2, indicando que ele é a pessoa que fala naquele momento do debate, e, ainda, a ocorrência da anáfora, em que o pronome “seu” reitera *candidata* em “mas infelizmente... na questão da seguRANça pú:blica... também o **seu** governo fracassou /.../”.

A partir das análises, viu-se como os debatedores E1 e E2 dotaram seus enunciados de sentido e, principalmente, como eles reconstruíram a realidade por meio de diversos processos referenciais observados no debate, os quais também contribuíram para a argumentação nesse gênero. Além disso, observou-se como, em meio a determinados fenômenos referenciais, sobretudo nas recategorizações por anáfora e a metafórica, ficou evidente como o interlocutor, no caso o telespectador do debate, “participou” do processamento textual desse gênero, a partir de processos mentais efetuados por ele, o que foi somente possível pela negociação de sentidos existente entre o público e os candidatos nesse processo de reelaboração do real em que se pauta a referenciação.

Viu-se, ainda, que os candidatos procuraram gerar credibilidade perante o telespectador com o intuito de trazê-lo para os seus discursos, uma vez que o foco das discussões são as pessoas que acompanham o debate, principalmente, as que estivessem indecisas quanto à escolha do candidato no pleito. Nessa perspectiva, os processos referenciais observados no debate foram fundamentais para isso, seja na perspectiva da textualidade, seja na perspectiva da argumentação.

É interessante notar, também, como os participantes construíram seus objetos de discurso e os reiteravam em suas próprias falas ou na fala de seus oponentes, mostrando que, por se tratar de um processo interativo *in loco*, no qual o texto é construído em si fazendo, ou seja, no próprio processo de comunicação, tudo se realiza em uma coprodução textual. Além do mais, havia referentes que retornavam em diferentes momentos do debate e não somente dentro de um determinado turno de fala, o que mostra as nuances do texto oral, como também os movimentos de retrospecção e prospecção do próprio texto instaurados pelos processos referenciais e de como tudo se encontra interligado no texto.

Dentre os processos e recursos referenciais observados, destacaram-se a anáfora direta e a indireta, a elipse, a anáfora especificadora, a dêixis, a categorização metaenunciativa, o encapsulamento e, sobretudo, a recategorização por anáfora e a recategorização metafórica. Desses processos, os mais recorrentes foram as anáforas diretas, a dêixis pessoal e social, a recategorização anafórica e a metafórica. As retomadas anafóricas diretas, ocorreram, especialmente, por meio do uso de pronomes (pessoais, possessivos, oblíquos e por expressões nominais).

Além disso, por meio do uso da dêixis, ficou evidente como os candidatos situavam as categorias de tempo, espaço e, principalmente, a categoria de pessoa, a qual é a mais usada pelos debatedores. No debate, cada participante, em seu turno de fala, sempre marca o *eu* que fala e a *pessoa a quem se fala* por meio da dêixis pessoal, utilizando-se de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa e os pronomes oblíquos, em que cada enunciador tomava a si mesmo como referência para esses apontamentos.

Uma variação da dêixis pessoal também muito utilizada pelos candidatos é a dêixis social, relacionada à forma de tratamento usada entre os participantes. Em geral, os debatedores eram formais e se utilizavam de termos como *senhor* e *senhora*, o que indicava o respeito entre os participantes e o nível de formalidade da situação comunicativa na qual se encontravam. Entretanto, quando eles pretendiam desmerecer seus oponentes e/ou seu partido, o tratamento era mais informal e em um tom depreciativo, sobretudo com o uso do pronome você(s).

Outro ponto que merece destaque é em relação às recategorizações. Em muitos momentos interativos, os enunciadores não só reiteravam referentes, como os reconstruíam a partir de seus pontos de vista e visões de mundo, modificando-os, portanto, recategorizando-os. Isso mostra não somente uma reconstrução do real, como também instaura a argumentação perante às discussões do debate, pois, ao fazerem essas reconstruções dos objetos de discurso, explícitos ou não, os candidatos traziam suas opiniões sobre esses referentes, como forma de enaltecer suas ideias ou desmerecer as colocações e/ou propostas de seus oponentes para convencer que cada um era o melhor candidato e de que seu oponente não estaria qualificado para ser presidente da república.

Por outro lado, essas reconstruções de referentes exigiam, por vezes, que o telespectador relacionasse as pistas do cotexto e do contexto, fazendo com que ele se utilizasse de seus conhecimentos de mundo para construir os sentidos. Isso demonstra a presença dos processos mentais e sociais nessa (re)construção dos sentidos, comprovando a perspectiva sociocognitiva presente nos processos referenciais no debate. Além disso, viu-se, ainda, como os debatedores promoveram recategorizações metafóricas.

Isso exigiu ainda mais a “participação” do público, para que este desenvolvesse processos cognitivos para a compreensão não só em relação aos objetos de discurso, os quais não eram devidamente explícitos na manifestação desse processo referencial, como também entender a metáfora instaurada, necessitando ainda da relação com conhecimentos de mundo para a compreensão efetiva da recategorização metafórica, demandando uma ação sociocognitiva negociada entre os candidatos e o público para a reelaboração da realidade.

Diante disso, a referenciação é um fenômeno que perpassa os limites das simples retomadas de referentes e mostra-se como um processo muito mais amplo e complexo ao demonstrar que a linguagem pode ser reelaborada por meio de diferentes processos referenciais. Além do mais, essa reelaboração resulta de uma negociação entre os participantes e o público de forma antecipada, na qual se idealiza que o telespectador faça relações de sentido entre o que está exposto nas interações e o que a própria situação comunicativa mostra, além de colocar em ação os próprios conhecimentos prévios, mostrando, ainda, a natureza sociocognitiva da referenciação.

6 CONCLUSÃO

Perante as discussões deste trabalho, verificou-se que a referenciação está manifestada no gênero oral debate político televisivo a partir de variados processos referenciais observados nas análises, os quais não somente promoveram reiteraões e retomadas, mas, sobretudo, exerceram uma reconstrução da realidade, fundamentada em uma negociação de sentidos entre os interlocutores, em uma perspectiva sociocognitiva, por meio da relação entre processos mentais e os aspectos sociais envolvidos nas interações do debate. Neste trabalho, todos os questionamentos feitos ao iniciá-lo foram respondidos nesta conclusão.

Para chegar a essas pontuações, discutiu-se ao longo deste estudo sobre a constituição da Linguística Textual, no que se refere a sua origem, fases, seus precursores, além das contribuições diretas e indiretas realizadas por diferentes áreas do saber e de estudiosos da linguagem. Além disso, efetuou-se uma explanação acerca da coesão textual e uma comparação de teorias com base nos precursores e obras de destaque sobre essa categoria no Brasil para mostrar a sua evolução e as novas perspectivas de seu estudo, sobretudo, no que se refere à referenciação. Adiante, abordou-se acerca dos processos referenciais, dos recursos que ativam esses processos, bem como as diversas funções das expressões referenciais, dentre as quais se destaca a recategorização metafórica.

Discutiu-se, ainda, sobre as conceituações de texto, trazendo as diferentes perspectivas dadas ao longo do desenvolvimento da Linguística de Texto e a noção de texto utilizada nos estudos mais recentes, a sociointerativa, a qual é defendida neste trabalho. Como o gênero em análise está na modalidade oral, tratou-se sobre a oralidade, além das características dos gêneros textuais e classificações, sendo isso importante para a própria caracterização e classificação do gênero debate de acordo com as suas funções comunicativas. Esse gênero, dadas as suas características, é definido como argumentativo, uma vez que nele os candidatos procuram sempre convencer os eleitores indecisos de que eles são os melhores representantes para a presidência. Para isso, fazem uso dos processos referenciais para instaurar a argumentação em seus turnos de fala.

Desse modo, como se observou nas análises, em diferentes momentos interativos, os debatedores se utilizaram de variados processos e recursos referenciais para a constituição e manutenção do sentido, como a anáfora direta, indireta, a elipse, a anáfora especificadora, a dêixis, o encapsulamento, a categorização metaenunciativa, a recategorização anafórica e a recategorização metafórica, os quais não só promoveram reiteraões, como também reconstruíram e modificaram os objetos de discurso presentes no debate, demonstrando que a linguagem reconstrói a realidade e não simplesmente a retrata.

Desses processos, os mais recorrentes foram as anáforas diretas, a dêixis pessoal e a social, a recategorização anafórica e a metafórica. Isso responde ao primeiro questionamento: a) Quais processos da referenciação são mais evidentes no gênero debate político?. Além disso, os processos referenciais que emanaram do debate político promoveram a textualidade do gênero, uma vez que os movimentos de recuo, principalmente, mostraram a manutenção do sentido no texto, atualizando as temáticas e os aspectos discutidos ao longo das conversações entre os enunciadorees.

No que se refere aos aspectos argumentativos, os processos como a recategorização anafórica e a metafórica, ao reconstruírem os objetos de discurso, não só os reiteraram mas, principalmente, alteraram o próprio referente, acrescentando informações e características, conforme as visões de mundo dos candidatos com intuito de promover sua imagem e desqualificar a do seu opositor. Isso demonstra que esses fenômenos remissivos são altamente argumentativos. Esses fenômenos constataam como a tessitura textual e a argumentação do gênero são instaurados, respondendo ao segundo questionamento: b) De que maneira os diferentes processos referenciais contribuem para a constituição da tessitura textual e da argumentação nesse gênero?

Além do mais, as recategorizaões aliadas aos outros processos evidenciados nas análises mostraram que a linguagem não reflete a realidade como é de fato, pelo contrário, ela a reconstrói, atribuindo-lhe novos sentidos, numa perspectiva sociocognitiva, ou seja, necessitando que o público televisivo relacionasse cotexto e contexto para captar os sentidos pretendidos pelo candidato durante o debate. Isso só foi possível pelo estabelecimento de uma negociação de sentidos entre

enunciadores e o telespectador, mesmo que de maneira antecipada, já que não há uma interação direta entre eles. Assim, essa observação mostra que os três pilares da referenciação discutidos neste trabalho se fazem presentes no debate por meio desses processos referenciais, o que responde ao terceiro questionamento do estudo, o qual indagava sobre a presença desses fundamentos nesse gênero.

Em se tratando da recategorização metafórica, um novo processo de reconstrução de referentes, destacou-se que ela reelabora o real num processo complexo, no qual exige que o telespectador se utilize de processos mentais e, principalmente, sociais, para a compreensão dos sentidos, pois as metáforas produzidas necessitam de um conhecimento prévio relacionado ao contexto das discussões do debate. Isso revela como o processamento textual dos referentes é cognitivo e social e se fundamenta numa perspectiva de negociação de sentidos entre o público e os candidatos, uma vez que a construção de sentidos é sempre feita por uma negociação.

Além desses aspectos relacionados à tessitura textual, a recategorização metafórica reconstrói os objetos de discurso a partir dos pontos de vista dos debatedores, demonstrando, mais uma vez, que esse é um recurso argumentativo, já que, por meio deles, valorizam o que defendem e, ao mesmo tempo, desvalorizam a imagem do seu adversário. Assim, essas explanações respondem à última pergunta deste estudo, referente à atuação desse processo na textualidade e na argumentação no debate.

Nesse sentido, defendeu-se, então, que a referenciação não se resumiu a retomadas de referentes, mas sim se constituiu em um fenômeno amplo e complexo de reconstrução da realidade, que se fundamenta no âmbito sociocognitivo, visto que os fenômenos referenciais apresentavam processos mentais e sociais para a constituição dos sentidos no gênero, numa relação sempre negociada de sentidos entre os interactantes, presentes ou não na situação de interação (debate político). Além disso, a própria dinamicidade desse gênero oral gerou ainda mais complexidade nas análises, devido às interações acontecerem em ato, mostrando que as nuances do texto oral interferem na observação do gênero em estudo.

Tendo respondido aos questionamentos alusivos à evidência dos processos no gênero debate político; à disposição desses processos para a sua tessitura textual e

argumentação; à sustentação dos três paradigmas da referenciação (negociação de sentidos, a perspectiva sociocognitiva e a reelaboração do real); e à atuação da recategorização metafórica para a formação do sentido e da argumentação no citado gênero, pode-se afirmar, portanto, quão relevante foi este trabalho por tratar da referenciação, evidenciando, sobretudo, os objetos de discurso que circulam no dizer dos enunciadores, bem como pelo gênero analisado pertencer à oralidade, a forma mais importante de comunicação humana. Isso traz aplicações importantes não somente para os espaços acadêmicos, mas também para quaisquer áreas do conhecimento, seja filosófica, política, econômica, social e pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante In: CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA Alena. (Org.). **Referenciação**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et strategies de designation. Tradução (inédita) Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (Org.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. vol. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. ver., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p.110-175.
- FÁVERO, Leonor L. KOCH, Ingedore, G. V. **Linguística Textual: Introdução**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FIORIN, José Luiz. **Enunciação e semiótica**. São Paulo: Revista letras nº 33 – Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. New York: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **A coesão textual**. 22. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Spinardi. **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore. V.; ELIAS, Vanda. M. **Ler e escrever: estratégias de produção Textual**. São Paulo; Contexto, 2009.

_____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. O texto na linguística textual. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (org.). **O texto e seus conceitos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016b.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e Produção Textual: gêneros textuais do argumentar e do expor**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística: Expressividade na língua Portuguesa**. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, Mônica. M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena. (Org.). **Referenciação**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.

REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira.; SANTOS, Janyellen Martins; ALVES, Marta dos Santos.; SILVA, Romildo Barros da. **Análise do debate político numa visão retórico-textual**. Relatório final PIBIC. Arapiraca: UNEAL, 2016.

XAVIER, Antônio Carlos. **Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa**. Catanduva: Editora Respel, 2014.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

APÊNDICE A - Quadro de categorias referenciais

Categorias da referenciação		Definição
Retrospecção	Anáfora	Remete a um elemento ou segmento textual já introduzido textualmente.
Prospecção	Catáfora	Retoma um elemento que ainda será anunciado.
Int. de referentes ancorada	Anáfora indireta	Caracteriza por não se relacionar diretamente a um elemento explícito no contexto.
	Anáfora associativa	Ativação de objeto de discurso, numa perspectiva metonímica ou de ingrediência, em que as partes retomam um elemento já posto, relacionando-se com ele por meio de uma associação.
Algumas funções das expressões nominais	Recategorização	É um tipo de (re)ativação de referentes que permite não só a sua retomada, mas também a sua transformação no texto.
	Encapsulamento	Consiste na sumarização, na condensação de informações de segmentos textuais precedentes ou subsequentes.
	Categorização metadiscursiva	O encapsulamento ou rotulação ocorre em relação ao ato enunciativo, numa perspectiva categorizadora ou avaliativa.
	Organização micro e macrotextual	Na micro , as essas expressões atuam na articulação textual de porções textuais menores. Já na macro , essas formas nominais introduzem novos referentes ao texto, assim como novas sequencias/episódios de narrativa, sendo responsáveis, portanto, pela introdução, mudança e conexão de tópicos (e subtópicos), permitindo, assim, a manutenção tópica e, também, de sentido.
	Recategorização metafórica	É quando a perspectiva argumentativa da recategorização pode ter um viés metafórico.

APÊNDICE B – Recursos referenciais

Recursos que ativam os movimentos referenciais		
Tipos	Características	
Recursos gramaticais	Esses recursos, por sua vez, não dão instruções de sentido para o interlocutor, somente instruções coesivas.	Pronomes (pessoais, oblíquos, demonstrativos, possessivos, interrogativos, indefinidos e relativos), artigos (definidos e indefinidos), numerais, advérbios pronominais e expressões adverbiais
Recursos lexicais	Apresentam função reiterativa, desde que também sejam usados com tal finalidade.	Sinônimos, os hiperônimos e hipônimos, as expressões nominais definidas, as nominalizações, os nomes genéricos.
Elipse	É um recurso de estilo que também apresenta função reiterativa a partir da falta, apagamento de um elemento textual.	Substituição por zero.

APÊNDICE C – normas de transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Qualquer pausa	...	ao mesmo tempo criamos um maior... e um GRANde...
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	
Dúvidas ou suposições do que se ouviu.	(hipótese)	
Truncamento (junção de duas palavras ou interrupção brusca pelo interlocutor)	/	a sua proposta pros/ mais médicos
Entonação enfática	MAIÚSCULA	perdeu duzentos e sessenta bi LHÕES de reais...
Silabação	-	Inviabiliza con-cre-tamente o programa mais médicos...
Comentários do transcritor	((minúscula))	((comentários do mediador, explicação das regras do debate))
Interrogação	?	... o que o senhor acha da minha proposta... de criar o programa mais especialidades?
Quebra da sequência temática.	--	... vocês... tiveram... um -- vocês não cumpriram o que manda a constituição...
Simultaneidade de fala	[Ligando as linhas	Mediador[[Dois minutos Dilma: [[Eu
Sobreposições	[Ligando as linhas	
Interrupção da fala em determinado ponto (exceto no início)	(...)	...nesse novo saldo (...) nesse novo ciclo...
Citações	“ ”	
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação	/.../	/.../ e uma piora de todos os nossos indicadores sociais... /.../
Repetições	(reduplica-se a parte repetida)	Uma uma recessão na economi::a
Alongamento de vogal ou consoante	::	em primeiro luga::r
Pausa preenchida		Eh, ah, oh, ih::, mhm, ahã, hum etc. (conquistada no governo ahn do PSDB)

Fonte: PIBIC-Português UNEAL – Grupo Linguagem e Retórica (GLARE). Adaptado de Marcuschi (2003) e Preti (2000).

APÊNDICE D – transcrição completa do debate da Band

Debate Band – 1º do segundo turno das eleições presidenciais de 2014

0h00min27seg a 1min45seg

((Fala inicial de E3))

E3 - boa noite:... começa agora... o primeiro debate entre os candidatos à presidência da república neste segundo turno das eleições dois mil e catorze... em nome da Band gostaria de agradecer a presença dos dois candidatos e dos convidados... que estão aqui no estúdio... com este encontro... o grupo Bandeirantes reforça uma tradição de mais de TRINta anos... SEMpre inaugurando a discussão de propostas entre os postulantes dos principais cargos executivos do país... a partir de agora a candidata E1 e o candidato E2... terão a oportunidade de expOR e confrontar seus projetos... estão conosco nesta transmissão ao vivo a Band News Tv as rádios... Bandeirantes e Band News Fm e a Band internacional você também pode acompanhar o debate pela internet e pelo celular usando o aplicativo da BANd... a ordem de participação e... a posição dos candidatos foram definidas previamente em sorteio na presença de seus assessores... para começar... cada um terá dois minutos para apresentar ao BraSIL o que considera ser mais importante a realizar em seu governo... CAso vença as eleições daqui à doze DIas... a candidata E1... pela ordem do sorteio... tem... ((olha para o candidato E1)) o direito de fazer: a primeira exposição... candidata...

((Considerações iniciais de E1)) 1min47seg a 3min48seg

E1 - boa noite E3... boa noite candida::to... boa noite... e eu agradeço à Band NEssa eleição eu acredito que dois... projetos e duas visões de Brasil estarão... se apresentando... NÓS... fizemos o mais profUNdo... processo de distribuição de RENda e inclusão social das últimas décadas... tiramos... trinta e seis milhões de pessoas da pobreza extrema da miséria... e elevamos quarenta e dois milhões de pessoas à classe média... uma Argentina inteira... ao mesmo tempo criamos um maior... e um GRANde... mercado de consumo de massa o que beneficiou extremamente a economia... todos ganharam... mas ganharam mais... os que mais precisavam... eu acredito... que... nós... lançamos as bases para um novo ciclo de desenvolvimento... um Brasil modERno... mais inclusivo MAIs produtivo e mAIs competitivo... nesse novo saldo (...) nesse novo ciclo... haverá uma prioridade pra pra/ educação... a educação estará no centro de tudo... isso significa que da creche à pós graduação nós... continuaremos dando exTRÊma importância a educação a saúde... e também... a segurança pública... considero ainda... ser MUito importante para o Brasil... a discussão... de... dois valores fUNdamentais dois valores morais... um que a igualdade de oportunidade pra todos brasileiros... igualdade de oportunidades na educação::o... na saúde igualdade de oportunidades em todos serviços públicos e um combate sem tréguas a corrupção... eu venho aqui hoje apresentar as minhas propostas e pedir o seu voto... tenho certeza... que se você conhecer as minhas propostas você vai entender... que isso é necessário pra fazer o Brasil avançar... ainda mais...

3min49seg a 3min51seg

E3 - candidato E2... dois minutos ((olha em direção aos candidatos))

((Considerações iniciais de E2)) 3min51seg a 5min53seg

E2 - meu boa noite... a todos telespectadores em primeiro luga::r boa noite a candidata... ((olha para a candidata E1)) a você E3... ((olha para E3)) a verdade esse... momento esse debate da Band inaugura... a fase final de uma campanha... onde os brasileiros terão oportunidade de dizer de forma muito CLARA... o que querem pro seu futuro... a continuidade disso que aí está... ou uma mudança profun:da... a grande realidade... é que o Brasil avançou MUlto ao longo das últimas décadas... desde a estabilidade da moeda... conquistada no governo ahn do Psdb com uma ferRENha... oposição ahn do Pt... mas de lá pra cá no governo do próprio presidente L... avanços sociais importantes vieram... a partir dessa estabilidade da modernização da nossa... economia da privatização de setores que necessitavam ser privatiza::dos da lei de responsabilidade fiscal... a grande verdade... é que nos últimos quatro anos o Brasil parOU de melhorar... infelizmente qualquer que seja o próximo presidente da república... terá como herança... uma inflação saindo de contROle ahn uma recessão na economi::a uma perda crescente de credibilidade do país... e uma piora de todos os

nossos indicadores sociais... eu venho aqui hoje a esse debate da Band representar não a um partido político ou coligação de partidos... mas um sentimento um sentimento crescENte na sociedade brasileira... que quer ver o governo reconciliado... com a nossa gente... um governo que olhe para o fuTUro... governo que seja generoso... que não caia nessa armadilha da divisão do Brasil entre nós e eles entre norte e sul... eu acredito MUlto que nós podemos ter um governo... que una a eficiÊNcia com a deCÊNcia... que tenha coRAGem para manter o Brasil numa rota de crescimento resgatando... a credibilidade que nós perdemos... eu me preparei ao longo desses últimos trinta anos... não para fazer o ga -- o governo de um partido político... mas um governo... que tire o Brasil... da lanterna de crescimento econômico... e dos piOres indicadores sociais de toda nossa região... estou aqui... para apresentar... as nossas propostas...

5min54seg a 6min8seg

E3 – concluída esta primeira apresentação inicial dos candidatos... a partir DESte momento... começa o confronto diREto entre E2 e E1... veja como serão as regras... previamente acertadas com os assessores de campanha...

((apresentação de vídeo com a explicação das regras do debate)) 6mim9seg a 6min32seg

6min33seg a 6mim57seg

E3 – uma comissão presente... na emissora vai analisar os pedidos de direito de resposta... que por ventura eles surgirem... ficou acertado com as acessórias dos candidatos que só serão consideradas as solicitações em caso de ofensa pessoal... feita na ÚLtima participação de cada bloco... pela ordem do sorteio... quem faz a primeira pergunta... é a candidata E1...

((Primeiro bloco - primeira rodada))

((pergunta)) 06min58seg a 8min

E1 - candidato E2... vocês na oposição vota::ram contra a Cpmf... e com isso... a saúde brasileira... perdeu duzentos e sessenta biLHÕES de reais... quando... o governo de Minas... foi dirigido pelo senhor... vocês... tiveram... um -- vocês não cumPRiram o que manda a constituição... que é... destinar um Mínimo pra saúde... desviaram em torno de sete vírgula seis biLHÕES de reais é o que diz o tribunal de contas do estado... da... da saúde... e aí.. eu pergunto para o senhor... o senhor foi CONtra... o mais médicos... agora... a sua proposta pros/ mais médicos... INviabiliza con-cre-tamente o programa mais médicos... eu pergunto para o senhor... o que:: o senhor acha da minha proposta... de criar o programa mais especialidades?...

((resposta)) 8min01seg a 10min02seg

E2 - candidata... lamento que a senhora esteja tão desinformada ... na verdade... todas as nossas contas inclusive os investimentos em saúde foram aprovados pelo tribunal de contas... porque a senhora se lembrará que antes da regulamentação da emenda vinte e nove... que infelizmente seu governo demorou MUlto a conduzir no congresso nacional... cada estado definia com muita clareza... quais eram os investimentos na saúde... como fizeram os governos por exemplo do Pt... o governo da senhora por exemplo chegou num determinado momento a considerar os investimentos no bolsa família como investimentos em:: saúde... na verdade candidata... Minas Gerais é reconhecido pelo ministério da saúde do SEU governo... como o estado que tem a melhor qualidade de saúde de toda região sudeste... a grande verdade é que o governo federal... vem diminuNdo a sua participação ao longo dos últimos doze anos do financiamento da saúde... na verdade... quando o governo do Pt assumiu... não era ainda a senhora era o presidente L... cinquenta e seis por cento do conJUNTO dos investimentos em saúde pública vinha do governo federal... doze anos se passaram... hoje são quarenta e cinco por cento... candidata eu vou lhe dizer algo de forma muito clara... eu vi uma declaração que a senhora deu outro dia de que “olha esses tucanos veem os bons projetos e querem continuar” é CLArO que nós queremos os bons projetos estão aí para serem continuados... ninguém é dono de bons projetos... o bolsa-família vai continuar porque vocês o continuarem continuaram e unificaram a partir do bolsa escola e do bolsa alimentação... o que eu quero no Brasil é mais saú::de candidata com mais investimento do governo federal.. essa proposta que a senhora apresenta do mais especialidades... é a nossa proposta... agora eu lamento que a senhora tenha... cuidado disso ou se preocupado com isso no momento em que seu governo termina... não cuidou disso nos últimos doze anos... na verdade a impressão que eu tenho candidata... é que nós temos aqui... dois

candidatos de oposição... ((ri)) nós não temos um candidato de continuidade... quem vê sua campanha acha que a senhora não governou o Brasil ao longo de todos esses anos... lamento que não tenha FELto... ao longo do seu mandato aquilo que se propõe fazer agora...

((réplica)) 10min05seg a 11min07seg

E1 - quem vê agora... as suas propostas pensa que o senhor é um candidato da situação... ((sorri)) porque as únicas propostas sociais que o senhor apresenta... é a continuidade dos meus projetos... no que se refere a saúde... pode-se entrar no site... do tribunal de contas do estado de Minas Gerais e lá vai estar CLARo... que o governo de Minas foi obrigado a assiNAR um TERmo... de ajustamento de gestão e QUE... considerou-se que vocês desviaram... em torno de sete vírgula seis... milhões -- biLHÕES de reais da saúde... aliás em Minas Gerais vocês... não cumprem os principais programas que existem... o Samu por exemplo vocês tem o piOR -- um dos piores disim/ desempenhos... o terCELro pior desempenho... o Samu que é um sisTEma... de transporte de urgência de pessoas que são feridas nas ruas... vocês... só tem... im: VINte e oito por cento dos municípios e quaRENTa e cinco por cento da população não tem Samu... comé/ queu/ posso acreditar que o senhor vai fazer o mais especialidades ?...

((tréplica)) 11min08seg a 12min10seg

E2 - candidata... ((ri)) eu não sei quem tem lhe dado esses números... não repita... aquela oposição tão desqualificada que o Pt fez ao nosso governo a senhora repete os mesmos números... não são verdaDELros candidata... aliás não falar a verdade se tornou uma tônica da sua campanha... desde o primeiro turno nós temos propostas sim apresentadas e debatidas com enorme intensidade no Brasil a fora... o ministério da saúde do seu governo... é quem diz que Minas Gerais... governada por mim... tem a melhor qualidade de atendimento de saúde de toda região Sudeste... nós vamos aumentar por exemplo o programa saúde da família que o seu governo a-ban-do-nou um programa extraordinário criado no governo... do presidente F H... vamos criar -- vamos tratar... de formar mais médicos no Brasil... e em relação ao mais médicos... o que nói não podemos aceitar: é essa discriminação odiOSA em relação aos médicos cuBANos... que recebem cerca de um TERço do que recebem os médicos de outros países vamos cuidar: das santas ca::sas candidata... vamos reajustar a tabela do Sus... vamos cuidar com seriedade da saúde...

12min11seg a 12min15seg

E3 - candidato E2... agora... é o senhor quem faz a pergunta...

((segunda rodada))

((Pergunta)) 12min17seg a 13min18seg

E2 - candidata... desde o primeiro turno... a sua campanha tem sido marcada pelos ataques... pelas ofensas... pelas mentiras... foi assim com E C... foi assim com M... e tem sido assim comigo... inverdades... nas re::des... inverdades na sua propaganda eleitoral... a senhora diz... que eu vou acabar com a bolsa família... e a senhora sabe... que nói não vamos acabar... com o bolsa família... a senhora diz que nós vamos privatizar os bancos públicos a sua campanha alarDEla isso por toda parte... a senhora sabe que isso não vai acontecer... nós vamos pro-fis-sio-na-li-zá-los a senhora cita indicadores em relação a Minas Gerais seja em relação a mortalidade infantil a criminalidade... que não são verdadei::ros candidata... nós estamos aqui nos apresentando a todo o Brasil... para debater o fuTUro... para apresentar propostas... para tentar dar as pessoas novamente espeRANça em relação ao que vai acontecer com os seus filhos... a senhora não se arrepende candidata... de ter feito uma campanha... com ataques TÃO violentos e TÃO cruéis no primeiro turno contra os seus adversários ?...

E3 - dois minutos... 13min19seg

E1 - eu... ((resposta de E1)) 13min20seg a 15min24seg

E1 - candidato eu acho que quem faz ataques cruÉis é o senhor... e acho que o senhor distorce... todos os fatos e distorce a realidade... vocês fizeram... e dizem que foram os pais do bolsa família... quando fizeram um programa... que não é compatível com o tamanho do Brasil num tem escala nem dimensão... fizeram... um chamado bolsa escola que tratava apenas de cinco milhões de pessoas...

o bolsa família... trata de cinquenta milhõ::es de pessoas... é comPLEtamente diferente... nos bancos públicos... num sou eu que estou dizendo... o seu candidato a ministro da fazenda... ele vai a público e diz o seguinte... “temos de mudar os bancos públicos e no final não sei o que vai sobrar” E... coloca um conJUNto de menTlras candidato... sobre os bancos públicos... o Bnds é o terceiro maior banco público do Brasil... o Bnds só está atrás do banco alemão e do chinês... o Bnds empresta pra indústria E para infraestrutura... das mil maiores empresas... setecentas e cinquenta e três... são empresas em queo/ Bnds investe o banco do Brasil... é o banco que faz... TODa a política... para... o setor: aGRÍcola dos cento e oitenta BILHÕES ((não intencionalmente bateu com a mão no microfone)) desculpa... que hoje vão ser emprestados... cento e oitenta bilhões QUEM faz a maior PARte do crédito... tanto pro agronegócio quanto pra agricultura familiar... É... o banco... do BRASil... a CAIXa a caixa candidato... eu fico impressioNAda... vocês querem reduzir o papel da caixa... no setor habitacional... no financiamento habitacional... sem a caixa... não tem minha casa minha vida... então... é fantástico... vocês têm dois pesos e duas medidas... NUNca fizeram programas sociais quando puderam... SEMpre deixaram a desejar é o caso... de -- da saúde de Minas que vocês devem sete vírgula seis biLHÕES para... a saúde...

((réplica)) 15min26seg a 16min27seg

E2 - não é verDAde candidata a senhora falta com a verdade ninguém deve nada pra saúde nós temos a melhor saúde da região sudeste segundo... o seu... governo... e vou lhe dizer algo e talvez a senhora... deve saber talvez não queira admitir o maior programa de transferência de renda da nossa história contemporânea... não foi o bolsa família... fruto do bolsa esco::la do bolsa alimentação foi o plano real foi a estabilidade da moeda... que vocês combateram com toda a força... a senhora deTURpa aqui palavras do do do ex presidente do banco central A. F. o que nós vamos dar é transparência aos bancos públicos... hoje... o tesouro deve a caixa econômica federal candidata dez bilhões de reAIS porque a caixa não tá conseguindo pa aliás... ((ri)) a caixa tá pagando com seus recursos próprios até... o bolsa família... os subsídios adequados pra o minha casa minha vida vão avançar no nosso governo inclusive na faixa onde seu governo não avançou que é na faixa de até três salários mínimos... eu vou dar é transparência aos financiamentos... o que o seu governo não vem dando...

((tréplica)) 16min28seg a 17min31seg

E1 - candidato eu acho fantástico a sua forma de colocar as questões... não coLOCA no meu governo reconhecimento do governo de Minas... o governo de Minas tá CLAramente caracterizado pelo próprio ministério da saúde no caso do Samu... eles são o terCElro pior esta::do e são... a terceira... maior economia em termos de estado no que se refere ao atendimento de urgência do Samu... algo que é fundamental... além disso candidato... vocês... quan::do saem () quando o seu candidato a ministro da fazenda... entrou no governo... vocês estavam com uma inflação () com uma dívida aliás... de em torno de vinte e oito por cento... e ele saLU do governo com uma dívida de sessenta por cento... o senhor tem a segunda maior dívida é é é é recorde a segunda maior dívida... dos estados brasileiros é o estado de Minas Gerais governado pelo senhor...

17min34seg a 17min43seg

E3 - chegamos ao final do primeiro bloco... logo após o intervalo uma nova rodada do confronto direto entre os candida::tos... eleições dois mil e catorze você decide na Band...

((intervalo)) 17min44seg

((volta do intervalo)) 18min23seg

E3 – voltamos ao vivo com o primeiro debate... entre os candida::tos da presidência da república neste segundo turno das eleições dois mil catorze... estão conosco nesta transmissão as rádio Bandeirantes... a Band News Fm... a Band News Tv... e também a Band internacional... você pode também acompanhar pelo nosso porTAL... na internet ou pelo celular: usando o aplicativo da Band... veja agora as regras para este bloco...

((apresentação de vídeo com a explicação das regras do debate)) 18min50seg a 19min02seg

gostam de cortar e SEMpre cortam... cortam emprego cortam salários agora sobretudo candidato... o senhor não fala nos noventa e cinco por cento quando SEU candidato a ministro da fazenda entrou no governo... a inflação estava... sob controle... quando ele deixou o governo... um ano antes... quando o presidente L. não ERA candidato oficial ainda... a inflação chegou a sete vírgula sete... o que eu estou dizendo candidato é que nós... estamos vivendo um momento especial... com choque tanto de alimentos... e de... energia que vai passar... e... eu tenho certeza que até o final do ano a inflação estará em seis e meio por cento...

24min26seg a 24min28seg

E3 – candidata E1... é sua vez de perguntar...

((Segunda rodada))

((pergunta)) 24min30seg a 25min33seg

E1 - olha... eu queria perguntar... candidato... sobre::... a educação... a educação é prioridade no meu governo... eh... se considerar eu e o presidente L nós triplicamos o:: valor gasto na educação... da creche a pós graduação... gostaria de saber... candidato... o que o senhor acha de um programa como o Pronatec?... um programa... que foi baseado nas escolas técnicas que nós... acabamos com a proibição feita durante o seu governo... por isso... durante o governo F H C vocês construíram ONze escolas técnicas... no meu governo... eu construí.. e:: está funcionando... candidato... duzentos e oito escolas técnicas... isso... é sim:plesMENTe MIL e seiscentos por cento mais... foi por causa dessas escolas técnicas... que nós pudemos dar oportunidades para os JOvens de fazer um curso TÉCNico... pros/ adultos também... o Pronatec é isso... é baseado nessas escolas EM:: parceria com o sistema S... ((sorri))

((resposta)) 25min35seg a 27min33seg

E2 - candidata... antes de responder sua pergunta ((sorriso))... eu quero registrar aqui que estou impressionado com sua... o:: obsessão pelo::... futuro ministro da fazenda A F... talvez... por ter sido... eh... tão elogiado pelo ministro P quando assumiu o governo... se a senhora teve oportunidade não sei se teve de ler o livro do ministro P os elogios em relação a A F eram extraordinários... o presidente L quando assumiu o ((ri)) governo pediu que A F ficasse mais um tempo no banco central... ((ri)) é a história... candidata... ((ri)) é a história... felizmente... eu já tenho... um nome que sinaliza para a previsibilidade... pra credibilidade da nossa... ah... política econômica... é já é mais uma grande diferença entre nós dois... eu já tenho o meu... futuro ministro da fazenda... a senhora tem apenas o EX futuro ministro da fazenda ((sorriso))... a senhora conseguiu demitir no cargo o atual ministro... que já não tinha... ah... tanta credibilidade... apesar de merecer o meu respeito... eh.. pessoal... educação... candidata... é essencial para que qualquer país avance na busca de um futuro melhor... se você me perguntasse telespectador... ah... um orgulho que tenho na vida... foi ter levado Minas Gerais a ter o melhor educação fundamental do Brasil... eh... quando era governador... não sendo o mais rico dos estados brasileiros e tendo o maior NÚmero de municípios entre todos os estados brasileiros... o Pronatec é um bom programa... mas precisa ser aperfeiçoados... a grande maioria dos alunos do Pronatec tem uma carga horária muito pequena... até cento e vinte horas nós precisamos fazer cursos técnicos de maior:: duração porque muitos que estão se formando no Pronatec não estão encontrando uma colocação adequada... seu governo gosta muito de estatísticas... candidata... e vou dizer-lhe algo que talvez a senhora não sabe... o Pronatec é uma INSpiração... nas Etecs do governador G. A. e nas Peps do meu governo... os programas de ensino profissionalizante que começaram muito antes e foram levados ao ministério da educação eu me orgulho muito... de ter contribuído para inspirar o seu governo a fazer um bom programa... mas que precisa ser a-per-fei-ço-a-do e ra::pidamente...

((réplica)) 27min36seg a 28min40seg

E1 - candidato... o Pronatec tem oito... milHÕES de matrículas realizadas... OITO milhões... os programas que o senhor se refere... são pe peQUEnos programas pilotos... não têm escala... e mais... muitos deles... não eram... sequer gratuitos... o Pronatec É um programa gratuito pra TODOS OS BRASILEIROS que precisam de ter formação técnica... no que se refere à previsibilidade... eu... acredito que a presivibi - a gente tem de perguntar... para QUEM a previsibilidade?... Presi previsibilidade para ter... a maior... a seGUNda maior TAXA de desemprego e NÚmero de

desempregados em dois mil e dois... em relação ao MUNdo?... Só pe só só ganhamos da Chi... da... Índia que tinha quarenta e um... vocês... conseguiram ter... ONZE milhões e quatrocentos MIL desempregados em dois mil e dois... então... presivibili previsibilidade pra o desemprego?...

((tréplica)) 28mim31seg a 29min45seg

E2 - candidata... tire os olhos do retrovisor ... vamos falar pro futuro... vamos falar para quem está em casa até essa hora... nos ouvindo... vamos falar de um Brasil que pode crescer muito mais do que está crescendo... não é:: razoável... não é adequado que nós sejamos o lanterna do crescimento ao lado da Venezuela esse ano na nossa região... nós vamos crescer NADA esse ano... o reajuste real do salário mínimo que:: de dois mil e dezesseis... por exemplo... já está... estabelecido... porque é o crescimento do PIB desse ano é NADA... o seu governo... candidata... infelizmente perdeu a capacidade de atrair investimentos... perdeu a confiança dos mercados... quando eu falo em mercados... é porque esses investimentos é que vão gerar emPREgos para os brasileiros... os empregos de boa qualidade estão indo embora... candidata... o seu governo... chega ao final a meu ver de forma melancólica... a grande verdade é essa... porque fracassou na condução da economia... inflação alta... crescimento baixo... fracassou na melhoria dos nossos indicadores sociais e nós estamos aí com essas denúncias de corrupção que assustam e trazem indignação a todos os brasileiros...

E3 - candidato E2... a sua pergunta... 29min46seg a 29min48seg

((Terceira rodada))

((pergunta)) 29min49seg a 30min53seg

E2 - eu fico nesse tema... candidata... corrupção... todos nós... brasileiros acordamos... ah... a cada dia surpresos... com novas denúncias... em relação à Petrobras é algo absolutamente inacreditável... eu vi... um momento apenas... de indignação da candidata ao longo de todo esse período em que essas denúncias sucessivas... chegaram aos brasileiros... momento em que houve o vazamento de alguns depoimentos nesses últimos dias... não vi a mesma indignação da candiDATA em relação ao conteÚdo desses vazamentos... no momento em que um diretor nomeado pelo seu governo e que está devolvendo SETENTA MILHÕES DE REAIS aos cofres públicos... portanto... que assume que ROUBOU que desviou dinheiro da da Petrobras... esse diretor... que roubou... ah... esse dinheiro diz que distribuíla para que partidos políticos em especial o seu partido fossem beneficiados... quero saber... quais foram os bons serviços prestados por esse diretor segundo atesta... ah... o seu ato de exoneração da Petrobras?...

((resposta)) 30min54seg a 32min59seg

E1 - candidato... a minha indignação em relação... a tudo o que acontece... incluSlve no caso da Petrobras... é a mesma de todos os brasileiros... a minha DETERMINAÇÃO... candidato... de punir:: TODos os investigados... que sejam culpados... os corruptos e os corruptores... é... total... o que eu considero... candidato... é que FUNDamental que nós saibamos TUDO... sobre esse proce processo da operação lava jato... considero ainda... candidato... que é FUNDamental... que o país pa-re de ter impunidade... investiga... ou... finge investigar e não pune... NÓS mudamos essa realidade... quero lembrar... que duas leis aprovadas no meu governo no ano passado dão base pra esse processo... de INvestigação da Petrobras... a primeira... a lei doze mil oitocentos e trinta que garante a indepenDÊNCIA do delegado... por quê?... antes... no passado... por exemplo na 'pasta rosa'... o delegado começava a investigar mandavam ele prum exílio dourado... a outra... que REgulamentou JUSTamente a delação premiada... a doze oitocentos e cinquenta... além disso... candidato... eu me pergunto... aonde estão... todos... os envolvidos... com... o caso S?... todos soltos... aonde estão... TODos os envolvidos na compra de votos... durante a reeleição?... TODos soltos... onde estão... os envolvidos na pasta rosa?... todos soltos... aonde estão... aqueles envolvidos no... mensalão tucano mineiro?... todos soltos... aonde estão... os envolvidos... nos metrôs e na compra... de... trens de São Paulo?... todos soltos... o que eu não QUERO é isso... candidato... eu quero TODOS... aqueles culpados... presos... candidato... é essa a minha indignação e o senhor NÃO enxerga...

((réplica)) 33min04seg a 34min03seg

E2 - candidata... acho que não... so::u eu que não enxerga... na verdade a senhora... ah... busca comparar coisas muito diferentes... não queira nos igualar... candidata... o que acontece na

Petrobras... é algo extremamente grave... que jamais ocorreu nessa república e a senhora não respondeu a minha pergunta... aqui está na minha frente a ata... em que o diretor P R RENuncia ao contrário do que a senhora disse na sua propaganda eleitoral e em outro debates... ele não foi demitido... essa é a ata da Petrobras... e no final.. é dito o seguinte... “agradecemos o o senhor P R pelos releVANTES serVIços presTAdos a companhia” eu quero saber e os brasileiros querem... quais foram esses relevantes serviços?... foi a sua relação com o tesoureiro do partido... onde segundo ele... dois dos três por cento desviados iam para o partido?... não... candidata... é preciso muito mais do que um conjunto de boas intenções em final de governo para o resGATE da credibilidade da vida pública... a senhora infelizmente não tem tomado atitude que o Brasil espera nesse caso...

((tréplica)) 34min05seg a 35min09seg

E1 - candidato... eu te-nho uma vida toda... de... absoLUto combATE a corrupção e de neNHUM envolvimento com maus:: feitos... candidato... quero dizer ao senhor que... quando... este diretor foi demitido... a o conselho da Petrobras... do qual eu NÃO participava... não saBla dos atos porque ele foi demitido em aBRIL de dois mil e doze... e os fatos estão ocorrendo... GRAças ao meu governo e a MIInha investigação em... dois mil e catorze... agora... candidato... eu gostaria MUItto que o senhor explicasse aqui pro telespectador ... por que... que... aquilo TUdo que eu elenquei é outra coisa?... é é outra coisa porque não foi investigado nem punido... além disso... candidato... seria importante também que o senhor relatasse para o telespectador ... o que ocorreu em Cláudio... quando o senhor construiu UM europorto na fazenda de um familiar e entregou a chave pa-ra ele...

E3 - bom... agora pela ordem sorteada... é:: a pergunta do candidato ((olha para E2 e depois olha para E1))... da candidata E1 por favor... 35min11seg a 35min19seg

((quarta rodada))

((pergunta)) 35min20seg a 36min21seg

E1 - VOU continuar nessa questão dos europortos... eu gostaria de saber... candidato... como é que o senhor explica... ter construído um europorto que na época custava treze vírgula nove... milhões e que agora custa dezoito milhões a preços de hoje e que esse europorto foi construído num terreno de sua família... num terreno de um seu tio e a chave fica em poder dele isso não foi denunciado por mim... foi denunciado pela folha de São Paulo... tambÉM gostaria de saber sobre a pavimentação e a sani sinalização... feita... no aeroporto de Montezuma... em que... também... COINCidentemente é uma obra do governo do estado de Minas... e... SURpreendentemente quem... tem uma agropecuária lá é o senhor e suas irmãs... eu não acho... candidato... isso nada moral nem ético...

((responde)) 36min22seg a 38min23seg

E2 - eu quero responder a candidata E1 olhando nos seus olhos... a senhora está sendo leviAna... candidata... leviAna... o ministério público federal atestou a regularidade dessa obra... e eu tenho que agradecer a oportunidade de falar sobre isso... eu fiz miLHAres de obras no meu governo... miLHAres... todas elas atestadas como obras coRRetas pra beneficiar as pessoas... essa obra de Cláudio que a senhora insiste em repetir e inclusive de forma também leviana na sua propaganda eleitoral... tanto que o tse a retirou do ar... foi uma obra feita... numa área desapropriada em DESfavor de um tio avô meu para beneficiar uma região próspera onde estão mais de cento e cinquenta indústrias ... o estado determinou o valor da desapropriação em um milhão de reais... esse senhor... de mais de noventa anos de idade... ou então de noventa anos... reivindica até hoje nove milhões por esse terreno... não beneficiado... beneficiada foi a população de Minas Gerais... se a senhora tivesse aLGUma familiaridade com Minas Gerais... candidata... e não tem até porque foi a Minas Gerais mais vezes depois que virou candidata do que nos quarenta anos anteriores... saberia que essa... e TOdas as outras obras... inclusive de pavimentação asfáltica... eu levei eu levei asfalto a duzentas e vinte e cinco cidades de Minas Gerais... faltam só as quatro do governo federal... o ministério público federal disse que a obra é correta... diferente das obras do seu governo... candidata... as obras do seu governo tão todas elas questionadas ou grande parte delas... recentemente o tribunal de contas da união disse... que em na refinaria Abreu e Lima quando a senhora era presidente do conselho de administração da Petrobras... não fuja dessa responsabilidade... foi feito sobrepreço para pagar propina... propina para pagar partidos políticos que a apoiam propinas para seu partido político... a minha vida pública é uma vida honRAda...

candidata... é uma vida digna... eu deixei o governo de Minas com novenda e dois por cento de aprovação porque nós transformamos o estado com ética e com eficiência... candidata...

((réplica)) 39min24seg a 39min29seg

E1 - candidato... eu... quero dizer que o senhor está extremamente enganado com a decisão do ministério público... que o ministério público disse que não... não não aceitou a ação criminal ... mas mandou ((incompreensível)) investigar a obra do aeroporto de Cláudio no que se refere a improbidade administrativa... sabem o que é improbidade de administrativa?... mau uso dos recursos públicos... isto... é a verdade... é só ver a decisão do ministério público que mandou o ministério público federal de Minas Gerais fazer essa investigação... de outro lado... candidato... eu acredito... que o senhor também deveria responder porque... hoje no Brasil é proibido o nepotismo... e o nepotismo se caracteriza por... um emprego de familiares no governo ... e o senhor tem... uma irmã um tio três primos e três primas no governo... o senhor pode olhar o governo federal o senhor não vai achar UM parente meu...

((tréplica)) 39min30seg a 40min30seg

E2 - candidata a senhora tá com a obrigação agora de dizer aonde a minha irmã trabalha... num pode... candidata fazer uma campanha com tantas inverdades... é mentira atrás de mentira... a sua propaganda é só mentira... a senhora mente aos brasileiros pra ficar no governo... não pode ser esse vale tudo... em que a senhora transformou a campanha eleitoral... como a senhora dizia “numa campanha faz-se o diabo”... não é verdade... candidata... eleve o nível desse debate... os brasileiros estão aqui pra saber o que nós vamos fazer para o nosso futuro... eu terminei o meu mandato sem qualquer denúncia... não respondo a nenhum processo... candidata... ao contrário do seu governo... que virou um mar de lama... a grande verdade é essa... eu trago aqui a indignação... dos brasileiros e brasileiras com os quais eu encontro em toda a parte do Brasil... que me pedem que diga isso... sabe qual a palavra candidata que eu mais tenho ouvido?... é libertação... os brasileiros têm me pedido o seguinte.. “E2... nos liberta desse governo do Pt... nós não merecemos tanta irresponsabilidade... tanto descompromisso com a ética... e tanta incompetência...

40min31seg a 40min42seg

E3 - encerrado esse bloco... vamos para um breve intervalo na sequência mais uma rodada de perguntas diretas entre os candidatos... ((barulho ao fundo, plateia interfere um pouco, o mediador aumenta o tom de voz)) eleições dois mil e catorze você decide na Band...

((intervalo))

((retorno)) 40min58seg

E3 - estamos de volta... pra mais um bloco deste primeiro debate entre os candidatos E1 e E2 neste segundo turno das eleições para presidência da república... nos acompanham nesta transmissão ao vivo a Band internacional... as rádios Bandeirantes Band News fm e a Band News tv... você também pode acompanhar pela internet e pelo celular usando o aplicativo da Band... as regras são as mesmas do: bloco anterior vamos lembrá-las...

41min14seg a 41min42seg

((apresentação de vídeo com a explicação das regras do debate)) 41min56seg

((terceiro bloco - primeira rodada))

41min57seg a 42min02seg

E3 – candidata E1 pela ordem do sorteio: a pergunta que abre este bloco é sua... por favor...

((pergunta)) 42min05seg a 43min06seg

E1 – candidato... leviano... neste caso último que nós estávamos discutindo foi o senhor:... queria lhe perguntar agora... sobre... como o senhor vê a questão da violência contra a mulher... para mim é um compromisso fundamental... acredito... que a violência que afeta a mulher: atinge... os la:res...

destrói os laços família::res... inclusive prejudica jovens e crianças... ela deve ser combatida... em TODas as suas dimensões a lei Maria da Penha... foi um gra:nde avanço nesse sentido... aprovAda no governo do presidente L e re:aprovADA no meu governo porque ganhamos no supremo... se o senhor... se o senhor... olhar: a questão... da: violência contra a mulher o senhor seria capaz de extinguir... a secretaRIA... que protege os direitos da mulher:... dentro do governo federal?... o senhor faria o que:: para: garantir que essa luta: contra a violência continue?...

((resposta)) 43min08seg a 45min11seg

E2 - candidata... ninguém pode se apropriar de uma lei tão importante como essa ampla de uma (provocação) anh --- fruto de uma profUNda discussão do congresso nacional que envolveu gerações de parlamentares... eu me lembro quando essa: discussão se iniciou... muito antes até: do governo do presidente... L... foi um avanço extremamente importante... que tem que ser mantido e aprimorado... mas nós temos que avançar no apoio... candidata... aos estados e aos municípios que não têm tido a estruTURA e a condiÇÃO necessária... ao enfrentamento da violência contra a mulher... seja nos programas... disque denúncia... seja nas delegaCIAS próprias que nós temos que avanÇAR -- em Minas até avançamos... razoavelmente... o queu/ tenho dito... candidata... independente dessa ou de outra área... é que as políticas públicas para terem resulta:dos... elas não precisam ter a conduzi:-las um carro preto com chapa verde e amarela... e tÃO pouco um conjunto de dass... tenho absoluta convicção... de que nós temos como avançar... MULto no que diz respeito a proteção a mulher... a oportuna:de para as mulHERES terem um saLÁRIO mais justo mais próximo daqueles que têm os homens... nós estamos ainda extremamente longe disso... mas infelizmente... na questão da seguRANça púb:lica... também o seu governo fracassou... porque apenas TREze por cento do conjunto dos investimentos em segurança pública no BraSIL... vem da uniÃO... vem do governo: fedeRAL... oitenta e se::te por ce:nto vem dos esta:dos e dos municí:pios e os próprios fundos... seja fundo penitenciário... fundo de seguRANça... extremamente importantes para apoiAR: os estados a fazerem investimentos... até mesmo para ampliar por exemplo as delegacias de proteção A a mulher anh não chegam portanto não há planejamento...eu fui governador de estado... não sou ma:is... da impressão às vezes com algumas das suas perguntas que ainda eu sou governador... há QUATro anos não sou mais... sou senador... infelizmente... a ausência de planejamento... de transferência dos recu::rsos da área de segurança... para os estados... vem impeDINDo que eles avancem... nessa... e em outras áreas... eu tenho uma proposta que prói::be o contingenciamento dos recursos de segurança pública que pretendo implementar no meu governo... ((fala muito rápido na conclusão, talvez por conta do tempo))

((réplica)) 45min23seg a 46min18seg

E1 – candida:to... eu estou falando de violência contra a mulher:... NÓS... não nos apropriamos da lei da Maria da Penha... pelo contrário... nós incentiva:mos a sua aprovação... participamo junto com a sociedade... e com movimento de mulheres dessa aprovação... agora candidato... NÓS... encaminhamos TODa uma política de proteção... à mulher: de proteção a mulher vítima de violência...a casa... da mulher brasileira que nós tamos construindo em TODos os estados... unificando... TODos os órgãos... o ministério público... um anh... TODos os órgãos de proteção.. as as defensorias... que vai acolher: e proteger a mulher vítima de violência... ela É algo... que nó:s realizamos... além disso... candidato... no BOLsa famí:lia... no minha ca::sa minha vida... nó:s priorizamos as mulheres... no PronaTEC... as mulheres hoje são... a maioria... e além disso... também em TODa a política... com... as mulheres empreendedoras... as Mlcro e pequenas empresas hoje são SOBREtudo lidera:das... por: mulheres...

((tréplica de E2 - demonstra-se inseguro, olha para os dois lados)) 46min20seg a 47min22seg

E2 – candi... candidata... anh essa é uma questão... extremamente importante... vejo... aVANços ao longo dos últimos anos... produzidos a partir inclusive de votações importantes... no congresso nacional... eu vou voltar ao tema inicial... candidata... as boas administrações públicas... elas aVANçam naquelas experiências que deram CERTo... mas nós tamos MULto distantes ainda... de fazer: com que... a proteção a mulher chegue... principalmente... nas regiões mais distantes do país... falta sim uma ação do governo fedeRAL no campo da segurança pública... e inclua aí também a proteÇÃO a mulher:... não houve ao longo de todo esse período... do seu governo... um esforço maior... para que os investimentos da área da segurança pública pudessem anh ser investidos na sua totalidade...como não houve na saúde por exemplo... o tribunal de contas diz... que no seu gover:no... foram vinte bi:LHÕES de reais que deixaram de ser gastos... e por falar em saúde...

coloquei no meu site agora... a a aprovação de TODas as nossas contas relativas a saúde em Minas GeRAIS... pelo tribunal de contas do estado...

E3 – candidato E2... sua pergunta... 47min23seg a 47min25seg

((segunda rodada))

((pergunta de E2)) 47min26seg a 48min24seg5

E2 – candidata... vamos falar de... políticas sociais... falar das questões que interessam de PERto a vida das pessoas... andei por todo o Brasil...como a senhora também andou... durante todos esses últimos meses... e não foram poucas as vezes queu/ encontrei... pessoas dizendo... “mas senador... se o Psdb vencer as eleições é verDAde que o senhor vai acabar com os programas ahn sociais?”... é claro que não... disse isso inicialmente... e quero aqui... REafirmar... claro que não vamos acabar... nós vamos a-pri-mo-RA:-los... é claro que nói não vamos privatizar os bancos públicos... nós vamos saneá:-los... nó vamo dar transparência... ao seu funcionamento... em relação ao bndes... por exemplo candidata... quem sabe... não era hora... da senhora tirar o carimbo de seCREto... daquele financiamento que o seu governo deu a Cuba?... mas volto... a uma questão essencial... a senhora não acha... que além do bolsa família... nói não poderíamos ter outras propostas... outras medidas... que permitissem... aí sim... a superação efeTIVA da pobreza... candidata?...

((E1 demora a falar))

E3 - por favor... 48min30seg

((resposta)) 48min31seg a 50min36seg

E1 – candida:to... eu acredito que transparência... virou sinônimo de reduÇÃO do papel dos bancos públicos... o senhor me desculpa mas eu não concordo com isso... acho que o que o senhor tá querendo... é de FAto reduzir o papel dos bancos públicos... porque é isso que o senhor diz:... em todas as circunstâncias... queria dizer... que é uma... levianDAde tratar essa questão de Cuba dessa forma... queria lembrar:... que nós exportamos serviços de engenharia... gera:ndo aqui empregos... aliás... no governo... F H C fizeram o MESMO financiamento do bndes... só que... para vender: ônibus... NÓS fizemos o MESMO financiamento a empresas brasileiras... não foi A Cuba...foram empresas BRASileiras ... pra gerar emprego aqui... e disputa:mos... esses financiamentos... de serviços... porque é... uma área estraTégica no mundo... qual é a área?... vender serviços de engenharia na América Latina... hoje... nós estamos na frente... e queremos continuar... QUEM não exporta no mundo... candidato... não ganha... EU queria dizer que no caso dos programas sociais... que nós temos IMENSO compromisso... nós não condicioNAMOS nossos programas... a:: outras razões... como a:: medidas... anti populares ou impopulares e re -- ajustes fiscais e re -- cho:que de gestão... o senhor... me desculpa... mas NÓS não fizemos um programa... bolsa faMÍLIA para... cinco milhões... fizemos pra cinQUENTA milhões... no minha casa minha vida... candidato... nós chegamos a TRÊS milhões... setecentos e cinquenta MIL... moradias construídas... é o MAIOR programa... HABitacional do BRASil... até: hoje...fizemos também... candi candidato... o PronaTEC... são OITO milhões ... se eleita... farei mais DOze... por quê?... porque fizemos: escolas técnicas federais e... (convênci) – e fizemos conVÊNIOs com sistema S...

((réplica)) 50min37seg a 51min40seg

E2 – candidata... eu não consigo entender essa sua dificuldade em reconhecer... o mérito dos ou:tros... o bolsa família é um avanço vai ser continuado no nosso governo vai ser apriMORADO com o programa... família brasileira queu/ já apresentei... mas se nós fizermos aí um Dna do bolsa família candidata... me desculpe... mas o pai... será o presidente F H e a mãe será a dona R C... porque foi ali... que nós muDAMOS a compreensão... em relação... às necessidades das pessoas... o programa do seu governo... ou do governo do seu Pt... era o fome ZERO... candidata... vocês aproveitaram adequadamente o início do cadastro único... que beneficiava cinco milhões de pessoas... e avançaram... parabéns... o presidente L tem esse mérito... mas eu volto aqui... ao que disse inicialmente... o Bndes finanCIou um porto em Cuba... será que esses investimentos... de engenHARIA... essa venda de serVIÇOS não poderia ser -- ter sido feita em portos no BraSIL... com todos eles... ou grande parte deles precisando de investimentos... e foram abandoNADOS... candidata... por que a senhora não tira... o caráter de secreto DESTe financiamento para Cuba?...

((tréplica)) 51min41seg a 52min46seg

E1 – candidato... o senhor tá tentando distorcer: as minhas palavras... vou repetir... o financiamento não foi a Cuba... porque não: pode ser feito a Cuba... o financiamento só pode ser feito... a empresas brasileiras... assim como... no governo F H... fizeram um financiamento para vender ÔNIBUS... nós fizemos um financiamento pra vender serviços de engenharia... agora... candidato... o povo brasileiro JAMAIS vai acreditar nessa história que o PAI do Bolsa Família... o senhor me desculpe... aí... passou de todos os limites... chegamos a fabulação... nós estamos no perigoso terreno... da... lenda... é impoSSÍVEL... que alguém acredite... que um programa do porte e da envergadura do bolsa família... tenha origem num programa completamente distorcido... vocês JAMAIS aplicaram nenhum recurso em grandes programas soCIAIS... candidato... vocês acabaRAM... vocês impediram a:: (formação) a construção de escolas TÉCNicas fedeRAIS...

E3 – candidato: E1... agora é a senhora que faz a pergunta... 51min47seg a 51min51seg

((terceira rodada))

((pergunta)) 51min54seg a 53min57seg

E1 – candidato... eu vou fazer uma pergunta sobre segurança.... o ministério público... o conselho do ministério público em em dois mil e nove... disse que Minas tinha o terceiro pior ÍNDICE de solução de inquéritos... dois vírgula nove por cento SÓ dos inquéritos... eram resolvidos... e isso... é algo muito muito periGOSO... porque é o princípio da impunidade... OUTRA constatação é que nos dez anos... do governo... do senhor e do... (futuro) do e do próximo governador... as TAXas de homicídio... cresceram cinQUENta e dois por cento... cinquenta e seis por cento... eram... JOvens de quinze a vinte nove anos... candidato... o senhor SABE que a constituição... estipula.. que... é para os município... ((faz correção)) aliás... para os estados... a responsabilidade constitucional... da segurança... o que senhor acha disso?...

((resposta)) 54min59seg a 55min58seg

E2 - senhora candidata... apesar de muita confusa a sua pergunta eu vou... tentar ahn responde-la aqui... a senhora está mais uma vez enganada... ou mentindo... vou preferir dizer que nesse ponto a senhora está engaNADA... durante os meus oito anos de governo... oito anos de governo honRAdo em Minas Gerais... os crimes... de anh homicídios... em Belo Horizonte... a capital do nosso estado... diminuíram em TRInta sete por CENTO... os crimes violentos no estado... diminuíram quaren:ta e oito por cento... candidata... o ministério da JUSTIÇA... cheque lá... cheque com o com o ministro ahn C... demonstrou que Minas Gerais foi o estado que proporcionalmente mais investiu em segurança pública dentre TODOS os estados da federaÇÃO... mas a coisa vai bem?... claro que não vai... não vai em Minas... não vai em parte alguma do BraSIL... foram cinquenta e seis mil assassinatos no ano passado... e o governo federal?... o que diz?... terceiriza responsabilidades... essa é a marca principal do seu governo... na econoMIA... o problema é da crise internacional... não importa se vários... vizinhos... nossos... países que habitam o mesmo planeta estejam crescendo num ritmo muito mais acelerado anh do que o nosso... na segurança pública... é SEMpre a terceirização de responsabilidades... eu quero diZER a você telespectador... que no meu governo... EU vou assumir o coma::ndo de uma política nacional de segurança pública... controlando as nossas fronte:iras... fortalecendo as nossas forças arMADAS também abandonadas no seu governo... dando também a polícia fedeRAL a estrutura que ela deixou de ter... ela tem o pior ele... -- orçamento de investimento dos últimos cinco anos... nós vamos enfrenTAR numa discussão ativa... os países que hoje produzem drogas... ou matéria primas de drogas que vem matar gente aqui no Brasil... noi não temos uma política nacional de seguRANça... vou proibir o contingenciamento... que é o represaMENTO dos recursos de segurança pública para que cada estado possa saber com que contar... e planejar os seus investimentos... esse é um ótimo tema... candidata... mas mais um tema... em que seu governo fracassou...

((réplica)) 55min59seg a 57min09

E1 - confuso é o senhor... candidato... porque os cinquenta e dois por CENTO... de aumento dos... dos homicídios... tá no mapa da violência de dois mil e catorze... que é... um documento oficiAL... o senhor também... é... governador... (gosta) ex governador... gosta muito de eviTAR ser... governador... mas o senhor foi... o senhor tem de responder por isso... por exemplo... o senhor tem

de responder uma pergunta que a imprensa tá fazendo... por que que é... que não se tem... NOÇÃO de quanto foi investido... na propaganda... nas redes de emissoras... QUE vocês possuem em Minas Gerais?... agora... o que eu quero dizer sobre segurança... é que nós vamos sim... MUDAR a constituição... pra que o governo federal... que hoje não tem responsabilidade constitucional... passe a ter... e FAÇA um modelo inteGRAdo de segurança... CRIANDO... CENTros de comando e controle em TODAS as cidades dos dos vinte e sete esTAdos da federação...e tornando... isso... uma proposta de inTEGRAÇÃO com as forças armadas... a polícia federal... e as polícias estaduais...

((tréplica)) 57min11seg a 58min15seg

E2 - mais uma vez a impressão que/ tenho é que temos dois candidatos de oposição... seu partido governou doze anos o Brasil... candidata... a senhora tá quatro anos no governo... por que que não fez ISSO?... por que que não assumiu a responsabilidade... por exemplo de pelo menos executar o orçamento da área de segurança pública?... o fundo nacional de segurança... foi executado em menos de quarenta por cento... o fundo penitenciÁRIO... muito menos do que ISSO... isso é essencial para que os governos do estado possam planeJAR os seus investimeNtos... fui governador de Minas com eNORme orgulho... transformamos o estado... saí de Minas... candidata... com noventa e dois por cento de aprovação... elegemos o nosso suceSSOR... eu vejo essa sua campanha... eleitoral que quem conhece... é... E2 não vota em E2... anuncia a senhora que inclusive hoje... a senhora não tem conhecimento muito das coisas de Minas duas pesquisas divulgAdas... já mostram que eu já estou a mais de dez pontos na sua frente... o mineiro reconheCE o que foi feito... em Minas Gerais... e a senhora perdeu em Minas... porque as candidaturas de oposição... portanto... contra... o seu governo... foram amplamente vitoriosas...

58min15ses a 58min18seg

E3 – candidato E2... na sequência... agora é a sua vez de perguntar...

((quarta rodada))

((pergunta)) 58min20seg a 59min21seg

E2 – candidata... vamos mais uma vez dar oportunidade aos brasileiros de conhecerem propostas... e-du-ca-ção... não há... nenhuma... fronteira maior... do que qualquer partido que queira encontrar... um lugar adequado no mundo tenha que ultrapassar... eu acho que a senhora concordará ahn comigo... infelizmente... em todos os rankings internacionais... onde... é avaliada a qualidade de educação... no Brasil... nós estamos na lanTERna... houve um esforço de estados... houve um enfo... um esforço de municípios ao longo dos últimos anos... mas nós fracaSSAMOS... nós falhamos... por exemplo na melhoria da qualidade do ensino médio... é preciso nós resgaTARMOS a qualidade da escola brasileira... é preciso que nós possamos fazer uma regionalização uma flexibilização... dos currí... dos currículos por exemplo... do ensino médio... o que eu pergunto... a senhora... candidata... já que não foi feito até aqui... o que pretende fazer para melhoRAR a qualiDADE da educaÇÃO no Brasil... para as futuras gerações?...

((resposta)) 59min21seg à 1h01min27seg

E1 – candiDATO... eu acredito que o senhor também não vai querer que eu Diga... que... a responsabilidade do ensino médio é principalmente dos esTAdos e que neste... quesito... nós temos... uma situação lamentável... o que NÓS temos insistido... candidato... priMEIRO... fizemos o Pronatec para... tratar a questão do ensino médio... também como uma questão de formação profissional... garantino o ensino técnico de nível MÉdio... que é um ano e MEIO... não é cento e vinte MEses... candidato... e faz parte... inteGRANte do Pronatec... agora... eu considero que é... FUNdamental reforMAR os currículos... de TANto do ensino fundamental... mas SOBRETUDO do ensino médio... por quê?... porque HOJE... uma pessoa que faz... as DOZE matérias... se for reprovada em UMA DELAS... é obrigada... a repetir... TODas as outras doze – as onze matérias... por exemplo... ISSO vai levar a uma per::da de estímulo... a um NÍvel de evasão... ademais... DOZE matérias... não é algo que nós possamos considerar:: adeQUAdo para o ensino médio... nós temos feito... talvez... candidato... o:: MAIOR esforço... não vou dizer que é o maior... mas vou dizer que são os melHores resultados... dos últimos anos em educação... NÓS multiplicamos por... dois... o número de estudantes universitários... nó::s... voITAMOS a criar escolas técnicas... e a construir o Pronatec... nós... tam -- temos um programa de CREches... que está construí::no... que já construiu

e entregou duas -- MAIS de duas mil... e que está... em construção ma:is de quatro mil... EM par::eria com os municípios... ao mesmo tempo... nós temos exTREma atenção a necessidade de formaÇÃO científica e tecnológica... com o ciências sem fronteiras... levando... os NOssos estudantes a estuda:r:: nas melhores universidades do mundo...

((réplica)) 01h01min28seg à 1h02min33seg

E2 – pois bem telespectador telespectadora... a nossa proposta para a educação... começa exatamente... anh por cumprir: uma promessa que não foi cumprida pela candidata... oficiAL... a construção das seis mil creches... que ficaram pelo caminho... nós temos que garantir: a universalização do acesso das crianças de quatro anos na pré escola... estamos infelizmente lon::ge disso... temos que avançar: no ensino fundamental... e eu discordo da senhora... a questão da flexibilização do currículo deve se dar: é no ensino médio... é essa a discussão... e nós estabelecemos a meritocraCIA... avaliação por desemPENho... algo que seu governo desprezou ao longo desses doze anos... em Minas Gerais... melhorou a qualidade da educação... o professor recebe um bônus... toda a cadeia envolvida... nesse processo também... por isso levamos Minas a ter: a melhor educação fundamenTAL de todo o Brasil... e o grande desafio candidata... é enfrentarmos a qualidade no ensino MÉdio... é preciso sim... a flexibilização dos curRículos... que la-men-ta-vel-mente não foi feita... nos doze anos... de governo do PT...

((tréplica)) 1h02min35seg à 1h03min43seg

E1 - candidato... essa questão... da flexibilização dos currículos... é uma proposta que/eu apresentei LOgo no início da campanha... e quero te dizer que NÓS vamos cumpri-la... agora... é/importantíssimo lembrar que essa história das creches... tá muito mal contada... o senhor então... não entende direito dessa questão... porque... AS quantas criança de quatro ((bate sem querer no microfone)) a cinco anos estão... nas escola -- nas pré-escolas?... oiTENTA e nove por cento... candidato... por ISSO... é que é posSível... universalizar... até dois mil e dezesseis... e NÓS estamos fazendo um esforço... iMENso pra colocar as crianças de zero a três na escola... HOje... aí SIM... tem um déficit... só trinta por cento das crianças esTÃO nas creches... eu acredito candidato... que o senhor não sabe se faz creche em parceria com o município... dando dinheiro pros/ municípios... fazendo a maNUtenção das creches enquanto eles não recebem o dinheiro... do fundeb... que vocês NUNCA trataram disso... vocês NUNCA fizeram creche... nem pré-escolas...

E3 – chegamos ao final deste terceiro bloco logo após o intervalo os candidatos voltam a fazer perguntas entre si eleições dois mil e catorze você decide na Band... ((1h03min44seg à 1h04min30seg))

((intervalo))

E3 – voltamos ao vivo... com o primeiro debate dos candidatos à presidência da república neste segundo turno das... eleições dois mil e catorze... heim... estão conosco nessa transmissão... as rádios Bandeira:ntes Band News Fm... a Band News Tv e a Band internacional... você também PODE acompanhar: pelo nosso portal na internet ou... pelo celular... usando o aplicativo da Band... VAMOS relembrar as regras...

((apresentação de vídeo com a explicação das regras do debate)) 1h05min à 1h05min15seg

E3 – candidato E2 pela ordem do sorteio... é a sua vez de fazer a pergunta...

((quarto bloco – primeira rodada))

((pergunta)) 1h05min21min à 1h06min24seg

E2 – candidata... todos os telespectadores e todos os cidadãos brasileiros... percebem hoje a baiXíssima qualidade... dos serviços públicos... em todas as áreas... educação... na saúde... na segurança pública... eu introduzi em Minas Gerais a me-ri-to-cra-cia... nós passamos candidata... a remunerar melhor:: aqueles que apresentavam... melhores resultados... essa foi a razão pela qual... nós tivemos os resultados que tivemos extremamente positivos na educação... OUTros ahn na saúde... infelizmente... nenhuma proposta no campo da valorizaÇÃO do servidor que presta serviço de boa qualidade... foi incorporado no seu governo... existem experiências exitosas em VÁrios estados... da federação... umas delas no estado... do meu amigo... companheiro E... C... e em outros

esta: dos... inclusive do seu partido... por que o governo federal ao longo desses do:ze anos não buscou incorporar absolutamente NADA que privilegiasse o serviço de boa qualidade... nas suas propostas na área administrativa?...

((resposta)) 1h06min25seg à 1h08min35seg

E1 – candidato... o senhor: recentemente... teve uma condenação no supremo tribunal federal... que julgou inconstitucional... o senhor ter: contratado... sem concurso... um conjunto de funcionários públicos... e:: deTERMINOU que esses funcionários públicos fossem afastados das suas funções... ora... esses funcionários públicos... se eu não me engano em torno de noventa e oito mil... eles... são importantes porque prestam serviços na área educacional... eu quero dizer... candidato... que o senhor: não POde usar pesquisas... para contrariar resuLTados da urna... o senhor per::deu as eleições em Minas Gerais e foi... muito... mal avaliado por ter perdido... o senhor pode... é... fazer qualquer outra... é... sofisma... mas o senhor perdeu... esse é um fato incontestado... além disso candidato... eu queria dizer... que é muito importante a gente esclarecer aqui pro telespectador pro pra pessoa que até agora... está nos assistindo... a dona de casa... que:: de fato... nós estamos discutindo muito Minas Gerais... porque o senhor... teve a sua vida política lá em Minas Gerais... eu de fato... saí de Minas Gerais... mas eu não saí a passeio... viu senador... eu saí porque eu fui per:seguida pela ditadura militar... que posteriormente... me deteve por três anos... agora... candidato eu quero dizer pro senhor... que: eu acredito... fundamentalmente que o Brasil precisa... de políticas sociais consistentes... e políticas de serviço público... por quê?... porque tem um acúmulo de atraso... não investiam no Brasil... em mobilidade urBAna... o meu governo... foi o primeiro governo que investiu CENto e quarenta e três... bilhões... NOve metrôs... VÁrios VLTs... CENTO e oitenta e nove corredores de ônibus... é isso que aconteceu candidato... é um déficit na segurança - - nos serviços públicos... brasileiros...

((réplica)) 1h08min36seg à 1h09min38seg

E2 – candidata... voltando a Minas Gerais... com muita alegria... a senhora está enganada... todas as eleições que eu disputei em Minas Gerais... nos últimos anos... eu venci... e venci no primeiro turno o Pt... venci como governador... venci na reeleição... elegi meu sucessor... vamos respeitar que os mineiros... possam decidir ainda o que vai acontecer na eleição presidencial... isso é apenas um registro em razão... da sua propaganda eleitoral... essa lei a qual a senhora se refere... provavelmente muito mal informada... chama-se lei cem... na verdade ela permitia a proteção... de serventes de escolas na sua grande maioria e de professores que não tinham a proteção previdenciária... sabe com quem foi feita essa negociação... candidata?... com o governo do presidente L... sabe quem votou a favor dessa lei na assembleia legislativa?... o seu partido... o Pt... uma grande negociação que foi feita em favor dessas pessoas que em idade avançada... não tinham proteção previdenciária... O supremo toma uma decisão... que tem que ser r:espeitada... não é possível a senhora trazer um tema desse... sem conhecê-lo em profundidade...

((tréplica)) 1h09min40seg à 1h10min47seg

E1 - é porque isso não tem... sequer parentesco com a meritocracia... sinto muito mas... candidato... vocês não podem falar em meritocracia quando fazem uma ação dessas... além disso eu queria dizer uma coisa... eu acredito... que... o Brasil precisa de avançar... e acho... que esse avanço é FUNdamental que seja feito... agora... não podemos ficar ter -- mudando os fatos... o senhor perdeu na eleição... do primeiro turno... foi isso que aconteceu... por algo será que o senhor tenha perdido... até acredito que o senhor ficou muito surpreso... eu queria voltar... a uma questão... que eu considero muito importante... as creches... eu queria dizer... que nenhum dos governos tucanos... fIZERam creches em número (sequer) suficiente.. pras crianças brasileiras... acho est arrecedor: que o senhor venha falar:: pra mim de creches... nós fizemos um iMENso esforço... duas mil -- mais de duas mil creches... construídas em mais de (cento) quatro mil em construção...

E3 – candidata E1 sua pergunta... ((1h10min48seg à 1h10min49seg))

((segunda rodada))

((pergunta)) 1h10min51seg à 1h11min55seg

E1 – candidato... de uma coisa nós... do meu governo... e dos governos – e do governo do presidente L temos muito orgulho... o FAto de termos muDAdo a lógica no Brasil... que era a lógica do

desemprego... a lógica da do retrocesso... acho que o povo brasileiro tem de ter MUIto medo... porque está em questão... se vai ou não vai continuar havendo emprego... nós... nesse período de crise... em que o MUNdo desempregou sessenta milhões de pessoas... nós empregamos doze milhões... agora... que numa reunião do G vinte... dizem que as vinte maiores economias têm cem milhões de desempregados... nós criamos... no mesmo período... CINco milhões e seiscentos mil empregos... ESSA é uma realidade... que ninguém pode dizer:: que... ou está confusa... ou não é bem ou assim... ou criar uma lenda... candidato... o que o senhor fez e fará para criar empregos?...

((resposta)) 1h11min57seg à 1h14min

E2 – candidata... a senhora volta com o discurso do medo... realmente... há medo hoje na sociedade brasileira... há medo do Pt governar: por mais quatro anos... porque a grande verdade... é que os empregos estão indo embora... por uma lógica muito simples... país que não cresce... não gera empregos candidata... os empregos de melhor remuneração nesse país foram embora... porque a indústria participa hoje... na constituição do nosso produto interno num com menos do que participava há sessenta anos atrás quando J era o presidente... da república... é o pior desempenho da indústria de todos esses últimos cinquenta anos candidata... o que eu vou fazer é resgatar a credibilidade do país... eu vou atrair de novo investimentos que vão ser nossos parceiros... na infraestrutura... na nas políticas sociais ahn quando for o caso... nós temos a capacidade candidata... pelos quadros que nós temos... pela capacidade que já demonsTRAMOS no passado... de acenar para um futuro diferente desse que nós aí... hoje... estamos vendo... e vamos fazer crescimento... garantindo sim o avanço nas políticas socia:is... eu não sei por que lhe incomoda TANTo... eu dizer aqui que no Dna anh do bolsa família está sim o Psdb... a história não se muda candidata... está aqui... ((ri)) a lei que criou o bolsa família.. a lei número dez mil oitocentos e (e trinta) trinta seis diz simplesmente o seguinte... “o bolsa família será criado a partir da unificação... do bolsa escola... do vale gás... do bolsa alimen -- alimentação.. e do cadastro único” e vou abrir aspas... candidata... é preciso um pouco de generosidade... para o presidente L no dia do lançamento do bolsa família... “lembro aqui o governador M P”... disse L... “faço justiça... além de ser o estado que mais tem essa política de renda”... do Psdb... “foi o companheiro... que na primeira reunião que tivemos de governadores... sugeriu a ideia da unificação das políticas de assistência social... nesse país”... não sei se foi ele tamém anh que su que sugeriu anh... que fosse colocado na gaveta... o programa social chamado fome zero anh do Psdb – do Pt... portanto generosidade... não faz mal a ninguém candidata...

((réplica)) 1h14min02seg à 1h15min06seg

E1 - de FAto candidato... o presidente L é genoroso ... mas o senhor está fabulando... o senhor está... INventando uma história... que não existe... o bolsa família não tem... nenhum parentesco com os programas sociais dos governos tucanos... agora eu queria comentar uma questão que eu achei muito grave candidato... nós de fato... temos a menor TAXA de desemprego hoje... da história das últimas três décadas... e:... candidato... essa é uma taxa PRÓxima do pleno emprego... aí o senhor disse... que... era pleno emprego de dois salários mínimos... eu quero dizer pro senhor... setenta por cento dos trabalhadores brasileiros... ganham dois salários mínimos... NÓS... queremos avançar:: nisso... por isso criamos o Pronatec... que cês tinham proibido... além disso... candidato... só quem... nunca esteve desempregado... ou quem não tem sensibilidade pode achar que uma pessoa SEM emprego... está melhor que um pessoa com emprego... por isso... eu acredito no seguinte... eu acredito... que esse nível de emprego é FUNdamental pro país poder avançar...

((tréplica)) 1h15min08seg à 1h16min12seg

E2 - eu não consigo também achar que possa alguém ((ri)) considerar que alguém sem emprego tá melhor do que alguém com emprego... não sei... é quem disse isso... candidata... o que eu quero aqui... r::eafirmar é que nós precisamos melhorar sim a qualidade do emprego no Brasil e não será crescendo zero como nós vamos crescer esse ano... que isso vai acontecer... lamentavelmente... candidata E1... o seu governo perdeu a capacidade de inspirar confiança... o seu governo perdeu a capacidade de fazer com que os investimentos voltem ao Brasil... sem investimento... candidata... não há emprego... e os mais penalizados... serão os mais pobres... os mais penalizados serão inclusive... os detentores hoje dos programas de transferência de renda... o Brasil precisa encerrar essa fase... vamos tentar entrar numa fase virtuOSA... onde nós possamos unir o Brasil... onde nós possamos fazer esFORços SIM... para que o Brasil volte a ser respeitado... e isso passa...

exatamente... por atitudes de UM GOVERNO que venha reconhecer os eQUÍvocos que seu governo infelizmente... não demonstra capacidade de reconhecer que fracassou...

1h16min14seg à 1h16min23seg

E3 - esta:: rodada termina aqui... logo após o intervalo... voltamos para o último bloco DESte debate... eleições dois mil e catorze você decide na Band...

((intervalo))

1h16min58seg à 1h17min16seg

E3 - voltamos: ao vivo aos estúdios do grupo Bandeirantes de comunicação em São Paulo para o último bloco do debate entre os candidatos à presidência da rePública:: cada um terá agora dois minutos para fazer:... suas considerações... finais... pela ordem... sorteAda... o candidato E1 abre esse bloco...

((Considerações finais de E2)) 1h17min15seg à 1h19min14seg

E2 - eu quero:: já ao final cumprimentar o grupo Band... pela iniciativa... cumprimentar... a candidata:: E1 e me dirigir: a você que nos... acompanha até essa hora... nesses últimos dias foram dias de muita emoção pra MIM e toda a minha família... há nove dias atrás mais de trinta milhões... de brasileiros... confiaram na nossa proposta... de mudança... acreditaram... que nós temos condições sim... de reconciliar o Brasil com seu futuro... eu sou imensamente grato:: a cada um... a cada uma... desses companheiros... de lá para cá várias forças políticas extremamente importantes se somaram a nós... agradeço... a cada uma delas... na figura de dois companheiros aqui presentes... B A... candidato a vice... de M S... e W F... porta voz... da rede... mas quero agradecer:: a esse aPOIO que venho recebendo em todo o Brasil... através de duas mulheres... duas brasileiras... que honram e orgulham o Brasil... a você R C... eu quero agradecer a singeLEZA... a forma extremamente... LEve e corajosa... com que manifestou... apoio a nossa candidatura... e a você M... tenha absoluTA... certeza... de que eu saberei... a cada dia dos próximos quatro anos... se vier a ser o presidente da re: da república... honrar:: cada um dos compromissos que juntos assumimos ... eu me preparei me preparei pra dar: para dar aos brasileiros um governo honRADo... um governo eficiENTE... que avance na qualidade da saúde pública... que enfrente com coRAGEM o drama da criminalidade... que melhore a nossa qualidade da educaÇÃO... eu não permitirei que esse país seja dividido entre nós e eles... eu quero fazer o governo da converGÊNCia... o governo da solidariedade... da ge-nerosidade... É possível SIM nós termos um governo que permita que você viva melhor:: que dê novas oportunidades para seus Filhos... que respeite a obra... de OUTROS governos... é para isso queeu/ me preparei e vou assumir a presidência da república para honrar:: cada apoio... e cada voto... que vier a receber...

((aplausos ao fundo da plateia))

E3 - candidata E1... por favor suas considerações finais... 1h19min28seg à 1h19min30seg

((Considerações finais de E1)) 1h19min34seg à 1h21min42seg

E1 - agradeço... a::os organizadores da Band... agradeço ao candiDAto... agradeço a todos que nos assistiram... até agora... uma campanha uma eleição é um momento decisivo... para... que todos nós reflitamos sobre o futuro do Brasil... acredito... que::... você... que está agora... pra decidir:: você deve se perguntar: algumas coisas... se perguntar:: quem tem... mais capacidade e experiência para... garantir o que conquistamos... e avançar nas mudanças?... quem tem... compromisso verdaDEIro... com os trabalhadores... para... manter seus suas conquistas e seus direitos... mas também... para avançar: em ganhos... e protege-los... tanto nos tempos difíceis... quanto nos tempos... fáceis?... quem tem... apoio político para fazer as reformas que o país exige?... quem tem... FIRmeza para garantir:: a PROjeção do Brasil... no cenário internacional?... quem tem... hoje... o compromisso... em... gerar um novo ci::clo de desenvolvimento... para um país... MAIS moderno... MAIS inclusivo... mais produtivo e mais competitivo?... eu... como todos os brasileiros ... QUero um tempo novo... eu... como todos os brasileiros acredito... que o fundamento desse novo tempo... é... a educação... da creche à pós graduação... estimulam a ciência a tecnologia... e a inovação... garantindo melhores empregos melhores salários... quero... uma segurança... em que TOdos... governo federal governo estadual... participem... quero... um programa de mais especialidades...

quero avançar ainda MAIS na educação... peço humildemente... o voto... de vocês... e... ((aplausos da plateia)) vamos continuar: levando o Brasil pra frente...

1h21min45seg à 1h22min06seg

E3 - termina aqui... os primeiros debates entre os candidatos à presidência nesse segundo turno das eleições dois mil e catorze... mais um encontro que reforça a tradição do grupo Bandeirantes de ajudar o eleitor... sua decisão na hora do voto... ((candidatos se cumprimentam)) em nome da Band agradeço a presença dos candidatos... a audiência de todo o Brasil... e também... a todos vocês que nos acompanharam aqui nos estúdio... boa noite...